



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

SEMANA DE ORAÇÃO 1976

11 a 18 de Dezembro

UMA MENSAGEM - UMA MISSÃO - UM MOVIMENTO

Enquanto passam no écran da actualidade os acontecimentos mundiais, os irmãos dirigentes da Conferência Geral sentem profundamente ser seu dever proceder de forma a que a Igreja esteja preparada para enfrentar o momento culminante da história. Na verdade, apoderou-se dos irmãos que formam o estado-maior do movimento adventista mundial um novo espírito de autocrítica positiva, um espírito que os leva a perguntar a si mesmos: Porquê, efectivamente porquê, ainda nos encontramos neste ponto? Qual será o motivo real que constitui obstáculo ao derramamento do Espírito Santo? Porque não vemos nós maior número de indícios da Sua acção e de forma mais incontestável? Qual a origem do facto de, em diversas regiões, a Igreja cair na indiferença e manifestar tendência de se conformar aos usos e costumes dos incrédulos?

Por várias vezes, os membros reunidos em Conselho anual não têm hesitado em pôr de lado a ordem de trabalhos do comité para consagrar uma manhã inteira a examinar os problemas espirituais que a Igreja deve enfrentar. Porque, se alguma vez a Igreja sentiu uma imperiosa necessidade de conseguir o dinamismo requerido para dar o testemunho que deve dar a fim de terminar a obra de Deus, essa necessidade nunca foi tão premente como hoje.

Sentimo-nos vivamente impressionados por diversas declarações que nos transmitiu a serva do Senhor: «Se os que se propõem trabalhar pela salvação das almas se estribam na sua própria finita sabedoria, não-de certamente fracassar. Se alimentarem de si mesmos conceito humilde, confiando inteiramente nas promessas de Deus, Ele nunca lhes faltará. 'Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas.' Prov. 3:5 e 6. Temos o privilégio de ser dirigidos por um sábio Conselheiro.» — «**Obreiros Evangélicos**», pág. 79.

«Os verdadeiros obreiros na vinha do Senhor serão homens de oração, fé e abnegação — homens que mantêm em sujeição os apetites e paixões naturais. Esses não-de de dar na sua vida demonstrações do poder da verdade que apresentam aos outros; e os seus labores não serão sem resultado.» — **Idem**, pág. 80.

Deus confia aos dirigentes a responsabilidade fundamental da preparação espiritual do Seu povo, a fim de que nada constitua obstáculo ao livre derramamento do Espírito nas suas vidas e à eficácia da Sua acção. A Providência dotou cada um de nós com energias mentais e espirituais que devem necessariamente ser cultivadas até ao mais elevado grau das capacidades

individuais, por meio do exercício dos talentos naturais e pela graça de Deus. «Mas o seu êxito será proporcional ao grau de consagração e sacrifício no qual é feita a obra, e não aos dotes naturais ou adquiridos.» — **Ibidem**.

Os condutores da Igreja de Deus convidam o Seu povo a unir-se a eles durante esta Semana de Oração para dar realidade a este compromisso e consagração, a fim de que, conjuntamente, possam receber o poder espiritual indispensável à realização da sua enorme tarefa: dar a conhecer a todo o mundo esta última mensagem de advertência.

As seis comunicações, de domingo a sexta-feira, foram preparadas pelo irmão T. H. Blincoe, professor de filosofia e teologia cristã no Seminário Adventista da Universidade Andrews (E.U.A.). O tema central destas leituras é precisamente a mensagem incomparável confiada por Deus à Igreja Adventista do Sétimo Dia e destinada a toda a humanidade. O irmão Blincoe, pela sua formação e experiência, aliadas a um perfeito conhecimento da história do Movimento Adventista e dos escritos do Espírito de Profecia, estava seguramente, qualificado de forma particular para escrever estes textos. Além deles, teremos, para o primeiro sábado, um conjunto escolhido de extractos de Ellen White e,

para o último, um apelo saído da pena do irmão Robert H. Pierson, presidente da Conferência Geral.

O autor das leituras destinadas à Semana de Oração das crianças é o irmão Lorenzo Grant, a quem acaba de ser confiado o Departamento de Teologia no Southern Missionary College, no Estado do Tennessee (E.U.A.). Anteriormente, o irmão Grant ocupava o lugar de director dos departamentos da Juventude e da Temperança, ao serviço da União da Colúmbia.

Um apelo ao jejum e à oração

O último dia desta Semana de Oração, sábado 18 de Dezembro de 1976, foi consagrado para dia de jejum e oração a favor dos territórios nos quais a mensagem adventista ainda não entrou. Ellen White escreveu: «O nosso cuidado pelas regiões distantes nunca poderá ser deposto enquanto a terra inteira não for iluminada com a glória do Salvador.» — «**Obreiros Evangélicos**», pág. 470.

A tarefa da Igreja é anunciar o Evangelho e derrubar as barreiras geográficas ou quaisquer outras que se levantem contra a verdade. A mensageira do Senhor declarou: «A obra que a Igreja tiver negligenciado fazer em tempos de paz e de prosperidade, terá que a realizar no meio de uma crise terrível, nas condições mais desanimadoras e mais desagradáveis.» — **Testimonies**, vol. 5, pág. 463. Estas circunstâncias verificam-se hoje em muitos lugares do mundo. Grandes regiões, em que vivem centenas de milhões de almas, parecem, actualmente, estar fora do alcance da mensagem adventista. Nestas regiões, não podem ser utilizados para a salvação das almas nem a pregação pública, nem qualquer outra forma de testemunho permitido oficialmente. Há vastos territórios onde o nosso povo não dispõe de literatura adventista do sétimo dia na sua própria língua, nem Escola Sabatina, nem pode ter escolas denominacionais.

Parece, portanto, impossível, sob o ponto de vista humano, atingir as populações desses territórios. Contudo, chegou o tempo de acabar a Obra. Deve haver meios para atingir o coração e o espírito de

todas as pessoas. Deus quer que a Sua mensagem chegue a «toda a nação e tribo e língua e povo». Confiou-nos uma missão: «Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo em testemunho a todas as gentes e então virá o fim.» Mat. 24:14.

É perante uma tal situação que os irmãos dirigentes propõem fazer do sábado 18 de Dezembro um dia de jejum e oração. Oremos para que se abram caminhos que levem a esses territórios fechados até agora. «Em todo o mundo homens e mulheres olham atentamente para o Céu. De almas anelantes de luz, de graça, do Espírito Santo, sobem orações, lágrimas e indagações. Muitos estão no limiar do reino, esperando somente serem recolhidos.» — «**Actos dos Apóstolos**», pág. 109.

Jesus deixou bem demonstrado que as grandes realizações não podem efectuar-se senão «com jejum e oração» (Mar. 9:29). Isto é particularmente verdade quando se trata da batalha da Igreja contra os poderes ocultos que extraviam os homens.» Se os santos de Deus, com profunda humildade, jejuarem e orarem, as suas orações serão invencíveis. Jesus enviará os Seus santos anjos para resistirem a Satanás. Este será repellido e o seu poder despedaçado.» — «**Testimonies**», vol. 1, pág. 344.

No que diz respeito ao jejum, algumas pessoas podem abster-se de todos os alimentos sólidos e beber apenas água e sumos de fruta. Outros poderão comer alimentos muito simples e leves. Isto, porque o objectivo que se tem em vista é concentrar os pensamentos nas coisas espirituais.

Que o povo de Deus, portanto, marque um encontro especial junto do trono da graça, no sábado 18 de Dezembro. Imploremos em favor dos territórios que não receberam o Evangelho para que sejam concedidas sabedoria e coragem àqueles que puderem agir. E conservemos presente, no espírito, a promessa: «Porque acrescentará a Sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a.» — Romanos 9:28.

Os irmãos dirigentes da Conferência Geral

SUMÁRIO

Semana de Oração 1976

Uma Mensagem — Uma Missão
— Um Movimento

Atalhas e Portadores de Luz

Uma Mensagem Única

A Hora do Juízo

O Selo de Deus ou o Sinal da Besta

A Queda de Babilónia

Verdadeiros Membros da Igreja

A Colcha da Avó

De Joelhos e com as Mãos Postas

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

NOVEMBRO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 362

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÁNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual:	50\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro	70\$00

Atalaias e Portadores de Luz

Ellen G. White sublinha o aspecto peculiar da mensagem que os adventistas devem proclamar ao mundo.



Por ELLEN G. WHITE

EM SENTIDO especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção (1).

A segunda vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus deve ser conservada bem presente no espírito das pessoas. Tornemo-nos plenamente conscientes desta verdade: Jesus, esse mesmo Jesus que subiu ao céu, volta, escotado por todo o exército dos anjos; esse mesmo Jesus, nosso Advogado, nosso Amigo no mais alto grau, Ele que terá sabido pleitear a causa de todos aqueles que O aceitam como seu Salvador, voltará uma segunda vez para ser admirado na pessoa de todos aqueles que n'Ele tiverem crido (2).

Terceira e última mensagem

O terceiro anjo de Apocalipse 14 voa rapidamente pelo meio do céu e exclama: «Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus.» Neste texto evidencia-se a

natureza do povo de Deus. Os seus filhos foram encarregados de dar uma mensagem tão importante que são representados como se voassem para a levar ao mundo. Têm nas suas mãos o pão da vida destinado a um mundo que morre de fome. É o amor de Cristo que os impele com urgência; é, com efeito, a última mensagem. Nenhuma outra se lhe deve seguir; nenhum convite de misericórdia será feito depois que esta mensagem tiver realizado a sua obra. A responsabilidade repousa, assim, sobre todos para que façam ouvir este amável convite: «E o Espírito e a Esposa dizem: vem. E aquele que ouve diga: vem; e qualquer que tem sede venha e beba de graça da água da vida» (3).

A lei divina deve ser engrandecida; os seus reclamos, expostos em seu carácter legítimo e sagrado, para que o povo seja induzido a decidir-se pró ou contra a verdade. Contudo, a obra será abreviada em justiça. A mensagem da justiça de Cristo há-de soar desde uma até a outra extremidade da Terra, a fim de preparar o caminho ao Senhor. Esta é a glória de Deus com que será encerrada a mensagem do terceiro anjo (4).

Muitas pessoas me têm escrito para me perguntar se a mensagem da justificação pela fé é realmente a mensagem do terceiro anjo e a minha resposta tem sido: «É verdadeiramente a mensagem do terceiro anjo.» O pro-

feta (João) declara: «E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória.» (Apoc. 18:1). O brilho, a glória e o poder devem estar associados com a mensagem do terceiro anjo, e em todos os lugares em que ela for pregada na sua qualidade de manifestação do Espírito Santo, despertará a convicção (5).

A primeira e a segunda mensagens foram dadas em 1843 e 1844, e encontramos agora sob a proclamação da terceira; mas todas as três mensagens devem ainda ser proclamadas. É simplesmente tão essencial agora como antes, que elas sejam repetidas aos que estão buscando a verdade. Pela pena e pela palavra devemos fazer soar a proclamação, mostrando-lhes a ordem e a aplicação das profecias que nos trazem à mensagem do terceiro anjo. Não pode haver terceira sem primeira e segunda. Devemos dar estas mensagens ao mundo em publicações, em discursos, mostrando em termos de história profética as coisas que aconteceram e as que hão-de acontecer (6).

No decorrer do vasto conflito no qual o mundo inteiro será envolvido, o sábado será, verdadeiramente, o problema fundamental (7).

O memorial do sábado, que declara quem é o Deus vivo, o Criador dos céus e da Terra, foi violentamente arrancado, e foi dado ao mundo, em seu lugar, um sábado espúrio. Assim foi feita uma brecha na lei de Deus. Um sábado falso não podia ser destarte verdadeiro ...

O sábado exaltado

No capítulo cinquenta e oito de Isaías, é especificada a obra dos que adoram a Deus, o Criador dos céus e da terra: «E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarão os fundamentos de geração em geração.» Isa. 58:12. (Diz a versão actualizada: «Levantarás os fundamentos de muitas gerações.») O memorial de Deus, Seu sábado do sétimo dia, será erguido. «Serás chamado reparador de brechas, e restaurador de veredas para que o país se torne habitável. Se desviáres o teu pé de profanar o sábado (não mais o pisares sob os teus pés), e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia, mas se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares ...; Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra, e te sustentarei com a herança do teu pai Jacob, porque a boca do Senhor o disse.» Isa. 58:12-14, trad. actualizada.

A história da igreja e do mundo, os leais e os desleais, é aqui plenamente revelada. Os fiéis, sob a proclamação da mensagem do terceiro anjo, puseram os pés no caminho dos mandamentos de Deus, para respeitar, honrar e glorificar Aquele que criou os céus e a terra. As forças da opo-

sição têm desonrado a Deus fazendo uma brecha na Sua lei, e quando a luz da Sua Palavra tem chamado a atenção para os Seus santos mandamentos, revelando a brecha feita na lei pela autoridade papal, então, para se livrarem da convicção, os homens têm buscado destruir toda a lei. Podem eles, porém destruí-la? Não; pois todos os que examinarem as Escrituras verão por si mesmos que a lei de Deus permanece imutável, eterna, e o Seu memorial, o sábado, durará pelos séculos eternos, apontando ao único Deus verdadeiro em distinção de todos os deuses falsos (8).

Mas a fim de santificar o sábado, os homens precisam ser eles próprios santos. Devem, pela fé, tornar-se participantes da justiça de Cristo. Quando foi dado a Israel o mandamento: «Lembra-te do dia do sábado, para o santificar», o Senhor disse-lhes também: «E ser-Me-eis homens santos.» Só assim poderia o sábado distinguir Israel como os adoradores de Deus (9).

Assim como o sábado foi o sinal que distinguiu Israel quando saiu do Egito para entrar em Canaã, é, também, o sinal que deve distinguir o povo de Deus que sai do mundo para entrar no repouso celestial. O sábado é um sinal de afinidade entre Deus e o seu povo, sinal de que este honra a Sua lei. É o distintivo entre os fiéis súbditos de Deus e os transgressores.

Do meio da coluna de nuvens, Cristo declarou, acerca do sábado: «Certamente guardareis os Meus sábados; porquanto isso é um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica.» Exo. 31:13. Dado ao mundo como o sinal do Criador, o sábado é também o sinal de Deus como nosso Santificador. O poder que criou todas as coisas é o que torna a restaurar a alma à Sua própria semelhança. Para os que guardam o sábado, esse dia é o sinal da santificação. A verdadeira santificação consiste na harmonia com Deus, na imitação do Seu carácter. Essa harmonia e semelhança são alcançadas pela obediência aos princípios que são o transunto do Seu carácter. E o sábado é o sinal da obediência. Aquele que de coração obedecer ao quarto mandamento, obedecerá a toda a lei. Será santificado pela obediência (10).

Em contraste com os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus, o terceiro anjo indica uma outra classe, contra cujos erros profere solene e terrível advertência: «Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá o vinho da ira de Deus» (11).

Receber este sinal significa aderir ao partido escolhido pela besta, defendendo as mesmas ideias que ela, em oposição flagrante com a Palavra de Deus...

Se, depois de ter recebido a luz da verdade que enaltece a importância do sábado prescrito pelo quarto mandamento e que prova que a observância do domingo não tem nenhum

fundamento na Palavra de Deus, continuardes fiéis a um falso sábado, recusando santificar aquele que o próprio Deus designa como «o dia de repouso consagrado ao Senhor», receberdes, nesse momento, o sinal da besta. Quando é que tal facto se dá? Quando, sabendo perfeitamente que a Bíblia nos apresenta o domingo como um dia normal de trabalho, obedecerdes ao decreto que vos ordena suspender as vossas ocupações seculares ao domingo para adorar a Deus, e consentirdes assim em receber o sinal da besta, rejeitando, por esse mesmo facto, o selo de Deus (12).

Ainda não chegou o tempo de prova. Há cristãos verdadeiros em todas as igrejas, inclusive na comunidade católico-romana. Ninguém é condenado sem que haja recebido iluminação nem se compenetrado da obrigatoriedade do quarto mandamento. Mas quando for expedido o decreto que impõe o sábado espúrio, e o alto clamor do terceiro anjo advertir os homens contra a adoração da besta e da sua imagem, será traçada com clareza a linha divisória entre o falso e o verdadeiro. Então os que ainda persistirem na transgressão receberão o sinal da besta.

A passos rápidos aproximamo-nos desse período. Quando as igrejas protestantes se unirem com o poder secular para amparar uma religião falsa, à qual se opuseram os seus antepassados, sofrendo com isso a mais terrível perseguição, então o dia de repouso papal será tornado obrigatório pela autoridade mancomunada da Igreja e do Estado (13).

Os homens exaltaram os princípios do diabo acima dos que regem nos Céus. Aceitaram o sábado espúrio instituído por Satanás como o sinal da sua autoridade. Entretanto, Deus imprimiu o Seu selo ao Seu estatuto real. Cada instituição sabática traz o nome do Seu Autor, a marca indestrutível que revela a Sua autoridade. A nossa missão é levar o povo a compreender isto. Devemos mostrar-lhe no que importa trazer o sinal do reino de Deus ou do reino da rebelião, porque cada qual se reconhece súbdito do reino cujo distintivo aceita. Deus chamou-nos para desfraldar o estandarte do Seu sábado, que está sendo calcado a pés. Que importância tem, pois, que o nosso exemplo de guardar o sábado seja correcto (14)!

O triunfo assegurado

Satanás tem sido perseverante e infatigável nos seus esforços para levar avante a obra que começou no Céu — mudar a lei de Deus. Tem tido êxito em levar o mundo a crer na teoria que ele apresentou no Céu antes da sua queda, de que a lei de Deus era defeituosa e necessitava ser revista. Grande parte da professa igreja cristã, pela sua atitude, se não por suas palavras, aceitou o mesmo erro. Se, porém, a lei de Deus foi mudada num jotta ou num til, Satanás ganhou

na Terra aquilo que não pôde obter no Céu. Ele preparou os seus enganosos laços, na esperança de levar em cativo a igreja e o mundo. Mas nem todos serão enlaçados (15).

Quando a tempestade da perseguição irromper sobre nós, as ovelhas verdadeiras ouvirão a voz do verdadeiro Pastor. Serão feitos esforços com espírito abnegado para salvar os extraviados; da mesma forma, muitos daqueles que têm estado longe do rebanho serão reintegrados no aprisco, seguindo as pegadas do supremo Pastor. Verificar-se-á igualmente uma harmonização no seio do povo de Deus, de tal forma que ele ficará em condições de poder apresentar ao inimigo uma frente unida. Em presença do perigo comum, a luta pela supremacia extinguir-se-á por si própria; não haverá então contendas para saber quem deve ser considerado mais importante que os outros. Nenhum dos crentes genuínos dirá: «Eu sou de Paulo! — e eu de Apolo! — e eu de Cefas!» (I Cor. 1:12). O testemunho de cada um, individualmente, e de todos em conjunto será: «Unir-me-ei com decisão a Cristo, e alegrar-me-ei n'Ele como meu Salvador pessoal» (16).

A hora dos juízos devastadores de Deus será também o momento oportuno para aqueles que não tiveram ocasião de conhecer a verdade. O Senhor voltará para eles o Seu olhar cheio de ternura. O Seu coração, transbordando amor, entenece-se constantemente e o Seu braço permanece estendido, pronto para salvar o pecador arrependido, ao passo que a porta fica fechada para aqueles que recusam entrar. A um grande número daqueles que, mesmo nos últimos dias, ouvirem a verdade pela primeira vez, será concedida a entrada no Seu reino (17).

O Espírito será derramado sobre todos quantos se submeterem às Suas sugestões e, pondo à margem todo o maquinismo humano, as suas regras inibidoras e cautelosos métodos, proclamaram a verdade com a força do poder do Espírito. Multidões receberão a fé e unir-se-ão aos exércitos do Senhor (18).

1. Testemuhos Selectos, vol. III, pág. 288.
2. Manuscrito 31, 1896.
3. Testimonies, vol. 5, págs. 206, 207.
4. Testemuhos Selectos, vol. II, págs. 373, 374.
5. Review and Herald, 1 de Abril de 1890.
6. Mensagens Escolhidas, liv. 2, págs. 104, 105.
7. S.D.A. Bible Commentary, vol. 7, nota de Ellen White sobre Apoc. 14:9-12.
8. Mensagens Escolhidas, liv. 2, pág. 107.
9. O Desejado de Todas as Nações, pág. 206 (ed. de Portugal).
10. Testemuhos Selectos, vol. III, págs. 16, 17.
11. O Grande Conflito, pág. 350 (ed. de Portugal).
12. S.D.A. Bible Commentary, vol. 7, nota de Ellen White sobre Apoc. 14:9-12.
13. Evangelismo, págs. 234, 235.
14. Testemuhos Selectos, vol. III, pág. 19.
15. Mensagens Escolhidas, liv. 2, pág. 107.
16. Testimonies, vol. 6, pág. 401.
17. S.D.A. Bible Commentary, vol. 7, nota de Ellen White sobre Apoc. 14:6-12.
18. Evangelismo, pág. 700.

Uma Igreja Única

O nascimento e a história do movimento adventista realizam as predições da profecia.



Por THOMAS H. BLINCOE

Temos nós o direito de afirmar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia constitui a verdadeira igreja remanescente? Não será um pouco arriscado fazer tal afirmação? Algumas pessoas perguntam a si próprias se será realmente necessário divulgar uma tal pretensão e se não seria suficiente que nos considerássemos um dos vários ramos do cristianismo, dotado, evidentemente, de características novas, interessantes, mas de forma alguma essenciais à salvação. Aonde foram os nossos antepassados espirituais buscar esta ideia de que o nosso movimento é a Igreja remanescente suscitada pelo próprio Deus? Dar-se-á o caso de que, seguindo a tendência das organizações que, inicialmente, encontram dificuldades a vencer, eles tenham sido demasiadamente zelosos nos seus esforços para fazer avançar a obra? Agora que constituímos uma igreja bem organizada, melhor conhecida, implantada no mundo inteiro, em pleno desenvolvimento, cujos efectivos atingem 2.500.000 membros, temos ainda necessidade deste género de estimulantes? Além de que, pode notar-se que vivemos numa época muito diferente da deles, muito mais esclarecida, em que a unidade entre os grupos cristãos está na moda e em que a tendência é de fazer esforços para descobrir, de preferência, o que possa existir de bom em todas as religiões.

Em resumo: porventura a reivindicação de outrora, feita pela Igreja

Adventista, de ser ela a Igreja de Deus nos últimos dias é ainda válida? Julgamos poder responder, sem hesitação alguma, afirmativamente.

Se consultarmos o *Manual da Igreja*, no parágrafo intitulado «O Voto Baptismal e o Baptismo» (ed. 1974, págs. 59-61), encontraremos uma lista de treze questões, introduzidas pela frase seguinte: «Na presença da igreja, as perguntas seguintes devem ser respondidas afirmativamente pelos candidatos ao baptismo.» O espaço de que dispomos não nos permite recordar aqui a substância dessas treze questões, das quais, apenas uma interessa evocar dentro do âmbito do nosso assunto. Trata-se, precisamente, da última que é formulada desta maneira: «Credes que a Igreja Adventista do Sétimo Dia constitui a igreja remanescente, e desejais ser aceites na sua comunhão?»

É evidente que os autores do *Manual da Igreja* consideram a Igreja Adventista como a Igreja remanescente, movimento de origem divina. Se quisermos saber quem são os autores desse manual, bastará lermos o seu prefácio, que é assinado pelo Conselho da Conferência Geral.

A Conferência Geral tem o cuidado de nos fazer compreender que não é ela a autora da afirmação implicada na referida questão n.º 13. Com efeito, o artigo 27.º do parágrafo intitulado «Instrução doutrinária para os candidatos ao baptismo» (ob. cit., pág. 53) que constitui a sua réplica, refere-se,

logo de início, à autoridade das Escrituras, apoiando-se numa série de textos bíblicos. A Bíblia, neste caso ainda, permitir-nos-á aclarar as coisas; é, portanto, a ela que queremos referir-nos.

O décimo capítulo do livro do Apocalipse contém uma profecia interessante por mais de um motivo. Ela surge-nos como um parêntesis situado entre a sexta e a sétima trombetas, o que nos permite situá-la no tempo e obter, simultaneamente, a chave da sua interpretação. Vale a pena reler todo este capítulo 10 do Apocalipse.

‘E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem, e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo; e tinha na sua mão um livrinho aberto. E pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra; e clamou, com grande voz, como quando brama o leão; e, havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes. ‘E, sendo ouvidas as vozes dos sete trovões, eu ia escrevê-las, e ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas. ‘E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu. ‘E jurou, por Aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora; ‘Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, Seus servos.

‘E a voz que eu, do céu, tinha ouvido, tornou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. ‘E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas, na tua boca, será doce como mel. ‘E tomei o livrinho, da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo. ‘E ele disse-me: Importa que profetizes, outra vez, a muitos povos, e nações, e línguas e reis.

Embora a sétima trombeta não seja descrita senão nos versículos 14 a 19 do capítulo 11, o facto de ela ser mencionada no versículo 77 de Apocalipse 10 indica bem que a profecia contida neste capítulo está estreitamente ligada com a sétima trombeta e com o cumprimento do «mistério de Deus». Segundo diversos textos (Rom. 16:25; I Cor. 2:7; Efés. 3:8, 9; Col. 1:25, 27; 2:2), este «mistério» é pura e simplesmente o Evangelho de Jesus Cristo.

Uma análise de Apocalipse 11:14-19, posta em paralelo com Daniel 7 a 9, permite-nos concluir que os acontecimentos que preparam os que são simbolizados pela sétima trombeta deveriam desenrolar-se entre 1844 e a segunda vida de Cristo. Logicamente, aqueles que são evocados em Apo-

calipse 10 deveriam, portanto, ter lugar, igualmente, durante este mesmo lapso de tempo. De que acontecimentos se trata?

Os seis primeiros versículos de Apocalipse 10 dão o significado daquilo que descobriremos mais longe como sendo a mensagem do primeiro anjo:

1) Chama-se a atenção (v. 1) para a identidade do «anjo forte» que desce do céu, sendo portador de uma proclamação: «este não é outro senão o próprio Jesus (cf. Apoc. 1:13-16).

2) É salientado o alcance mundial da mensagem (vs. 2 e 5).

3) É indicado que esta mensagem está estreitamente ligada a um acontecimento que deve marcar o fim do tempo profético:

«Nos dias da voz do sétimo anjo... se cumprirá o mistério de Deus (v. 7).»

Os versículos 8 a 11 de Apocalipse 10 e os dois primeiros versículos do capítulo 11 descrevem de forma precisa e sucinta a experiência pela qual passará o povo escolhido de Deus na proclamação da mensagem do primeiro anjo, da qual ele foi encarregado.

Como vemos mais adiante, se se comparar o conteúdo de Apocalipse 10 com a história do movimento adventista, desde o seu nascimento em 1831, ver-se-á, sem dificuldade, que este movimento cumpriu perfeitamente a profecia do apóstolo João até aos mais pequenos pormenores.

Aludindo à razão de ser da profecia, disse Cristo: «Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis.» (João 14:29). Sabe-se que, a exemplo do seu Mestre, os apóstolos convidavam incessantemente os seus contemporâneos a aceitar Jesus como o Messias, para o que tomavam como fundamento os escritos dos profetas, mostrando que havia concordância entre as profecias e o seu cumprimento.

A realização de uma profecia

Para nós, o aparecimento e desenvolvimento do movimento adventista no palco da história, a partir de meados do século XIX, constituem uma realização da profecia de Apocalipse 10, escrita mais de 1700 anos antes, sob a inspiração divina, por João, deportado na ilha de Patmos. Neste ponto, encontramos sobre terreno sólido. A Igreja Adventista não deve a sua existência, de forma alguma, à vontade dos homens, mas entrou na história pela vontade do próprio Deus. Como poderíamos nós subestimar um tal privilégio?

Apocalipse 14:6-12 contém, como se sabe, a mensagem dos três anjos. Que indicação encontramos ali que diga respeito à época à qual se referem estas mensagens? No versículo 7, deparamos com este significativo membro de uma frase: «Porque é vinda

a hora do Seu juízo.» Esta declaração constituía a trave mestra da mensagem difundida pelo movimento adventista que nasceu durante o ano de 1831, sob o impulso providencial de Guilherme Miller.

Apaixonado pelo estudo das profecias bíblicas, este humilde e piedoso lavrador americano — que viria a receber algum tempo depois as credenciais de pregador baptista — tinha compreendido a ligação entre este aviso do julgamento e a profecia das 2.300 tarde e manhãs de Daniel 8 e 9.

De acordo com a crença da época, ele interpretava o «santuário» mencionado em Daniel 8:14 como simbolizando toda ou parte da terra. Quanto ao «juízo» evocado em Apocalipse 14:7, assimilava-o à purificação que é mencionada em Daniel 8:14. Calculando, na sequência de uma série de teólogos, que, em linguagem profética, um dia equivale a um ano solar, e que o ponto de partida dos 2.300 anos era, segundo toda a evidência, o ano 457 a.C., chegou à conclusão de que Cristo devia voltar para purificar o mundo pelo fogo e reunir os Seus eleitos cerca do ano judaico 1843, que correspondia de facto à Primavera de 1844. Desta forma, Miller escrevia o seguinte: «Em 1818, depois de dois anos de estudo da Bíblia, cheguei assim à conclusão solene de que, dentro de cerca de vinte e cinco anos, todas as coisas deste mundo atingiriam o seu termo.» — **Apology and Defence**, págs. 11, 12.

Foi nestas circunstâncias que o movimento adventista foi suscitado por Deus com o fim de proclamar a primeira mensagem de Apocalipse 14. Ateada pelo sopro do Espírito Santo, esta propagou-se como um autêntico incêndio na floresta. Segundo Ellen White, esta mensagem, que ressoou pelos quatro cantos do globo, e até longínquas estações missionárias, representava o maior despertar religioso desde o Pentecostes. (Ler **O Grande Conflito**, págs. 288-301). Nos Estados Unidos, Guilherme Miller, Josias Litch, Carlos Fitch, José Bates e muitos outros formavam a guarda avançada da mensagem adventista. Na América do Sul, era o padre chileno Manuel de Lacunza Y Díaz, cuja obra «A Vinda do Messias em glória e majestade», traduzida em várias línguas, teve uma influência considerável em muitos meios. Em Inglaterra era Eduardo Irving e, cerca de 1844, outros pregadores em número não inferior a seiscentos, anunciavam nesse país a boa nova da volta iminente de Jesus Cristo. Quanto à Europa, deve mencionar-se, entre outros, o pastor Luís Gausson, professor de teologia em Genebra e autor de **Daniel, o Profeta**, assim como o professor J. H. Richter, director do seminário em Barman (Alemanha). Em França, estes dois homens tinham sido precedidos pouco antes pelo jurista Pierre Jean Agier, vice-presidente do Supremo Tribunal de Paris, e que falecera em 1823.

Até mesmo criancinhas, impelidas pela Providência, se fizeram eco da alegre nova na Escandinávia, tomando assim o lugar dos pregadores adultos rapidamente reduzidos ao silêncio pelo clero instituído. Na África, no Próximo Oriente e na Ásia, durante um quarto de século, o arauto da volta de Jesus foi José Wolff, infatigável pregador de origem judaica, o qual, depois dos estudos feitos num colégio católico em Roma, viria finalmente a abraçar a fé protestante.

Nesta época, o mundo vivia verdadeiramente num clima de expectativa, a ponto de um historiador moderno, falando do século XIX, ter podido escrever, não sem alguma ironia: «Doravante, sem se saber como, o número de profetas multiplicar-se-á cada vez mais» (Paul Vulliaud). Grande número de homens e mulheres preparavam-se para encontrar o soberano Juiz de toda a terra. Nos Estados Unidos, nação de tradições protestantes, numerosas igrejas abriram as suas portas àqueles que proclamavam a mensagem da próxima vinda de Jesus. Todavia, à medida que se aproximava o dia esperado, a oposição eclodia um pouco por toda a parte, de tal forma que muitos crentes acabaram por ser colocados perante esta alternativa: ou permanecerem fiéis à mensagem da volta de Jesus, de tanto valor aos seus olhos, e ser excluídos das suas igrejas, ou então permanecerem nas suas respectivas comunidades e serem levados mais cedo ou mais tarde a rejeitar a mensagem adventista. Isto verificou-se particularmente durante o período que sucedeu à primeira decepção sofrida pelos crentes adventistas na primavera do ano de 1844.

Em 1844, durante o verão, a mensagem do segundo anjo começou a ser pregada por aqueles cuja fé na mensagem do primeiro anjo tinha permanecido inalterável, apesar do alongamento inesperado do prazo inicialmente estabelecido, incompreensível à primeira vista. Aquilo que estes crentes viam na segunda mensagem era, principalmente, uma alusão directa as igrejas dos Estados Unidos, atingidas de decadência espiritual por terem rejeitado a mensagem do primeiro anjo.

Depois, perto do fim do verão, foi organizada a reunião campal de Exter (New Hampshire). Era lá que viria a ressoar aquilo a que se tinha convenido chamar «o clamor da meia-noite», na sequência das pesquisas levadas a efeito por Samuel Snow, que lhe tinham permitido descobrir um erro de seis meses no cálculo da data indicada como ponto de partida dos 2.300 anos. Graças a estas pesquisas, compreendeu-se rapidamente que o decreto que ordenava a restauração e a reconstrução de Jerusalém (Daniel 9:25) não fora cumprido antes do outono do ano 457 a.C. De modo que uma nova data, 22 de Outubro de 1844, ia ser proposta, como sendo a da segunda vinda de Cristo. Realmente, o décimo dia do

sétimo mês (Lev. 14:29, 30), dia da festa da Expição, não devia cair na primavera, como se tinha pensado até então, tomando como base o calendário rabínico, mas, segundo o calendário dos Judeus caraitas, no mês de Outubro, isto é, por ocasião da lua nova do sétimo mês do ano civil. Ora, nessa época, os adventistas estavam convencidos de que a festa da Expição prefigurava nem mais nem menos que o grande dia da volta de Cristo.

Mas como tinha Deus podido permitir a decepção que eles tinham sofrido na primavera de 1844? De resto, não haveria nenhuma parte da Bíblia um texto susceptível de lhes mostrar que a Providência tinha efectivamente previsto um alongamento do prazo antes da chegada gloriosa do seu Senhor?

A força de sondar a Palavra de Deus, o povo adventista acabou por encontrar na parábola das dez virgens (Mat. 25) uma ilustração muito esclarecedora da experiência que eles estavam a viver: «Como o esposo tardava, todas (as virgens) tosquenejaram e adormeceram (v. 5). Os adventistas passavam, pois, por um tempo de espera; era-lhes imposta uma demora. Mas eis que «no meio da noite» (v. 6), por outras palavras, a meio caminho entre a primavera e o outono deste ano 1844, uma nova evidência se lhes apresentava, arrancando-os bruscamente do seu torpor. A partir de então, começaram a preparar as suas lâmpadas (v. 7) e, impelidos por um ardor renovador, partiram a anunciar por toda a parte: «Aí vem o esposo, saí ao seu encontro.»

Na América do Norte, cerca de 50.000 pessoas responderam a este apelo e caminharam resolutamente ao encontro do Esposo divino. Assim pode-se imaginar a amargura da sua decepção quando passou o dia 22 de Outubro sem que tivessem podido assistir ao regresso do seu Salvador. Aqueles que passaram por um tal desapontamento tiveram, evidentemente, muita dificuldade em ver a mão de Deus pronta a conduzi-los através dessas horas sombrias. E, contudo, esta mesma palavra profética, tão rica de certezas, sobre a qual a sua fé se

apoiara, continha a resposta às perguntas que obcecavam os seus espíritos perturbados: Porque não veio Jesus? Em que nos enganámos nós? Teríamos, porventura, cometido um simples erro de cálculo?

Sob a guia de Deus

Naquele momento, a fé do povo adventista foi rudemente provada. Em todo o caso, aqueles que se tinham deixado arrastar na esteira do movimento, impelidos por motivações puramente emocionais, não tardaram a abandonar a sua bem-aventurada esperança. Em compensação, aqueles cuja fé estava profundamente enraizada na Palavra divina, permaneceram firmes como a rocha, inabaláveis, apesar do desfalecimento dos seus antigos cor-religionários e a troça dos incrédulos. Porque, contra ventos e marés, eles estavam persuadidos de que Deus continuava a ser o seu guia. Para eles, que eram homens de uma piedade genuína, isso era uma evidência inegável.

Como tinham aprendido o que era a força da oração, começaram, por isso, a orar. Tendo experimentado no passado, como o estudo das Escrituras é enriquecedor, dedicaram-se a estudar as suas Bíblias melhor do que nunca. Sucedesse o que sucedesse, desde o alvorecer do movimento, a oração fervorosa aliada ao estudo apaixonado dos textos sagrados tinham sido para eles o seu mapa e a sua bússola. Até então, Deus tinha-Se servido destes meios para conduzir o Seu povo sob um céu pesado de ameaças e através de terríveis temporais. É certo que, presentemente, eles deviam defrontar-se com uma tempestade com a qual nada tinham visto de semelhante, mas acontecesse o que acontecesse, estavam decididos a não abandonar o navio. Redobram, portanto, de vigilância, a fim de seguir o melhor itinerário (Actos 17:27), pondo sem reservas a sua confiança n'Aquele que os tinha guiado ao longo de toda a viagem até ao porto de segurança absoluta e eterna.

E eis que, enquanto oravam e estudavam as Escrituras, a luz do alto penetrou através das trevas espessas

que parecia que haviam de vir a sufocá-los irremediavelmente. Sob o impulso do Espírito Santo, uma verdade completamente nova, brotando das profecias de Daniel e de Apocalipse, começou a ganhar forma perante os seus olhos que, pouco a pouco, se libertavam das suas escuras.

Durante as semanas que seguiram imediatamente a segunda decepção de 1844, eles tinham centralizado as suas pesquisas na doutrina do santuário. Era, de resto, o que se subentendia da profecia de Apocalipse 10 e dois primeiros versículos do capítulo 11. Este novo estudo do assunto teve o efeito de projectar uma nova luz sobre a mensagem do primeiro anjo, da qual tinham sido os proclamadores desde 1831 e, nomeadamente, sobre esta frase: «É vinda a hora do Seu juízo.» Iam, finalmente, conhecer a solução do enigma proposto pela sua grande decepção do outono de 1844. A chave deste enigma pode ser assim resumida: naquele ano memorável, Jesus não devia sair dos átrios celestes para voltar à terra, mas penetrar no lugar santíssimo do Santuário celestial, a fim de inaugurar a segunda fase do Seu sacerdócio, no grande dia antitípico da Expição. Então, deveria ter lugar um acontecimento sem precedentes, que é escrito pelo profeta Daniel desta forma: «Assentou-se o juízo e abriram-se os livros.» (Dan. 7:10).

O dia 22 de Outubro de 1844 assinalou, portanto, o início do desenlace da grande controvérsia entre o bem e o mal, que se tem desenrolado durante séculos. Sendo Deus justo e santo, quando no fim do milénio terminar o gigantesco conflito, os problemas na sua totalidade terão necessariamente a solução adequada, satisfazendo todos os seres neles implicados. A Bíblia dá-nos essa promessa (Heb. 6:17, 19); isto é, portanto, uma certeza. Porque, pela vida que viveu na terra, pela Sua morte na cruz e pelo Seu ministério no Santuário celeste, Jesus Cristo terá perfeita e definitivamente justificado o carácter de Deus perante todo o Universo, estabelecendo, desta forma, a segurança eterna de todas as Suas criaturas.

SÁBADO 18 DE DEZEMBRO

**Dia de jejum e oração a favor da evangelização
em novos territórios**

**A Igreja Adventista do Sétimo Dia
corresponde à descrição que a
Bíblia dá da Igreja Remanescente.**

A Igreja Final Segundo a Profecia

Pouco depois da grande decepção de 1844, o grupo adventista que tinha aceitado a doutrina do Santuário viria a ter conhecimento da verdade sobre o Sábado. Alguns aderiram a esta doutrina bíblica e tornaram-se seus ardentes defensores. Entre estes, deve ser citado o nome de José Bates, ao qual se viriam a juntar, dentro de pouco tempo, os de James e Ellen White.

Mais ou menos pela mesma época, foi chamada a atenção do pequeno grupo dos primeiros adventistas observadores do sábado para a mensagem do terceiro anjo (Apocalipse 14:9-12), a qual contém uma transparente alusão ao sábado. Efectivamente, esta mensagem não se limita a proferir uma severa advertência dirigida aos transgressores do dia de Deus (versículos 9, 10), mas põe em grande evidência a necessidade de permanecer fiel aos preceitos decretados pelo Criador: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (versículo 12).

Se todos aqueles que têm a fé de Jesus devem permanecer fiéis aos mandamentos de Deus, como podem eles negligenciar, ao mesmo tempo, o preceito do sábado, que foi inserido pelo Criador no próprio coração do decálogo, lei que, pela sua santidade, sobressai de todas as outras, porque é eterna e imutável?

Seja como for, depois de o povo de Deus adquirir esta noção da verdade evangélica, a mensagem adven-

tista ficou desde então completa, naquilo que constitui o seu essencial. Quanto aos pormenores, encontrar-se-ia a solução para eles em tempo oportuno, por meio da oração fervorosa e graças a um estudo diligente e contínuo das Escrituras.

Entretanto, os adventistas que tinham aderido à doutrina do sábado sabiam quem eram e qual a mensagem que deviam anunciar. Constituíam o grupo de crentes cujo aparecimento na História e cuja experiência espiritual tinham sido preditos em Apocalipse 10. Este movimento religioso foi suscitado pela Providência, tendo como missão proclamar a tripla mensagem de Apocalipse 14:6-12 a toda a nação, tribo, língua e povo, a fim de preparar a humanidade para a segunda vinda de Cristo. A obra que foi confiada a este povo nunca o tinha sido a nenhum outro agrupamento religioso. Sob este ponto de vista, a missão do povo adventista era única e sem precedentes na história da cristandade; sem dúvida, numerosas igrejas tinham pregado e continuavam a propagar o Evangelho de Cristo em diversos pontos do globo. Mas nenhuma delas o anunciava nem na sua plenitude, nem com a poderosa base escriturística específica do movimento dos adventistas do sétimo dia. Acresce a isto o facto de que estes cristãos, apoiados na certeza da bem-aventurada esperança, tinham a vantagem de possuir um apreciável estimulante, pela simples razão de acreditarem que

a profecia enunciada em Apocalipse 10:11 se applicava especificamente a eles: «Importa que profetizeis outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis.»

Indicações proféticas sobre a Igreja final

Devemos agora tentar responder a uma outra pergunta: Que relação existe entre o povo de Deus — a Igreja — que viveu sucessivamente na época do Velho e depois do Novo Testamento, e o movimento adventista que, entre 1860 e 1863, tomou o nome de Igreja Adventista do Sétimo Dia? Os elementos principais para responder a esta pergunta encontram-se no capítulo 12 de Apocalipse.

No primeiro versículo, o profeta João apresenta a Igreja sob a forma de uma mulher vestida de sol, tendo a lua aos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça. O facto de esta mulher (nessa época representando o povo de Deus da Antiga Aliança) estar prestes a dar à luz um filho, o Messias, demonstra claramente que esta Igreja está estreitamente ligada à do Antigo Testamento. É necessário compreender bem as relações existentes entre a Igreja do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento. Os versículos 3 a 5 descrevem as maquinações de Satanás que, impulsionado por um ódio feroz contra Cristo, tentará fazê-lo perecer logo que nasça, e mostram a intervenção divina destinada a contrariar os seus esforços.

Os versículos 7 a 10 evocam o triunfo do Filho de Deus sobre Satanás e o seu exército. A primeira vitória fora alcançada no Céu, quando o descontentamento de Lúcifer tinha culminado numa revolta que iria fazer dele «o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás». No decorrer do conflito impiedoso que pôs frente a frente o perigoso rebelde e o Filho de Deus, denominado aqui como o arcanjo Miguel, este infligiu-lhe uma derrota completa. Era a primeira vitória, uma vitória de um alcance considerável. A segunda deveria verificar-se na Terra, tornada a fortaleza de Satanás, nessa Terra onde, durante alguns milhares de anos, ele pretendia ter direitos sobre a humanidade.

Como Filho do homem, o Filho de Deus defrontou-se com o grande adversário sobre o campo de batalha que era o nosso planeta. Revestido da natureza humana, demonstrou, perante todo o Universo, que as afirmações do diabo eram destituídas de qualquer fundamento e, pela Sua morte na cruz, conquistou a praça forte ocupada por Satanás, oferecendo assim a liberdade a todos aqueles que aí estavam cativos. «Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo o que tem; mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte

os seus despojos.» (Lucas 11:21, 22; cf. João 8:34, 36).

Satanás estremeceu de terror quando, do alto da cruz, Jesus exclamou: «Está consumado» (João 19:30), porque, por estas palavras, ele compreendeu que o seu reino estava daí em diante condenado à ruína em que ele com os seus anjos seria tragado e aniquilado para sempre (João 12:31). Sabia que teria apenas pouco tempo à sua disposição. Todavia, achava que não devia ainda abandonar a luta. A dolorosa derrota que o Filho de Deus acabara de lhe infligir contribuiu para aumentar ainda mais o seu ódio. E, visto que as circunstâncias não lhe permitiam mais atingir Jesus pessoalmente, iria, sem perda de tempo, intensificar a sua guerra contra a mulher, isto é, a Igreja, a esposa bem-amada de Cristo, objecto supremo do Seu amor.

Os versículos 6 e 13 a 18 dão uma ideia geral da história da Igreja, relativa ao período que separa as duas vindas do Senhor, precisamente aquele período em que Satanás perseguiria mais cruelmente do que nunca. Na realidade, a profecia menciona dois períodos distintos de perseguição. O primeiro, apontado apenas no versículo 6, é desenvolvido mais amplamente nos versículos 13 a 16. O elemento cronológico que figura no versículo 6 é de novo lembrado, em termos diferentes, no versículo 14. Mas um simples estudo do contexto mostra que se trata, de facto, de uma única época. Este primeiro período de 1260 anos corresponde à época da hegemonia papal (538 a 1798) que foi assinalada por longas fases de perseguição, de uma crueldade inaudita, que tinha os crentes como alvo⁽¹⁾.

Assim foram impiedosamente perseguidos numerosos crentes que haviam tomado a determinação, custasse o que custasse, e apesar da apostasia que os rodeava, de permanecer fiéis ao Senhor Jesus Cristo e aos ensinamentos da Sua Palavra.

O versículo 17 introduz-se no segundo e último período, aquele durante o qual Satanás dirige a sua cólera contra «o resto» da posteridade da Igreja. «E o dragão irritou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente.» Uma coisa é clara: o grande adversário iria declarar guerra aos membros da Igreja fiel que vivesses nos últimos tempos.

1) Hans Küng, sacerdote católico, professor de Teologia Básica na Faculdade de Teologia de Tübingen, escreveu o seguinte, acerca dos métodos coercivos utilizados pela Igreja de Roma através de toda a Idade Média: «A Igreja, uma vez alcançado o poder, em breve pôs de lado a tolerância que implorara quando era perseguida. Com apoio do Estado «cristão», ela começou a perseguir aqueles que lhe imploravam tolerância. Durante séculos foi perpetrado aquilo que deve ser considerado como uma das mais terríveis manifestações da história da Igreja e uma das mais incompreensíveis afrontas ao corpo de Cristo: a Inquisição.» — A Igreja, I. Bruges, 1968, págs. 342, 343.

Além disso, são aqui mencionadas duas características específicas deste «resto». Ele inclui num mesmo grupo aqueles «que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus». Este resto identifica-se com o grupo de crentes mencionados na conclusão da tripla mensagem de Apocalipse 14:12: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.»

A expressão «o testemunho de Jesus» aparece seis vezes no livro do Apocalipse, com algumas variantes; duas vezes no primeiro capítulo, uma vez no décimo segundo, duas vezes no décimo nono e uma vez no vigésimo. Tal expressão pode ser entendida como significando «o testemunho dado pelo próprio Jesus» ou «o testemunho dado a Jesus». Na maior parte dos casos, parece impor-se esta última aceção.

O testemunho de Jesus

Todavia, em Apocalipse 19:10, o significado sugerido pelo contexto é «o testemunho dado por Jesus». Nesta passagem, vemos o anjo recusando ser adorado por João pelo facto de se considerar servo, no mesmo plano do apóstolo e de todos os irmãos de João «que têm o testemunho de Jesus», isto é, «o espírito de profecia». O anjo declara: «Sou teu conservo, e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus.» Podemos, portanto, deduzir desta passagem: aqueles «que têm o testemunho de Jesus», ou, por outras palavras, «o espírito de profecia», não são outros senão os profetas.

A partir de uma análise séria do texto original, a expressão «o testemunho de Jesus» foi explicada há alguns anos, na «Review and Herald», da seguinte forma: «Uma vez que se trata de profecia bíblica, estamos em presença de um testemunho dado por Jesus.» Por outras palavras, «a própria característica da profecia consiste no facto de ser Jesus a dar o testemunho» (17 de Agosto, 1969, pág. 13). Estes comentários não são apenas o resultado de traduções, plausíveis, impostas pela construção linguística do texto original; estão de harmonia não só com o contexto imediato mas também com esta declaração do apóstolo Pedro: «Esta salvação foi o tema das pesquisas e das investigações dos profetas que predisseram sobre a graça que a vós foi destinada; eles procuravam saber que época e que circunstâncias eram indicadas pelo Espírito de Cristo que neles dava um testemunho profético dos sofrimentos destinados a Cristo e à glória de que seriam seguidos.» (1 Pedro 1:10, 11, versão Stapfer).

A partir destes elementos básicos, voltemos agora ao texto de Apocalipse 12:17. Uma das características salientes da Igreja remanescente é a de que ela possui o testemunho de Jesus. Segundo a interpretação adven-

tista, esta passagem, se a compararmos com Apocalipse 19:10 e 22:9, revela que à Igreja final havia de ser concedido o dom da profecia e havia igualmente de ser dotada de um ou vários profetas por meio dos quais Jesus daria testemunho da verdade.

Podemos nós justificar pela Bíblia que esta interpretação de Apocalipse 12:17 está correcta? Sem dúvida alguma. Examinemos a este respeito os ensinamentos contidos em 1 Cor. 12, que se referem aos dons espirituais no seio da Igreja. Embora todo o capítulo seja importante, salientaremos apenas o versículo 28. «E a uns pôs Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiros doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos variedades de línguas.»

É evidente que Paulo de forma alguma limita no tempo estes diferentes dons. Nem por sombras deixa supor que estes deveriam desaparecer no fim do primeiro século da era cristã. No versículo 8, diz que o Espírito está na origem de todos estes dons e, no versículo 11, afirma claramente: «Mas um só e mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.» Nestas condições, porque nos haveríamos de admirar pelo facto de o Espírito Santo ter achado por bem reacender o dom de profecia neste ou naquele momento da história da Igreja, suscitando um ou mais profetas, segundo as necessidades?

No capítulo 14 da Epístola aos Efésios, versículos 11 a 15, Paulo alude novamente a esses dons chamados a manifestar-se na Igreja. Entre os dons carismáticos distribuídos por Cristo à Sua Igreja, inclui explicitamente os profetas (v. 11) ao lado dos apóstolos, dos evangelistas, dos pastores, pois tanto uns como outros receberam a missão de contribuir para o aperfeiçoamento dos santos e para a edificação do corpo de Cristo, até ao dia em que a totalidade dos cristãos tiver atingido a perfeita maturidade espiritual em Jesus. Sendo assim, não será normal encontrarem-se profetas na Igreja até aos nossos dias?

O dom de profecia manifestado

Quando o dom de profecia começou a manifestar-se no círculo dos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, muitas pessoas mostraram-se reservadas em certa medida. O seu cepticismo era bastante compreensível; mas também o instrumento humano escolhido por Deus não insistiu para que o aceitassem desde o primeiro momento. Mas, quando os nossos pioneiros submeteram o profeta — e a sua obra — às diversas provas propostas pela Bíblia, este — digamos, de preferência, esta — triunfou e continua a resistir a todos os exames críticos, por mais apertados que possam ser, desde que orientados com toda a imparcialidade e sem ideias preconcebidas.

No decorrer dos anos 1955 a 1958, tive o privilégio de ensinar numa classe de adultos da Escola Dominical de uma base da Força Aérea dos Estados Unidos no ultramar. Durante pelo menos dois anos, um oficial superior seguiu assiduamente este curso de instrução religiosa. Tornámo-nos até bons amigos. Um dia disse-me que gostaria bastante de me visitar em minha casa. Portanto, depois de nos despedirmos, veio visitar-me. Após o jantar, perguntei-lhe qual o assunto sobre o qual me queria falar. Disse-me: «Venho participar-lhe a minha intenção de unir-me à Igreja Católica.» Ao que eu respondi: «Posso saber o que o levou a fazer essa escolha?»

Falámos juntos sobre o assunto, com a maior liberdade e franqueza. O meu interlocutor falava com toda a seriedade. Enquanto o diálogo prosseguia, eu orava interiormente, porque tinha a sensação de ter diante de mim um homem que estava perante uma viragem na sua vida. Ele enunciava, um após outro, todos os argumentos susceptíveis de justificar a fé na Igreja à qual pensava ligar-se. Eu já sabia que ele tinha boas relações de amizade com o capelão da referida Igreja. Compreendi então que recebera dele um sólido ensinamento religioso. No decorrer da nossa conversa, disse-me, finalmente: «Blincoe, parece-me que acredita que Cristo fundou uma Igreja; acredita também na Sua promessa: «As portas do inferno não prevalecerão contra ela.» Isso quer dizer que é forçoso que a Sua Igreja ainda hoje subsista. E agora, na sua opinião, qual será a verdadeira Igreja, se não for a Católica Romana?»

Respondi-lhe, olhando-o bem de frente: «Meu comandante, é a Igreja Adventista do Sétimo Dia», e dei-lhe imediatamente as razões desta convicção que era e continua a ser a minha.

Irmãos e irmãs, não tenhamos sombra de dúvida a este respeito, mas acreditemos nisso de todo o nosso coração. Com efeito, somente a Igreja Adventista cumpriu a profecia de Apocalipse 10 e 11; somente a Igreja

Adventista do Sétimo Dia prega o Evangelho eterno no contexto das três mensagens de Apocalipse 14:6-12. Mais nenhuma igreja corresponde às características enunciadas em Apocalipse 12:17.

Uma mensagem destinada a todas as nações

1) Não poderíamos ficar satisfeitos em ser apenas — entre o vasto leque de igrejas cristãs — uma igreja entre outras, possuindo algumas particularidades originais, direi mesmo atraentes, mas que não fossem essenciais à salvação. Porque a nossa mensagem tem um alcance vital. Apresenta-se na linha de separação entre a vida e a morte. Sem ela, a humanidade não estará preparada para se defrontar com a verdadeira inundaçãõ que vai cair sobre o mundo e ficará votada a uma eterna perdição.

2) É esta a razão pela qual nós não poderemos nunca consentir em participar numa campanha de evangelização comum, que implique a participação multilateral de várias igrejas. Não é esse o desígnio de Deus para acabar a Sua obra sobre a Terra. Cabe-nos o dever de dar a conhecer a mensagem que Ele nos confiou, a toda a nação, a toda a tribo, a toda a língua e a todo o povo que existe sobre a face do globo. Apesar do fenómeno da explosão demográfica, nenhum ser humano deve ser deixado de lado. Se formos realistas e honestos, teremos que confessar que estamos perante uma tarefa irrealizável, sob o ponto de vista humano.

E, contudo, os nossos efectivos e os nossos meios financeiros limitados, os nossos sucessos medíocres, as nossas derrotas, os nossos recuos ou qualquer outro elemento adverso, não poderão aniquilar-nos. Vendo bem as coisas, a nossa principal necessidade não é a de obter mais dinheiro, nem maior volume de efectivos, nem mesmo pregadores melhor formados ou mais competentes. A nossa maior, a

nossa mais imperiosa necessidade, é do Espírito Santo.

A mensagem da qual somos débeis instrumentos é a mensagem de Deus. Esta obra é, portanto, em primeiro lugar e antes de tudo o mais, a obra de Deus. Será Ele que a terminará de forma solene e gloriosa. Não ouvimos nós a Sua voz repetir incansavelmente ao Seu povo: «Nem por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos»? (Zacarias 4:6). Desde que oremos e nos preparemos de toda a nossa alma para receber o Espírito Santo, o Seu poder ser-nos-á concedido na sua plenitude e, juntamente com ele, receberemos toda a espécie de bênçãos. Deus suscitou a nossa Igreja pelo Seu Espírito; é também por meio dele que a conduzirá à vitória final.

3) Todavia, os adventistas devem ter o cuidado de não cultivar um espírito sectário. Seria bom que se inspirassem na linha de pensamento expressa no comentário adventista da Bíblia: «Os adventistas rejeitam energeticamente e sem equívocos a ideia segundo a qual apenas eles são filhos de Deus e que, desta forma, só eles têm direito à vida eterna. Acreditam que, a partir de agora, todos aqueles que servem a Deus em total sinceridade, isto é, segundo o conhecimento e a compreensão que possuem da vontade divina, pertencem virtualmente à Igreja final, ao «resto» ... Os adventistas acreditam que é simultaneamente sua tarefa solene e seu honroso privilégio apresentar as últimas e decisivas verdades de forma tão transparente e tão persuasiva que todos os crentes genuínos se sintam impelidos a reunir-se a este grupo anunciado na profecia, o qual se prepara para o grande dia de Deus» — **S. S. A. Bible Commentary**, vol. 7, pág. 815.

«Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.» — **Testemunhos Selectos**, vol. III, pág. 443.

SÁBADO 18 DE DEZEMBRO

**Oferta especial de fim de ano
no encerramento da Semana de Oração
e Sacrifício**

Uma Mensagem Única

A mensagem particular que o movimento adventista recebeu a incumbência de proclamar está claramente enuniada nas Escrituras.

Não há razões para pensar que a Igreja Adventista teria qualquer dificuldade em defender a sua personalidade. De forma alguma. As nossas estruturas estão, efectivamente, profundamente enraizadas no solo inabalável da Bíblia. Possuímos uma herança religiosa importante que nos foi transmitida pelos nossos antepassados espirituais. Temos provas — numerosas — da direcção do Espírito Santo e da bênção divina no seio do nosso movimento. As nossas origens e o desenvolvimento da nossa obra dão claramente testemunho das intervenções da Providência.

Também conhecemos perfeitamente qual é a nossa razão de ser. O próprio Deus todo-poderoso nos organizou e nos deu o mandato de proclamar a tripla mensagem de Apocalipse 14, destinada a todo o ser humano consciente e responsável que vive sobre a Terra. Semelhante missão constitui «a obra mais solene, mais sagrada, já entregue aos mortais» — **Conselhos Sobre o Regime Alimentar**, pág. 76. «Nenhuma obra há de tão grande importância.» — **Testemunhos Selectos**, vol. III, pág. 288.

As três últimas mensagens têm o objectivo de preservar os verdadeiros crentes da confusão das igrejas e do mundo, a fim de os levar a viver numa santa intimidade com Deus. Elas têm igualmente o fim de «preparar os habitantes da Terra para a segunda vinda do Senhor». — **O Grande Conflito**, pág. 349.

A natureza da nossa missão evangélica não está obscurecida por nenhuma ambiguidade. Mais uma razão para estudar seriamente, com ardor e persistência, a mensagem destinada a ser propagada, para evitar o perigo de irmos até às extremidades da Terra só para repisar banalidades.

Devemos conseguir impregnar-nos tanto e tão bem da nossa mensagem que sejamos capazes de a traduzir espontaneamente em linguagem moderna; é esse um dever imperioso que nos é imposto pela rápida evolução do mundo actual, mas sem que seja necessário, por esse motivo, alterar a substância da mensagem divina, por adaptações, acrescentamentos, supressões ou modificações susceptíveis de trair a ideia primitiva. «Ai de quem mover um bloco ou mexer num alfinete dessas mensagens.» — **Primeiros Escritos**, pág. 258.

A nossa atitude para com as últimas mensagens deve concretizar-se simultaneamente em dois planos: «O tema da maior importância é a mensagem do terceiro anjo, que abrange as mensagens do primeiro e do segundo anjos. Todos deverão compreender as verdades contidas nessas mensagens e demonstrá-las na vida diária, pois isso é essencial para a salvação. Teremos que estudar com empenho e com oração, a fim de compreender estas grandes verdades.» — **Evangelismo**, pág. 196.

Já foi dito que a mensagem a Laodiceia se dirige à Igreja, ao passo que

a tripla mensagem é destinada ao mundo. Sem dúvida que há nisso uma parte de verdade. Contudo, como seria possível não sentirmos que a substância dessas mensagens nos diz respeito? Realmente, seríamos verdadeiramente incapazes de proclamar as verdades que não tivéssemos vivido na nossa vida de todos os dias. Não seria possível haver, no seio do movimento adventista, uma falta de concordância entre a mensagem e os mensageiros, tanto mais que, segundo o plano de Deus, o estilo de vida desse mensageiro deve ser necessariamente o reflexo da mensagem de índole divina da qual ele é o instrumento. Se não é esse o caso, não pode resultar daí outra coisa a não ser confusão; e mais ainda: a verdade divina corre o risco de cair no descrédito, mesmo ser definitivamente rejeitada. O relato bíblico mostra com toda a evidência que Deus deu sempre importância ao carácter daqueles que escolheu como seus embaixadores.

Tal como o ministério do apóstolo Paulo, também o nosso não deve inspirar-se na letra «porque a letra mata, mas o Espírito vivifica» (II Cor. 3:6). Desta forma devemos acautelar-nos para não cair na ilusão de pensar que fomos chamados para suscitar no pensamento dos homens uma espécie de temor pusilânime de Deus. Se não for banhada pela luz do Espírito Santo, a «letra» das mensagens divinas apenas consegue matar, por outras palavras, só terá um efeito negativo sobre os ouvintes. É essa a razão pela qual Deus quer que, pelo Espírito habitando em nós, a Sua mensagem seja escrita em letras luminosas sobre as tábuas de carne dos nossos corações (Ver II Cor. 3:3). O Espírito não anula nem nunca modifica a mensagem que Ele próprio inspirou e ordenou que fosse difundida, mas engrandece-a, revelando as suas dimensões espirituais e realizando-a na vida de cada cristão. Ele vivifica a mensagem de acordo com os traços característicos da mesma.

Uma revelação do carácter divino

A nossa mensagem e a nossa incumbência consistem em revelar o verdadeiro carácter de Deus numa época em que Ele é tão profundamente ignorado ou desconhecido. Porque nós vivemos num período caracterizado pelo obscurantismo. Em que consistem estas trevas? «A escuridão do falso conceito acerca de Deus é que está envolvendo o mundo. Os homens estão perdendo o conhecimento do Seu carácter. Este tem sido mal compreendido e mal interpretado. Neste tempo deve ser proclamada uma mensagem de Deus, uma mensagem de influência iluminante e capacidade salvadora. O carácter de Deus deve tornar-se notório. Deve ser difundida nas trevas do mundo a luz da Sua glória, a luz da Sua benignidade, misericórdia e verdade.» — **Parábolas de Jesus**, pág. 415. A mensagem a qual Ellen White aqui alude, diz respeito à do terceiro

anjo que, como vimos acima, engloba as duas primeiras. Esta tripla proclamação podia ser condensada em quatro palavras: «Eis o vosso Deus».

Quando o leitor da Bíblia fixa os olhos sobre a cena evocada em Apocalipse 14:6 a 12, ele vê surgir nela sucessivamente três mensageiros celestes. A rapidez com a qual estes começam a agir, e o conteúdo das mensagens de que são portadores, dão realce à estreita correlação que existe entre todos eles, tal como os andamentos de uma grande sinfonia musical se encadeiam uns nos outros, desta maneira fazendo parte da composição e da interpretação da obra na sua integridade; porém a função de qualquer deles não é independente dos outros. O solo executado pelo primeiro anjo, cuja voz, em sonoridade sempre crescente, começou a ser ouvida a partir de 1831, viria a transformar-se num dueto em consequência da entrada em cena do segundo anjo, durante o Outono de 1844. Finalmente, desde que o terceiro anjo começou a proclamar a sua mensagem, pouco depois do grande desapontamento de 22 de Outubro de 1844, a humanidade encontrou-se em presença do trio que corresponde à profecia de Apocalipse 14:6-12. No momento em que as suas mensagens aparecem conjuntamente, apresentando as características de um conjunto perfeito, é possível, contudo, distingui-los uns dos outros, mas em caso algum devem ser dissociados, e não será possível reduzi-los ao silêncio enquanto não tiverem acabado de cumprir a sua missão.

Todos os adventistas estão, pelo menos em certa medida, familiarizados com o simbolismo tão rico do livro de Apocalipse. Ora, ao pretender penetrar mais profundamente nesse simbolismo, invadem-nos sentimentos de extremo entusiasmo, mas também de profundo temor, ao descobrir que decididamente os três anjos representam nada menos que o povo de Deus (Ver **Mensagens Escolhidas**, Liv. 2, pág. 402, 406) (1). Conhecemos nós perfeitamente a nossa mensagem? Porventura estamos impregnados dela quer mental quer espiritualmente? Movidos pelo poder do Espírito Santo, proclamamo-la com a urgência e a rapidez que ela exige? Na nossa qualidade de mensageiros do Altíssimo, cumprimos a nossa missão com solicitude, tal como o fizeram os anjos que serviam o Senhor dos Exércitos?

As duas primeiras palavras pronunciadas pelo primeiro anjo contêm dois deveres imperiosos, dirigidos aos ha-

bitantes da Terra na sua totalidade: «Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque é vinda a hora do Seu juízo.» (Apc. 14:7). Trata-se de palavras de importância capital. Quando o apóstolo Paulo falou em sua própria defesa diante da corte, em presença do governador Félix, falou «sobre a justiça, a temperança e o juízo vindouro» (Act. 24:25). Mas estava reservado para o primeiro anjo de Apocalipse o afirmar: «É vinda a hora do Seu juízo.» Esta solene ideia do juízo encontra-se de uma ponta à outra da mensagem até à sua conclusão, dada sob a forma de imperativo: «E adorai Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas.»

Três imperativos (temei a Deus, dai-Lhe glória, adorai o Criador) e o anúncio de um juízo! Porventura o primeiro anjo não é considerado como aquele que anuncia o «Evangelho eterno»? E, logo que ouve uma tal mensagem, sentirá o homem actual que ela é uma «boa nova»? Quando se contacta com uma geração tão refractária, como é a nossa, a qualquer noção de autoridade, especialmente quando esta está em oposição à sua forma de viver, uma geração que sente pesar sobre si a ameaça constante de total destruição devida a uma tremenda explosão nuclear, para não falar da explosão demográfica, da poluição, dos problemas económicos e de alimentação, pode imaginar-se mensagem mais insuportável para o coração natural? Principamente quando se conhece a palavra de ordem adoptada pela grande maioria dos nossos contemporâneos: «Comamos e bebamos, que amanhã morreremos», temos o direito de perguntar a nós mesmos se a mensagem de Apocalipse 14 é, realmente, a que devemos proclamar a fim de que os homens e mulheres se preparem para a vinda de Cristo.

Na realidade, o livro de Apocalipse apresenta-se sob a forma de um mosaico, constituído por extractos tirados dos outros sessenta e cinco livros da Bíblia. «No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem.» — **Actos dos Apóstolos**, pág. 584. É essa a razão pela qual, se quisermos interpretar correctamente este documento da revelação divina, temos de ter o cuidado de não o isolar do vasto contexto bíblico em que está inscrito.

Percorrendo as Escrituras, não demoramos a constatar que Deus fala muitas vezes no imperativo. Na medida em que se reconhece no Senhor o Criador e o Mantenedor do Universo, é fácil aceitar que Ele tenha não apenas o direito, mas também o dever de Se exprimir dessa forma imperiosa, principalmente quando compreendemos que os mandamentos de Deus são repassados de sabedoria, de amor e destinados a contribuir para a felicidade e para salvação eterna das Suas criaturas (Ver **Isaías** 48:17, 18). Verdaderamente, ao falar no modo imperativo, Deus deseja imprimir ênfase ao Seu grito de amor, o qual traduz o Seu interesse veemente e a Sua soli-

cidade para com o homem, perante a gravidade de uma situação particular. «Vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois por que razão morrereis, ó casa de Israel?» (Ezequiel 33:11).

A situação à qual se refere Apocalipse 14 é, para nos exprimirmos com exactidão, desesperada. Segundo esta mensagem, a humanidade deve defrontar-se com a crise mais intensa de toda a sua história. Será a hora em que Deus vai mobilizar a totalidade dos Seus exércitos no Céu e na Terra. Depois de os ter provido das munições que são a força do Seu amor e da Sua verdade, envia-os para o mundo, literalmente extraviado pela sua loucura, a fim de que exerçam um derradeiro esforço para reconduzir ao seu Pai celeste os filhos e filhas que têm andado afastados d'Ele.

O respeito para com Deus

Porém, como devemos compreender exactamente a exortação de Apocalipse 14:7 «Temei a Deus»? A palavra grega, traduzida aqui pelo verbo «temer», encerra uma ideia de respeito e reverência. Temei a Deus implica, portanto, um sentimento de profundo respeito inspirado pela grandeza, soberania, majestade, glória, santidade e amor a Deus. Esta deferência pode provir também de uma certa noção da Sua justiça, do Seu poder e da Sua sabedoria, pode ser o resultado do facto de o homem ser bruscamente tomado de um temor respeitoso ao medir o abismo que separa a perfeita pureza do Criador das Suas criaturas pecadoras (Ver **Isaías** 6:1-7).

Seja como for, o crente que contempla, dia após dia, o prodigioso leque de atributos divinos, não demora a aperceber-se de uma harmonia entre aquilo que, de início, se lhe apresentava com o aspecto de uma tensão irreconciliável com o carácter de Deus: por um lado, o carácter absoluto da justiça imutável do Senhor, por outro lado a Sua graça inefável, concedendo aos culpados favores imerecidos. Porventura se concebe tal coisa? Sem dúvida, poder-se-á admitir que Deus possa ser justo ou misericordioso mas, como pode Ele ser as duas coisas ao mesmo tempo? Ao dar-nos a resposta a esta interrogação, a Bíblia exprime bem a profundidade incomparável da sabedoria e do amor de Deus: «Aquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (II Cor. 5:21). Embora isento de pecado, o próprio Cristo morreu pelos nossos pecados (Ver I Cor. 15:3), «para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus» (Rom. 3:26). Em Jesus Cristo, Deus assumiu pessoalmente a responsabilidade do Seu próprio veredicto relativamente às consequências do pecado. Os sofrimentos suportados no

1) Esta interpretação é confirmada pelo texto original em que a palavra «anjo» (em grego ANGELOS) empregada três vezes em Apocalipse 14 para designar os mensageiros celestes é igualmente aplicada a João Baptista, que não passava de um simples mortal, em Mateus 11:10: «Porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo que preparará o caminho diante de ti.» A mesma observação é válida para outros textos paralelos que figuram nos dois outros evangelhos sinópticos: Mar. 7:27; Luc. 7:27 (N. da R.).

Getsemani e no Gólgota pelo Cordeiro imaculado de Deus, respondiam definitivamente às exigências da justiça divina para com os pecados de todo o mundo. Foi esse, precisamente, o meio pelo qual nos foram abertas as comportas da graça divina de que, apenas a eternidade, talvez, permita medir a vastidão.

Ellen White descreve nestes termos a ilimitada generosidade de Deus: «Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. «Pelos Suas pisaduras fomos sarados».— **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 17. É esta a mensagem que Deus nos encarregou de levar ao mundo, mensagem que parece estar-mos tão pouco decididos a comunicar.

Os filhos de Deus dispersos sobre a superfície do globo são convidados a **temê-lo**. Mas há mais: «e dai-Lhe glória», acrescenta-se no texto. Que significa isso? Queria Deus, tal como um soberano déspota, ordenar-nos que O louvássemos e honrássemos? Sendo assim, da parte do homem, nada mais podia resultar senão uma resposta mecânica, plenamente formal e, conseqüentemente, desprovida de qualquer valor moral. Um tal comportamento não poderia corresponder ao plano divino, como tão bem exprime a pena do profeta Isaías: «Pois que este povo se aproxima de Mim, e com a sua boca, e com os seus lábios Me honra, mas o seu coração se afasta para longe de Mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído» (29:13). Por outras palavras, só o louvor que brota do íntimo do coração é aceitável aos olhos de Deus.

Quando consideramos os diferentes elementos do plano da salvação, chegamos à conclusão de que Deus põe à nossa disposição aquilo, precisamente, que exige de nós: «Deus dispôs as coisas de forma que nos pudéssemos tornar semelhantes a Ele, e realizar a Sua obra em favor de todos aqueles que não se obstinam contra a influência da Sua graça».— **Jésus et le bonheur**, pág. 84.

Sim, Deus ordena-nos expressamente que Lhe demos glória; porém, ao mesmo tempo, faz tudo o que é necessário para que esta ordem possa ser realizada. Porque «dar glória a Deus é reflectir em nós o Seu carácter, a fim de o revelar».— **S. D. A. Bible Commentary**, sobre Apocalipse 18:7, pág. 979.

O imperativo «dai-Lhe glória» contém ainda um outro aspecto. Encerra uma advertência dirigida aos habitantes do planeta, isto é, que toda a glória pertence a Deus e só a Ele na Sua qualidade de Criador dos céus e da terra. «Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força;

Leitura para a Quarta-Feira

A Hora do Juízo

Os habitantes da terra devem ser advertidos de que o seu tempo de prova está a terminar.

E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo. Dizendo, com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque é vinda a hora do Seu juízo, e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

Apocalipse 14:6, 7

«É vinda a hora do Seu juízo.» Trata-se de uma notícia boa ou má? Será ela um motivo de alegria ou de abatimento? Trata-se de uma mensagem que possamos dar a conhecer ao mundo com ardor e entusiasmo ou vemo-nos na condição de a transmitir num murmúrio tímido, como se se tratasse de um segredo perigoso?

A doutrina do juízo vem claramente formulada quer no Antigo quer no Novo Testamento. Por conseguinte, Salomão remata o livro de Eclesiastes desta forma: «De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos, porque este é o dever de todo o homem. Porque Deus há-de trazer a juízo toda a obra e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau. (Ec.12:13-14). «Porque», escreve o apóstolo Paulo, «todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal». (I Cor. 5:10). Não há, pairando sobre este tema, nenhuma ambigüidade, nenhuma incerteza. Durante séculos, a cristandade acreditou na doutrina do juízo e pregou sobre ela. Todavia, um dos

não se glorie o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar glorie-se nisto: em Me conhecer e saber que Eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas Me agrado, diz o Senhor» (Jer, 9:23, 24). Toda a criatura que se glorifica a si própria é passível do juízo de Deus. Aliás esta atitude constitui a própria raiz do pecado, hoje como então, o gérmen da revolta de Satanás. Sabedoria, poder, riqueza, tudo tem a sua origem em Deus. O mesmo acontece com toda a boa dádiva e todo o dom perfeito (Ver Tiago 1:17). Sendo uma simples criatura, o homem não poderia possuir estes privilégios como bens pessoais: «...que tens tu que

não tenhas recebido?» (I Cor. 4:7). Desta forma, todas as vezes que o homem se apropria de qualquer glória ou honra, furta ao Senhor aquilo que, de direito, Lhe pertence. Apesar das aparências, ao agir assim, o homem desacredita-se a si mesmo; embala-se em ilusões, imaginando que é um ser autónomo. De facto, esse seu comportamento aponta para uma destruição de Deus, é como arrancar-Lhe a soberania que tem sobre o Universo. Sendo assim, que razão teremos para ficar admirados se, num transporte de amor incomparável, Deus nos dirige uma advertência solene contra uma deficiência tão detestável que levaria, fatalmente, à tragédia mais horrível?

aspectos desta doutrina bíblica, apenas viria a ser compreendido quando os últimos grande períodos proféticos chegassem ao seu termo.

A iniciativa do juízo parte de Deus

Como vimos na comunicação de domingo passado, a fase preliminar, ou seja a instrução do julgamento, começou a ser compreendida pouco depois da decepção de 1844. Na manhã de 23 de Outubro de 1844, após a longa e sombria noite, no decorrer da qual os crentes adventistas sofreram tão cruel decepção, um dos nossos pioneiros, Hiram Edson, recebeu, como por uma revelação do Senhor, uma explicação para o desapontamento, bem compreensível, que acabavam de experimentar. Eis o testemunho do próprio Hiram Edson: «Depois do pequeno almoço, disse a um dos meus irmãos na fé: Vamos tentar descobrir a forma de encorajar alguns dos irmãos. E partimos com esse objectivo; porém, ao atravessar um vasto campo, fui detido, mais ou menos ao meio dele. O céu parecia aberto diante dos meus olhos e eu vi, clara e distintamente que, em vez de ter saído do lugar santíssimo do santuário celeste para vir a esta terra no décimo dia do sétimo mês, no fim do período dos 2.300 dias, o nosso grande Sumo Sacerdote tinha, muito pelo contrário, penetrado pela primeira vez na segunda parte do santuário e que, antes de voltar ao nosso mundo, Ele tinha uma obra a realizar no lugar santíssimo; tinha vindo às bodas (1) ou, por outras palavras, tinha-Se aproximado do Ancião de Dias, a fim de receber o reino, o domínio e a glória. Por esse motivo, devemos doravante esperar o Seu regresso das bodas.» — Extracto de uma autobiografia manuscrita de Hiram Edson (2), citada na *Review and Herald* de 23 de Junho de 1921, pág. 5.

Graças a um estudo perseverante das Escrituras, uma parte dos crentes adventistas foi levada a uma nova compreensão dos capítulos 7, 8 e 9 do livro de Daniel, em relação com o Apocalipse e com a Epístola aos Hebreus, até que compreenderam que «a intercessão de Jesus Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da salvação, como foi a Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressuscitar». — **O Grande Conflito**, pág. 392.

Daniel 7:9, 10 foi considerado como uma explicação da frase «é vinda a hora do Seu juízo», contida em Apocalipse 14:7. Segundo Daniel 7, Deus iria, pouco depois de 1798 (em 1844, segundo Dan. 8 e 9), conduzir a grande controvérsia em direcção à sua fase final. Desta forma, Ele achava por bem justificar e livrar os crentes fiéis aos quais entregaria o reino. É, com certeza, supérfluo lembrar que a instrução do julgamento não tem como objectivo informar Deus, pois Ele conhece perfeitamente os Seus, visto que ninguém se pode esconder do Seu olhar. Porém, se, apesar disso, Ele achou que devia organizar um processo, foi por duas razões pelo menos:

Em primeiro lugar, Deus está prestes a introduzir no Universo sem pecado milhões de homens e mulheres, anteriormente implicados no grande secular conflito entre o bem e o mal. Estão eles em condições de receber os benefícios da salvação? Sendo-lhes esta concedida, não haverá o risco de se vir novamente a manifestar a iniquidade? A benevolência de Deus não virá a pôr em perigo a integridade da Sua justiça? Estas são interrogações que precisam de uma solução susceptível de satisfazer todos os seres implicados neste processo. Porque a Providência, tendo criado de livre vontade todos os seres inteligentes, dotando-os do livre arbítrio, deu ocasião a que a harmonia e a estabilidade do universo dependam intimamente do conhecimento e da apreciação do carácter de Deus. Todas as pessoas que tenham decidido renunciar servir a Satanás e tenham aderido a Cristo, serão objecto de uma investigação minuciosa. «Deus examinará... o caso de cada indivíduo, com um escrutínio tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na Terra.» — **O Grande Conflito**, pág. 393. «Assim como os traços da fisionomia são reproduzidos com precisão infalível sobre a polida chapa fotográfica, assim o carácter é fielmente delineado nos livros do Céu.» — *Idem*, pág. 390.

Justiça e bondade divinas

Por outro lado, Deus está a preparar-Se para fechar a porta da graça. Aproxima-se a hora em que o Seu amor deixará de contender em favor dos culpados, em que os méritos do sacrifício de Cristo não mais estarão ao nosso alcance, e isso a partir do momento em que o Seu ministério de intercessão no santuário celeste estiver terminado. Então Deus pronunciará a sentença fatídica: «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda.» (Apoc. 22:11).

Será isso um indicio de uma fraqueza no carácter de Deus? Ter-se-ia, finalmente, esgotado a Sua paciência? No Seu desejo de desembaraçar o universo de sofrimento e dores de toda a espécie, consequências do pecado desde a sua origem, recusaria Ele, arbitrariamente, a dar, durante mais

tempo, provas de benevolência para com aqueles que, nascidos em iniquidade, viveram como que fascinados pelo pecado? Será justo o castigo que lhes irá ser infligido? O julgamento dos condenados que terá lugar durante o Milénio, em presença da multidão formada pelos anjos, pelos seres que permaneceram fiéis em todo o universo e pelos que foram resgatados da Terra, permitir-nos-á encontrar a resposta para estas grandes interrogações? (Ver Apoc. 20:4; 1 Cor. 6:2, 3; **O Grande Conflito**, págs. 523, 524). Tanto na fase preliminar, como na executiva, o julgamento demonstrará, uma vez por todas, aos olhos do universo, que Deus é capaz de ser ao mesmo tempo justo e bom; que a Sua soberania é repassada de um amor actuante com base no respeito pela liberdade das Suas criaturas.

A entrada majestosa do Filho do homem, ao aproximar-Se do trono do Pai Eterno, rodeado de uma multidão de seres reunidos para a formação de um grandioso tribunal, constitui um acontecimento de importantíssimo alcance. (Ver Dan. 7:13, 14; **Primeiros Escritos**, págs. 52-54). Este acontecimento marca o início de uma nova fase do Seu ministério de sumo sacerdote «do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem». (Heb. 8:2).

A Sua encarnação qualificou-O de forma especial para Se assentar no tribunal de Deus na qualidade, simultaneamente, de juiz e de advogado. Como Filho do homem, aparece aos olhos de todos os seres humanos, como a garantia de que Deus compreende perfeitamente que provas o homem tem de enfrentar neste mundo corrompido: «Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.» (Heb. 4:15).

Na Sua qualidade de Filho de Deus, Jesus constitui para nós a certeza de que o Deus a quem Lhe compete unir o nosso destino eterno é misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade... guarda a beneficência em milhares; ... perdoa a iniquidade e a transgressão e o pecado; ... ao culpado não tem por inocente» (Ex. 34:6, 7). Ele demonstrou ser assim enquanto viveu sobre a Terra, reflectindo de forma perfeita a revelação inenarrável de Deus (Ver João 14:9; Col. 2:9), e permaneceu assim para sempre (Ver Hab. 13:8). Em Jesus Cristo «o amor e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se abraçaram» (Salmo 85:11, tradução de Jerusalém). Podemos nós desejar encontrar-nos em melhores mãos?

Como encarar o juízo sem receio

Embora devamos meditar seriamente na gravidade e razão de ser do juízo, não há motivo para ficarmos aterro-

1) Alusão à parábola das dez virgens relatada em Mateus 25.

2) De origem metodista, Hiram Edson, nascido em 1806 e falecido em 1882, fez parte dos homens de vanguarda que constituíram o grupo em formação dos adventistas do sétimo dia. Apesar de ser um simples leigo, Edson estudava a Bíblia sem descanso e colaborava entusiasticamente nos esforços de evangelização. Em 1850, não hesitou em vender a sua quinta a fim de fazer face às despesas que eram exigidas pela difusão da mensagem. (N. da R.).

rizados se, depois de termos aceitado pessoalmente Jesus como aquele que nos liberta do pecado, permaneceremos em íntima comunhão com Ele. Quando o nosso nome passar em juízo, Ele comparecerá para pleitear a nossa causa perante o supremo tribunal de Deus (Ver Heb. 9:24) em presença de todo o universo. «A lei requer justiça — vida justa, carácter perfeito; e isso não tem o homem para dar. Não pode satisfazer as reivindicações da santa lei divina. Mas Jesus, vindo à Terra como homem, viveu vida santa, e desenvolveu carácter perfeito. Este oferece Ele como dom gratuito a todos quantos o queiram receber. A Sua vida substitui a dos homens. Assim obtêm remissão de pecados passados, mediante a paciência de Deus. Mais que isso: Jesus comunica-lhes os atributos divinos. Forma o carácter humano segundo a semelhança do carácter de Deus, uma esplêndida estrutura de força e beleza espirituais. Assim a própria justiça da lei cumpre-se no crente em Jesus. Deus pode ser «justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.» — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 568.

Segundo o capítulo 3 do livro de Zacarias, Satanás, «o acusador dos irmãos» (Apoc. 12:10), está presente no julgamento para tentar obter a nossa condenação, para expor os nossos pecados, a nossa culpabilidade, a nossa indignidade diante de Deus, com o fim de conseguir que sejam reconhecidos os seus pretensos direitos sobre nós. Jesus, representado aqui com todas as características do «anjo do Senhor», não contesta as acusações de Satanás; não faz a menor tentativa nem para minimizar a gravidade dos nossos pecados, nem para apagar o registo que deles existe nos livros abertos de par em par. Responde-lhe da mesma forma por que o fez há mais de três mil anos quando, sob o nome de arcanjo Miguel, «contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés» (Judas 9): «O Senhor te repreende, ó Satanás!... não é este um tição tirado do fogo?» (Zac. 3:2). Depois volta-se para o Seu Pai que está sentado sobre o trono eterno. Apresentando-se na qualidade de «testemunha fiel e verdadeira» (Apoc. 3:14), Jesus eleva solenemente

as Suas mãos traspassadas, pois é aí que reside a Sua força (Ver Heb. 3:4), essas mãos sobre as quais estão gravados os nomes de todos os crentes fiéis (Ver Isa. 49:16) e proclama a sinceridade do nosso arrependimento para com Deus e da nossa fé n'Ele. Reclama-nos para Si, como pertencendo-Lhe de direito, nós que somos os troféus da Sua vitória sobre Satanás. O eloquente testemunho dado assim por Jesus é aceite imediatamente. As acusações do diabo são definitivamente refutadas; este fica, para sempre, reduzido ao silêncio; a sua causa está perdida, totalmente. Os nossos pecados são apagados para sempre.

Uma tremenda responsabilidade

É esta a hora e a natureza do juízo que Deus nos encarregou de anunciar a todo o mundo. Pode imaginar-se incumbência mais grave, mais solene, mais tremenda? Porém, ao mesmo tempo, poderíamos nós desejar ser incumbidos de uma missão que nos comunicasse mais certezas, maior segurança, que fosse mais rica de esperança? Esta mensagem que nos foi confiada, deve ser comunicada sem demora. Trata-se de obedecer sem replicar às ordens do Rei dos reis, nosso soberano.

Além disso a mensagem do primeiro anjo informa-nos que o Juiz de toda a humanidade é o Criador de todos os homens. Este facto constitui o próprio fundamento da Sua autoridade soberana; é Ele quem determina o Seu direito de agir na Sua qualidade de juiz, tal como o de receber a adoração das Suas criaturas (Ver Jer. 10:10-16). Esta mensagem dá simultaneamente realce à dignidade do homem, visto que lhe recorda que é Deus o seu criador. Atribuir as origens da humanidade ao fenómeno da evolução das espécies ou a um mito qualquer, em vez de acreditar numa criação especial, como ensina a Bíblia, é verdadeiramente atentar contra a autêntica dignidade humana. É minimizar o sentido da sua responsabilidade moral e da sua dependência de Deus. Além de que, tanto a consideração que devemos aos nossos semelhantes como a forma correcta de tratar com eles

serão, por esse facto, gravemente afectadas. Finalmente, isso resulta numa perda do sentimento de segurança, dessa segurança que confere a certeza de pertencer Aquele que detém todo o poder nos céus e na terra, «porque falou, e tudo se fez; mandou e logo tudo apareceu» (Salmo 33:9).

Tanto mais que, no último livro da Bíblia, Deus atesta a veracidade do facto histórico que é a criação, tal como ele é relatado nos dois primeiros capítulos do Génesis. Porque a Sua vontade soberana assim o entendeu, o Senhor fez questão de que a doutrina da criação fizesse parte integrante da mensagem do primeiro anjo, porque a criação do mundo por Deus é o fundamento de toda a doutrina bíblica. Privada de uma tal mensagem, a humanidade não estaria à altura de se preparar para a crise final.

Numa época em que a esmagadora maioria do mundo cristão rejeita o ensinamento das Escrituras, no que diz respeito à criação, e se limita a acreditar, em matéria de juízo, que o homem colhe o que semeou, já nesta vida, Deus dirige ao mundo uma mensagem de advertência dupla, uma mensagem que tem por objectivo pôr seriamente as coisas no seu devido lugar. Esta mensagem não é nenhuma inovação. É pura e simplesmente a que se encontra no Evangelho, no Evangelho eterno em que certos aspectos da verdade bíblica, que têm sido negligenciados, são postos em evidência. Visto que se trata da verdade, tal como ela é em Jesus, e que o que caracteriza a verdade é o incitar homens e mulheres a reformarem as suas vidas, esta mensagem deve ser proclamada com o maior tacto e com o maior ardor do amor divino.

É essa a razão pela qual devemos conhecer pessoalmente o Evangelho eterno, de que somos portadores. Se quisermos que o nosso testemunho seja eficaz, a nossa maneira de viver deve demonstrar à Igreja e ao mundo que acreditamos, de facto, que vivemos no tempo do juízo e que o fazemos sem apreensões, porque possuímos uma certeza interior fundada na Palavra de Deus: que o Criador nos concedeu, em Jesus Cristo, a justiça que é exigida de nós.

SÁBADO 18 DE DEZEMBRO

Dia de jejum e oração a favor da evangelização em novos territórios

A Queda de Babilónia

A doutrina proporciona o conhecimento necessário permitindo adquirir uma Fé esclarecida.

E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.

Apocalipse 14:8

«Doutrina, doutrina, ainda mais doutrina! Em vez de discursar constantemente sobre a doutrina, porque não nos falam de Jesus?» Não é raro ouvir hoje observações deste tipo, da parte dos jovens e até dos menos jovens, nas universidades. O que trazem estas lamentações?

Permanecem ainda muitos mal-entendidos a respeito da doutrina. Esta palavra significa essencialmente «o que é ensinado», «ensinamento». Na terminologia usada no seio das igrejas, ela designa o conjunto dos conceitos bíblicos essenciais. Pretender fazer uma distinção entre Jesus e a doutrina é, na realidade, um contra-senso; seria impossível falar de Jesus sem falar de doutrina. Até quem se limitasse a afirmar: «Jesus é o Salvador da humanidade», quer o quisesse quer não, estaria a fazer menção de um dos principais eixos sobre os quais gira a doutrina cristã: a redenção.

Mas o mal-entendido é ainda mais profundo: provém do facto de não se ter compreendido o elo estreito que existe entre a doutrina e a vida cristã.

Aquele que se queixa de ouvir falar vezes de mais na doutrina quer talvez dizer com isso que o conhecimento intelectual da verdadeira doutrina não

constitui em si mesmo a experiência cristã. Se for esse o caso, tem absoluta razão, porque está escrito: «Tu crês que há um só Deus e fazes bem. Também os demónios o crêem, e estremecem.» (Tiago 2:19). Pode ser que este desprezo pela doutrina seja um meio de exprimir a sede pessoal de um Cristo vivo, para além das fórmulas teológicas. Nesse caso convém encorajar, pelo menos em certa medida, esta maneira de ver. Com efeito, como já fizemos notar atrás, «a letra mata, mas o Espírito vivifica.» (II Cor. 3:6).

A doutrina e a conduta individual

Entre aqueles que têm tendência para minimizar a doutrina, há os que crêem que não existe nenhuma relação entre ela e a experiência religiosa pessoal, a ponto de afirmarem: «Pouco importa aquilo em que se crê; apenas conta aquilo que o indivíduo é.» Devemos aderir a esta opinião? Só o sabemos depois de ter consultado a Bíblia a este respeito.

O Novo Testamento fala muito de doutrina. Sem contar as inúmeras passagens em que se faz directamente alusão ao ensino dos apóstolos (1), Jesus professou realmente uma doutrina durante o tempo do Seu ministério sobre a terra: «A minha doutrina não é minha, mas d'Aquele que Me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, pela mesma doutrina conhe-

cerá se ela é de Deus, ou se Eu faio de Mim mesmo.» (João 7:16, 17). Por seu lado, Lucas descreve os membros da Igreja primitiva como crentes que «perseveravam na doutrina dos apóstolos» (Act. 2:42). De resto, estes últimos foram acusados pelos chefes religiosos de Israel de ter «enchido Jerusalém» com a sua doutrina (Act. 55:28), exaltando Jesus «como Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados» (5:31).

Ao descrever o trajecto espiritual seguido pelos cristãos de Roma, daí em diante libertos do pecado e tornados «escravos da justiça», Paulo exclama: «Mas graças a Deus, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues.» (Rom. 6:17).

Na sua primeira epístola dirigida a Timóteo (cap. 1:8-11), o apóstolo Paulo declara que a lei divina condena «o que for contrário à sã doutrina», a qual está em conformidade com «o Evangelho de glória do Deus magnífico» (Bíblia La Pléiade). Nada menos de três versículos do capítulo 4 da mesma epístola falam de doutrina.

O primeiro versículo enuncia uma revelação expressa do próprio Espírito Santo, segundo a qual «nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios». No versículo 6, é dito que um bom ministro de Jesus Cristo deve ser «criado com as palavras da fé e da boa doutrina», e no versículo 16, o apóstolo exorta o seu filho espiritual nos seguintes termos: «Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas porque, fazendo isto, te salvarás tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.» No capítulo 6 da mesma carta a Timóteo, nos versículos 3 e 4, Paulo exprime-se rigorosamente assim: «Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe.»

O apóstolo dos gentios salienta igualmente a importância da doutrina cristã na sua carta a Tito. No primeiro capítulo, ele recorda a este último as instruções que lhe tinha dado, a respeito da escolha do ancião em cada cidade na qual existisse uma comunidade cristã. Seguidamente enumera as qualidades requeridas para o exercício deste cargo. Menciona, entre outras, que todo o ancião deve reter «firme a palavra que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os oponentes» (v. 9). Finalmente, no capítulo 2, versículo 1, dirige pessoalmente um conselho ao seu discípulo: «Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina» (2).

1) Ver especialmente Actos 5:21, 42; 20:20; 28:31; I Cor. 11:23; 15:3; Col. 1:28; I Tim. 4:6; 6:1.

2) Ler também Mat. 4:23; 5:2; 7:28; 11:1; 28:55; 21:23; Marc. 1:27; 6:34; 10:1; 14:49; Luc. 5:3; 19:47; 21:37; João 8:2; Act. 1:1.

A doutrina e a vida cristã

Há outras duas passagens bíblicas que merecem a nossa atenção. Primeiramente citemos Romanos 16:17: «E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles.» O segundo encontra-se em II Timóteo 3:15-17, em que o escritor sagrado afirma que a Santa Escritura, inspirada por Deus, «é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça».

Este texto do Novo Testamento é de um alcance considerável e decisivo: se alguém aceitar as Escrituras como a revelação divina, infalível, tendo autoridade, não poderá negar que existe um elo incontestável entre a doutrina e a experiência cristã.

Contudo, a doutrina não deve ser considerada como um fim em si mesma. Nenhuma doutrina nos pode salvar. A doutrina bíblica tem como objectivo levar-nos a compreender a necessidade vital de uma comunhão espiritual, pessoal, viva, alegre e fecunda com Jesus Cristo, fundada sobre a fé que actua por amor. (Ver Efés. 2:8-10; Gál. 5:6).

Se é verdade que a fé não se limita ao conhecimento intelectual da verdade, ela implica, pelo menos em parte, este conhecimento. A fé não é uma coisa irracional; não é um caminhar em trevas. Está escrito: «A fé vem pelo ouvir e o ouvir da Palavra de Deus» (Rom. 10:17). Os textos bíblicos em que nos são referidas as palavras de Cristo, de forma alguma se nos apresentam como uma mistura nebulosa constituída por farrapos incoerentes. Como é possível não ficar vivamente impressionado com o método seguido para redigir o terceiro Evangelho? Vejamos em que termos Lucas faz notar os cuidados que teve na sua redacção: «Tendo pois muitos empreendido pôr em ordem a narração dos factos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me informado minuciosamente de tudo desde o princípio.» (Luc. 1:1-3).

Por seu lado, Ellen White escreve: «Os ministros precisam apresentar Cristo na Sua plenitude, tanto nas igrejas, como em novos campos, a fim de que os ouvintes possuam fé inteligente.» — **Obreiros Evangélicos**, pág. 162.

É certo que a doutrina não nos proporciona um conhecimento pleno; põe à nossa disposição um conhecimento suficiente, aquele de que temos necessidade para servir de base a uma fé lúcida e esclarecida. É por isso que Deus se quis revelar de uma ponta a outra da Bíblia, a qual contém declarações verdadeiras sobre Ele próprio, sobre nós e sobre o mundo em que vivemos. A doutrina contida nas Escrituras alimenta a nossa fé e dinamiza a nossa vida espiritual. Esta dou-

trina bíblica, inspirada por Deus, permanece como a pedra de toque por excelência, graças à qual podemos continuamente medir o valor da nossa experiência religiosa pessoal e conservar-nos ao abrigo das seduções de Satanás.

Porquê atribuir uma tal importância à doutrina? Porque se não tivermos a noção do valor exacto do papel da doutrina bíblica, seremos incapazes de compreender o alcance da tripla mensagem de Apocalipse 14, especialmente a do segundo anjo. Se não percebermos a utilidade desta mensagem, e se deixarmos de extrair dela uma aplicação para a nossa vida pessoal, não estaremos em condições de a proclamar com a requerida convicção. A substância da mensagem apresentar-se-nos-á forçosamente alterada e o sentido da nossa missão evangélica enfraquecer-se-á na mesma proporção.

Com efeito, a queda de Babilónia está intimamente ligada à rejeição da doutrina bíblica na sua pureza; a sua decadência espiritual provém do ensino de doutrinas enganadoras e, por conseguinte, prejudiciais. «Caiu Babilónia, a grande, que a todas as nações deu a beber do vinho do furor da sua devassidão!» (Apoc. 14:8, Trad. Scofield).

O termo «Babilónia» deriva da palavra «Babel», que veio a significar confusão. «É empregado nas Escrituras para representar as várias formas de religião falsa ou apóstata.» — **O Grande Conflito**, pág. 307.

«O grande pecado imputado a Babilónia é que "a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição". Esta taça de veneno que ela oferece ao mundo representa as falsas doutrinas que aceitou, resultantes da união ilícita com os poderosos da Terra. A amizade mundana corrompe-lhe a fé, e por seu turno a igreja exerce uma influência corruptora sobre o mundo, ensinando doutrinas que se opõem às mais claras instruções das Sagradas Escrituras.» — **Idem**, pág. 312.

«A mensagem do segundo anjo de Apocalipse, capítulo 14, foi primeiramente pregada no Verão de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais directa às igrejas dos Estados Unidos, onde a advertência do juízo tinha sido mais amplamente proclamada e em geral rejeitada.» — **Idem**, pág. 313. A mensagem era «destinada a separar o povo profeta de Deus das influências corruptoras do mundo, e a despertá-lo a fim de ver o seu verdadeiro estado de mundanismo e apostasia.» — **Idem**, pág. 306.

Ellen White escreve ainda as seguintes linhas a respeito dos crentes que, em meados do século XIX, tinham a sua esperança fixa na volta de Jesus: «Vieram de denominações várias, e as barreiras denominacionais foram derrubadas; credos em conflito eram reduzidos a átomos; a esperança de um milénio terreal, em desacordo com a Sagrada Escritura, foi posta de lado e corrigidas opiniões falsas sobre o segundo advento; varridos o orgulho

e a conformação com o mundo; repararam-se injustiças; os corações uniram-se na mais doce comunhão, e o amor e a alegria reinaram supremos. Se esta doutrina fez isto pelos poucos que a receberam, o mesmo teria feito a todos, se todos a houvessem recebido.» — **Idem**.

Infelizmente, como já o dissemos, nos Estados Unidos as igrejas em geral não aceitaram a mensagem que Deus lhes tinha dirigido para as provar e purificar. A serva do Senhor explica porquê: «A medida que as esperanças e ambições mundanas lhes encheram o coração, arrefeceram o amor para com Deus e a fé na Sua Palavra; e, quando se apresentava a doutrina do advento, apenas suscitava preconceito e descrença.» — **Idem**.

Contudo, os acontecimentos que, em 1844, se produziram nas igrejas da América do Norte, foram apenas uma pequena antecipação daqueles que assinalarão o termo do tempo do fim e cumprirão plenamente a profecia do segundo anjo de Apocalipse 14.

Um estudo atento dos capítulos 12 a 18 de Apocalipse revela que Babilónia é um nome simbólico designando uma perigosa caricatura do verdadeiro cristianismo. Uma caricatura cujos antecedentes remontam ao paganismo antigo que conseguiu infiltrar-se lentamente na Igreja. As crenças adoptadas pelo mundo cristão acabaram por não ser mais do que uma mistura subtil de cristianismo e de paganismo de que a Igreja Católica Romana foi a concretização histórica. Desde então Babilónia tornou-se «A GRANDE BABILÓNIA, A MÃE DAS PROSTITUTAS E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA» (3), uma confederação político-religiosa mundial que, por meio das suas seduções, virá a arrastar o protestantismo, na sua quase totalidade, à apostasia.

Aos olhos de Satanás, o poderoso triunvirato constituído pelo dragão, pela besta e pelo falso profeta é, sob a sua direcção, capaz de varrer definitivamente a Igreja remanescente da face do globo terrestre. Bem mais do que isso, ele acalenta a esperança de travar batalha com o próprio Todo-Poderoso, com o objectivo de infligir uma derrota total a Jesus Cristo,

3) Eis duas declarações dadas pela pena de autores católicos: «A cristandade, tal como Israel, substituiu-se com os ídolos das nações, com as divindades do poder, da fecundidade, do domínio, da riqueza, com as potências do capital. Desta forma ela sacrificou o homem e os filhos dos homens aos ídolos imperialistas, nacionalistas. Consentiu que fosse entregue a César aquilo que apenas pertence a Deus. Desonrou o nome do seu Senhor junto das nações que não receia massacrar, oprimir, torturar... Desonrou e renegou os mártires fazendo incensar os distintos e as armas das legiões dos Césares. Substituiu-se com o deus da conquista e do dinheiro. A cristandade, tal como Israel, foi uma prostituta.» — Claude Tresmontant, *Bible et vie chrétienne*, n.º 21, Março-Maio de 1958.

«Em todos os tempos a Igreja teve a sua parte na eclosão das grandes heresias: quase sempre porque negligenciou e muitas vezes até alterou e falsificou o Evangelho.» — Hans Küng, padre, professor de Teologia na Faculdade Católica de Tübingem, *L'Église*, I, pág. 339 (N. da R.).

quando se defrontarem pela última vez, em confronto que, no Apocalipse, é designado com o nome de Armagedom.

Mas como tentará o grande adversário da humanidade atingir os seus objectivos? Por meio de que estratégia tenciona ele pôr em execução os seus sinistros projectos? A propósito das seduções da grande Babilónia, João escreve no Apocalipse (17:2): «e os habitantes da terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição». Eis como Ellen White se exprime a este respeito: «Mediante dois grandes erros — a imortalidade da alma e a santidade do domingo — Santanás há-de enredar o povo nas suas malhas. Enquanto o primeiro lança o fundamento do espiritismo, o último cria um laço de simpatia com Roma. Os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através da voragem para apañhar a mão do espiritismo; estender-se-ão por sobre o abismo para dar as mãos ao poder romano; e, sob a influência desta tríplice união, este país seguirá as pegadas de Roma, conculcando os direitos da consciência.» — *Idem*, pág. 471.

Noutro lugar, a serva do Senhor nos diz, falando da América, que «os povos de todos os demais países do mundo hão-de ser induzidos a imitar-lhe o exemplo». — *Test. Selectos*, vol. II, pág. 373.

Satanás disfarçado em anjo de luz

«Imitando mais de perto o cristianismo nominal da época, o espiritismo tem maior poder para enganar e enredar. O próprio Satanás está convertido, conforme a nova ordem de coisas. Ele aparecerá no aspecto de anjo de luz. Mediante a agência do espiritismo, operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados, e efectuar-se-ão muitas e inegáveis maravilhas. E, como os espíritos professarão fé na Sagrada Escritura, e demonstrarão respeito pelas instituições da Igreja, a sua obra será aceita como manifestação do poder divino.» — *O Grande Conflito*, pág. 471.

Como conseguirá a Igreja final escapar aos ardis do Maligno? Graças a uma fidelidade e a uma adesão sem reservas à sua doutrina. Em tudo o que diz respeito à sua fé e à sua forma de viver, os membros da Igreja de Deus querem fundamentar-se num «está escrito». Em todas as circunstâncias, a palavra de Deus é e permanece como a sua bússola, porque sabem que a doutrina à qual se apegam é indissociável da sua vida espiritual. Aprenderam, por experiência, que a doutrina bíblica bem compreendida contribui para fortalecer a sua espiritualidade, preservando-a das concepções corrosivas do mundo actual, do cepticismo e das heresias.

Além disso, proclamaram com ardor e pelo poder do Espírito Santo, a mensagem do segundo anjo. Depois de ter desmascarado os pecados da grande Babilónia, convidaram o povo de Deus que ainda nela se encontra a abandoná-la

O Selo de Deus ou o Sinal da Besta

**A humanidade encontra-se perante
uma alternativa: receber o selo
de Deus ou o da besta.**

E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálix da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome.

Aquí está a paciência dos santos, aquí estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

Apocalipse 14:9-12

Sabe-se que a mensagem do primeiro anjo encerra um apelo para adorar «Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas» (Apoc. 14:7). Essa mensagem fala também de adoração, mas sob um ângulo diferente. Efectivamente, a adoração é o tema central desse texto. Há nele uma advertência contra a adoração da besta e da sua imagem, e contra o seu sinal colocado sobre a testa ou na mão direita (ver v. 9). Esta advertência é acompanhada por uma ameaça: os que desdenharem esta mensagem ficarão sujeitos ao castigo mais severo mencionado em toda a Bíblia (ver vs. 10, 11).

Em compensação, em Apocalipse, capítulo 15:1-4, é descrita a vitória

sem demora. Para realizar este trabalho, não se limitaram a recordar os vários ensinamentos da Bíblia. Exaltaram Jesus Cristo, centro de todas as verdades bíblicas e que penetrou nas suas vidas na sua qualidade de Salvador e Senhor, por meio da sua doutrina. Não se contentaram em proclamar em alta voz as ameaças contra os pecados da poderosa Babilónia. Fizeram mesmo mais do que simplesmente dar a co-

nhecer as bênçãos prometidas por Cristo a todos os homens: estudaram, oraram e procuraram a plenitude do Espírito Santo, a fim de serem capazes de apresentar o Evangelho na sua maravilhosa beleza, e assim suscitar o desejo de receber estas preciosas bênçãos. Em resumo, movidos pelo amor de Cristo, pelas suas palavras e acções acabaram por conquistar o coração de milhões de pessoas!

dos crentes vitoriosos sobre a besta e sobre a sua imagem — aqueles que não receberam o seu sinal. São os que «guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus» (Apoc. 14:12). É aí que reside o segredo da sua vitória.

A mensagem do terceiro anjo começou a ser compreendida e proclamada pouco depois da grande decepção de 1844. Foram vários os factores que contribuíram então para revelar o seu significado. A medida que os nossos pioneiros conseguiram penetrar no sentido da palavra «santuário» que aparece no livro de Daniel (cap. 8:14), foi-lhes permitido acompanhar Jesus, pela fé, até ao segundo compartimento do santuário celeste, ou seja, o lugar santíssimo. Por este motivo, começaram a compreender a importância do ministério exercido nesse lugar pelo Senhor, na Sua qualidade de sumo sacerdote (ver Heb. 8:10).

A verdade sobre o sábado foi-lhes inicialmente comunicada por um membro da Igreja Baptista do Sétimo Dia, a Sr.^a Raquel Oakes. Depois, convencidos pela evidência que se lhes impunha, tendo por fundamento o testemunho bíblico, o número daqueles que passaram a guardar esse dia, a ensiná-lo e a argumentar em seu favor, tornou-se cada vez mais numeroso. No sábado, 3 de Abril de 1847, em Topsham (Maine), Ellen White teve uma visão que incidia sobre a totalidade do problema. Porém ela não deu conta, de uma só vez, de todos os pormenores que lhe foram revelados (sobre este assunto, consultar **Primeiros Escritos**, págs. 32-35; **Vida e Ensinos**, págs. 84, 85; 90-92). Na sua obra intitulada **Mensageiro para o Remanescente**, Arthur White resumiu desta forma o conteúdo daquilo que fora revelado: 1) Nesta visão, a Sr.^a White parece ter sido transportada ao Céu e introduzida no próprio santuário celeste. 2) No lugar santíssimo, ela viu a arca contendo a lei e ficou admirada ao constatar que «o quarto mandamento, o do sábado, brilhava mais do que todos os outros; porque o sábado foi colocado à parte para ser guardado em honra do nome do Deus santo. O mandamento do sábado santo aparecia envolto em glória, rodeado por um halo luminoso». 3) Foi-lhe igualmente desvendada a mudança do sábado, o significado da observância do sétimo dia da semana, a obra de que os crentes deviam ser incumbidos para a proclamação desta verdade, a relação entre a observância do sábado e os períodos de perturbação que o povo de Deus devia atravessar antes do desenlace final por ocasião da vinda de Cristo. 4) A relação existente entre o sábado e a mensagem do terceiro anjo foi-lhe revelada da seguinte maneira: «Foi-me mostrado que o terceiro anjo encarregado de exaltar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus representa o povo que recebe esta mensagem e dirige uma advertência ao mundo,

convidando os homens a observar os preceitos divinos como se se tratasse de proteger a menina dos seus próprios olhos e que, em resposta a esta advertência, um grande número de pessoas seria levado a observar o sábado do Senhor.»

Além disso, um estudo cuidadoso das grandes profecias de Daniel e do Apocalipse, feito em conjunto com outras passagens das Escrituras, permite aos adventistas compreender melhor o apelo do terceiro anjo. A medida que se foi tornando necessário, Deus concedeu novas revelações à Sua serva Ellen White. A mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14 deve ser compreendida correctamente por aqueles que o Senhor suscitou para a dar a conhecer ao mundo.

Babilónia rejeita a luz

As palavras do anjo relatadas em Apocalipse 18 ajudam-nos a compreender que a mensagem de Apocalipse 14 contém a indicação do remédio exigido para curar as doenças espirituais de que sofre a Babilónia mística. E contudo, por ocasião da grande crise final, teremos que nos render à evidência: Babilónia recusará pura e simplesmente ser curada. «Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto!» (Apoc. 18:7). Por outras palavras, Babilónia rejeita a luz do Céu, ainda que durante esse tempo esta seja difundida por meio do povo de Deus, instrumento de uma plena manifestação do poder e do amor divino. Com efeito será a hora do «alto clamor», o tempo da chuva serôdia, portanto aquele em que o Espírito Santo será derramado sobre a carne, a fim de inundar o coração de cada fiel testemunha da verdade.

Nesse momento, Babilónia conhecerá uma queda espiritual completa e irrevogável, à qual deverá suceder a sua queda física e a sua destruição total. (Apoc. 18:19, 21). É essa a razão pela qual é urgentemente necessário convidar o povo de Deus que ficou em Babilónia a sair dela, antes que seja tarde de mais.

Desde o princípio, a lei de Deus foi o grande tema de controvérsia entre Cristo e Satanás. A questão capital era saber se os estatutos divinos são imperfeitos e devem ser corrigidos ou se, pelo contrário, são perfeitos e imutáveis. Impelidos pelo amor da verdade, Cristo e os Seus fiéis discípulos têm afirmado sempre que a lei de Deus reflecte o Seu carácter e, sendo emblema da Sua soberania e fundamento da Sua autoridade, ela é perfeita e imutável. Porém, levados por uma tendência que conduz ao extravio, Satanás e os seus partidários pretendem que a lei é imperfeita e, consequentemente, susceptível de ser alterada. Ao agir desta forma, ofenderam o carácter e a autoridade de Deus,

tentando separar os fundamentos do Seu trono.

A substância da mensagem do terceiro anjo mostra bem que o litígio sobre a lei de Deus continua tal como no princípio do mundo e que o grande conflito dos séculos se prolonga. O terceiro anjo precipita o desenlace da crise final. Faz que a colheita terrestre atinja a maturação, levando cada ser humano consciente dos seus actos, portanto moralmente responsável, a tomar posição definitivamente. Pode-se assim ter uma noção de como esta mensagem tem uma importância e uma gravidade sem precedentes. Por isso, irmãos e irmãs, devemos fazer todos os esforços possíveis para apreender perfeitamente todo o seu sentido, para nos impregnarmos dela, para a proclamar com dinamismo e competência. Ellen White diz que a proclamação desta mensagem é «a maior e mais importante obra do mundo para o presente tempo». — **Test. Selectos**, vol. II, pág. 365.

Em Apocalipse 14:9 Deus adverte a humanidade contra a adoração da besta e da sua imagem; procura dissuadir-nos de receber sobre a testa ou na mão direita o sinal desse poder, porque o seu instigador é o próprio Satanás.

Um estudo atento de Daniel 7 e de Apocalipse 13 revela que Satanás, agindo por intermédio dos seus anjos, desenvolve uma grande actividade. Prepara um autêntico golpe de mestre contra a lei de Deus e não hesitará em fazê-lo em nome de Cristo. Antes da solução do conflito milenário que o coloca em oposição a Deus, idealizou o projecto de aparecer pessoalmente em diferentes pontos do globo. Apresentar-se-á com o aspecto de «um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus dada por S. João no Apocalipse». — **O Grande Conflito**, pág. 501. Este poderoso engano será «quase invencível», escreve Ellen White. — **Ibidem**.

Qual a finalidade deste esforço supremo de Satanás? Tem como objectivo conseguir uma alteração no decálogo, elevando o primeiro dia da semana ao nível de dia sagrado, em lugar do sábado indicado no quarto mandamento. O grande adversário leva desta maneira o homem a violar os preceitos divinos, enquanto os convence de que estão a observar esses preceitos (Ver **Profetas e Reis**, pág. 180). «Não necessita de atacar toda a lei; se pode levar os homens a desrespeitar um só preceito, está conseguido o seu objectivo. Pois «qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos» (Tiago 2:10). Consentindo em transgredir um preceito, são os homens colocados sob o poder de Satanás.» — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 569.

O último versículo da terceira mensagem mostra que os crentes fiéis conseguirão desmascarar o odioso es-

tratagem de Satanás e a invalidar o desafio lançado contra a autoridade do Altíssimo. Em Apocalipse 14:12 fala-se, efectivamente, de um movimento cristão que, longe de se limitar a reconhecer teoricamente a imutabilidade da lei divina, guarda os mandamentos de Deus. Para esses crentes, trata-se de um conjunto de hábitos que imprimiram na sua vida. Notemos, a propósito, que a expressão indeterminada «os mandamentos» designa não este ou aquele preceito da lei, mas todos os mandamentos de Deus. Esta forma gramatical, aparentemente vaga tem, na realidade, muita força. Ela designa os mandamentos na sua totalidade, incluindo o quarto preceito do decálogo (1).

O resto da frase — «e a fé de Jesus» —, que pode igualmente ser traduzido por «a fé em Jesus», dá-nos a certeza de que esses crentes não tentam obter a santidade nem alcançá-la pelas suas boas obras. A razão profunda e o segredo da sua fidelidade aos mandamentos de Deus é o seu amor por Jesus, tendo como fundamento a fé na Sua palavra (ver João 14:15). O amor a Deus era, de resto, a motivação que animava o seu Mestre durante a Sua vida nesta terra (ver João 15:10). A fé genuína é a emanção natural do amor e traduz-se pela obediência aos mandamentos de Deus. (Ver Gál. 5:6; João 14:21; I João 2:3-6).

A Igreja, reflexo do carácter de Jesus

Em Jesus Cristo, os crentes indicados em Apocalipse 14:12 foram colocados sob as vantagens da justiça da lei (Rom. 8:4). De tal forma abriram o seu coração de par em par a Jesus que a própria vida e amor de Deus habitam neles, transformando-os à Sua imagem. Tal como Cristo, eles podem afirmar: «Meu Deus, eu quero fazer o que Te agrada, e a Tua lei penetrou bem no meu íntimo» (Sal. 40:9, T.O.B.). Jesus imprimiu neles o Seu carácter divino pelo Espírito Santo actuando no íntimo das suas almas

(ver Efésios 3:16). É por isso que, seguindo as pisadas do seu Salvador, não podem permitir-se violar o único preceito da lei santa promulgada por Deus, mesmo que seja posta em risco a sua segurança económica e até a sua vida. Decerto prefeririam morrer a ofender Aquele que os amou a ponto de dar a Sua vida em sacrifício por eles.

É isso, de resto, que significa a palavra constância: «É nisto que se revela a constância dos santos» (Apoc. 14:12, Trad. Crampon). Este termo característico do Novo Testamento designa «alguém que se dedicou inabalavelmente ao alvo que fixou para si, à sua lealdade, à sua fé, e à sua piedade, mesmo que tenha que passar pelas provas mais cruéis e pelos maiores sofrimentos». — Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament*, pág. 664.

No início desta comunicação, dissemos que a adoração é o tema principal da mensagem do terceiro anjo. Ora parece que acabámos finalmente por afirmar que esse tema principal é a obediência. Mas, de facto, estas duas ideias não se contradizem: obedece-se espontaneamente àquilo que se adora de todo o coração. «Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedecéis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?» (Rom. 6:16).

Quem prevalecerá? Jesus ou Satanás? Os mandamentos de Deus ou os mandamentos dos homens? O sábado do Senhor ou o domingo? O selo de Deus ou o sinal da besta? Porque o dia que se guarda é o sinal da autoridade à qual nos submetemos: a de Deus ou a dos homens. Estas são as perguntas que nos são dirigidas pela mensagem do terceiro anjo.

É certo que «os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que fazendo assim estavam a guardar o sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos em todas as igrejas, não exceptuando a comunhão católica romana, que crêem sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. Deus aceita a sinceridade do propósito de tais pessoas e a sua integridade. Quando, porém, a observância do domingo for imposta por lei, e o mundo for esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. Prestará homenagem a Roma, e ao poder que impõe a instituição que Roma ordenou. Adorará a besta e a sua imagem. Quando os homens rejeitarem a instituição que Deus declarou ser o sinal da Sua autoridade, e honrarem em seu lugar a que Roma escolheu como sinal da sua supremacia, aceitarão, de facto, o sinal de fidelidade para com Roma — “o si-

nal da besta”.» — **O Grande Conflito**, pág. 358.

Por outro lado, também ainda ninguém recebeu o selo de Deus, no sentido em que o termo é usado no contexto da terceira mensagem. A este respeito Ellen White declara: «O Senhor mostrou-me claramente que a imagem da besta será estabelecida antes do fim do tempo da graça, porque ela será a última prova do povo de Deus, aquela por meio da qual será decidido o seu destino eterno. É esse o teste ao qual deve ser submetido o povo de Deus antes de ser selado. Todos aqueles que derem testemunho da sua lealdade para com Deus, observando a Sua lei e recusando aderir ao falso dia de repouso, alistar-se-ão sob a bandeira de Jeová, o Deus soberano, e receberão o selo do Deus vivo.» — **S. D. A. Bible Commentary**, nota de Ellen White, pág. 976.

Segundo Apocalipse 14:9-11, aqueles que adorarem a besta e a sua imagem e receberem o seu sinal na testa ou na mão, ficarão sujeitos ao impacto da cólera divina, designado pelo profeta Isaías como «a Sua estranha obra». Em várias ocasiões, este antagonismo do Deus santo para com o pecado manifestou-se outrora sobre a terra a fim de que «os moradores do mundo aprendam justiça» (Isa. 26:9). Agora, porém, a cólera que Deus Se prepara para derramar sobre a humanidade será “sem mistura”, isto é, não será atenuada pela Sua misericórdia. O Senhor revela a Sua indignação sob a forma das sete últimas pragas (ver Apoc. 15:1; 16:1-21; 20:7-15). A severidade das punições a que os homens serão sujeitos põe em evidência a excepcional gravidade do pecado que ela sanciona.

De facto, a adoração da besta e da sua imagem é um pecado que pode levar o homem até ao pecado que não tem remissão, aquele que resulta de uma rebelião aberta contra a soberania do Criador. Esta transgressão, cometida durante um período que teve o privilégio de ser inundado por uma luz abundante, leva o homem a dizer de Jesus Cristo: «Não queremos que este reine sobre nós» (Luc. 19:14).

É a isso que se chama pecar voluntariamente depois de ter recebido o conhecimento da verdade, é pisar aos pés o Filho de Deus e considerar como profano o sangue da aliança; é ultrajar o Espírito da graça (Heb. 10:26-31). É alistar-se do lado de Satanás, o adversário implacável de Cristo e do Seu povo. É um crime de alta traição para com o Criador do universo e para com o Redentor da humanidade. Quando compreendemos a enormidade desse pecado, cessamos de pôr em causa a justiça do juízo de Deus tal como ele vem expresso na mensagem do terceiro anjo.

Em compensação, segundo Apocalipse 7:1-4, 9-17, aqueles que tiverem recebido o selo de Deus nas suas testas, que tiverem lavado os seus vestidos e os tiverem branqueado no

1) É, sem dúvida, oportuno relembrar a declaração de Tiago, no capítulo 2 da sua Epístola, no versículo 10: «Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos.» Este texto da Escritura inspirou o comentário seguinte a Monsenhor A. Charue, antigo bispo de Namur: «É necessário não falhar em nenhum ponto da lei, porque, desde que se tenha transgredido um único dentre todos os mandamentos, seria despropositado invocar fidelidade para com os outros... Os mandamentos da lei formam um todo indissociável, porque se impõem todos em nome da mesma vontade divina, de cuja existência são a emanção. Quando é Deus quem promulga, num plano de igualdade, todos os preceitos do Decálogo, irá Ele tolerar que o homem faça distinções entre eles, segundo bem lhe parecer, e não observe senão aqueles que lhe agradarem?» — Versão Piro-Cramer, t. XII, nota sobre Tiago 2:10, 11, págs. 407, 408. (N. da R.).

sangue do Cordeiro, entrarão na glória. Será real para eles a visão do apóstolo João: «... eles estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede... Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima». (Apoc. 7:15-17).

O nosso destino depende, principalmente, de nós

Eis, caros irmãos e irmãs da Igreja final, em que consiste a nossa mensagem. Portadores desta tripla advertência, colocamos a nossa geração perante decisões de consequências, eternas.

Toda a humanidade está prestes a receber ou o selo de Deus ou o sinal da besta. Qual será a nossa sorte? Tendo Deus feito tudo o que havia a fazer, o nosso destino está, de aqui em diante, nas nossas mãos. Em resultado do Seu amor e da Sua graça e não pelos nossos méritos e qualificações, fomos escolhidos pelo Senhor para sermos Seus mensageiros. Sob este ponto de vista, ser adventista é o maior privilégio que existe no mundo. Mas é também uma terrível responsabilidade. O nosso Movimento foi designado para ser o depositário da verdade para os tempos actuais, verdade revelada pelo próprio Deus e destinada aos nossos contemporâneos.

Já temos suportado alguns ataques organizados por Satanás e pelos seus agentes. Mas, no futuro, teremos que nos defrontar com assaltos de uma violência incrível. Bateremos em retirada? Diminuiremos a sonoridade com que proferimos a nossa mensagem? Como seríamos nós capazes de nos comprometer dessa forma? Isso seria o mesmo que admitir que o nosso mandato e a nossa mensagem não vieram de Deus; isso significaria que teríamos consentido em trair os nossos compromissos para com Deus e para com os nossos semelhantes. Um tal abandono é simplesmente impensável. Nestas circunstâncias, que vamos nós fazer?

Eis a resposta de Deus. Se Lhe dermos atenção, salvar-nos-emos a nós mesmos e também àqueles que nos ouvirem: «Que cada membro da Igreja dobre os joelhos diante de Deus, e que ore com ardor a fim de receber o Espírito Santo. Suplicai-Lhe: «Senhor, aumenta a minha fé; faz-me compreender a Tua palavra, porque a Tua palavra penetrando em mim, fará brilhar a luz. Reconforta-me com a Tua presença. Enche o meu coração do Teu Espírito, a fim de que eu possa sentir pelos meus irmãos um amor tão forte como o que Jesus tem por mim.» — Ellen G. White, **Review and Herald**, 10 de Junho de 1902.

Leitura para o Segundo Sábado

Verdadeiros Membros da Igreja

A hora vai já muito adiantada para que a certeza da nossa salvação assente em meras suposições.



Por ROBERT H. PIERSON

Actualmente, Deus possui uma Igreja neste mundo, a Igreja remanescente, a Igreja final que se prepara para a volta de Cristo a esta terra. Durante toda esta semana, o irmão Blincoe mostrou claramente quais os sinais distintivos da verdadeira Igreja.

Quer se trate da doutrina ou da obra que ela realiza hoje no mundo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia corresponde às indicações apresentadas pela Bíblia, relativas à Igreja final. No mundo actual, não somos uma organização eclesiástica como tantas outras. A nossa razão de ser vem do facto de Deus ter uma mensagem destinada a ser proclamada ao mundo inteiro,

neste tempo do fim (Apoc. 14:1-16). São os adventistas do sétimo dia quem verdadeiramente divulga esta mensagem que, segundo acreditamos, realiza a sua obra através do mundo, preparando homens e mulheres, rapazes e raparigas para a próxima volta de Nosso Senhor.

Isto não significa que os adventistas tenham a pretensão de que só serão salvos os membros da sua Igreja. Porque é evidente que há noutras Igrejas homens e mulheres honestos, sinceros, que amam o Senhor com toda a sua alma. Há até aqueles que, não pertencendo a nenhuma Igreja, contentam-se em viver segundo a luz que

receberam. Embora não sejam ainda membros da Igreja final, eles também são filhos de Deus.

No Evangelho, Jesus fala dos membros do Seu rebanho que se encontram integrados noutros rebanhos. «Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz, e haverá um só rebanho e um só Pastor.» (João 10:16).

A potente voz do grande Pastor das ovelhas convida os Seus fiéis discípulos a que se separem do mundo e da apostasia. Todos os anos, milhares de pessoas respondem positivamente ao Seu apelo. Cumprem-se nelas as palavras do Mestre: «As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, e Eu conheço-as e elas Me seguem.» (João 10:27). «Todo aquele que é da verdade ouviu a Minha voz.» (18:37).

Há os que são do norte, do Círculo Polar Ártico; outros do sul, das regiões geladas do Antártico. Outros são oriundos dos países superpovoados do Oriente. Finalmente outros vivem no Ocidente, para não falar dos crentes que habitam nas inúmeras ilhas do Pacífico. Mas apesar da diversidade de origens, todos aceitaram Cristo crucificado, todos O reconhecem como seu Senhor.

Seja como for, quer seja dentro da Igreja quer fora dela, há uma obra que deve ser realizada com o fim de preparar um povo para ir ao encontro do seu Mestre, quando Ele voltar brevemente. Todos os dias passamos ao lado de pessoas que não conhecem Jesus. Algumas destas ovelhas perdidas vivem muito perto de nós, talvez pertençam à nossa família. Que fazemos nós presentemente para dar a conhecer a essas almas sem esperança a última mensagem de Deus? Que fazemos para lhes fazer sentir o peso das exigências divinas e para as convidar a entrar no aprisco do supremo Pastor? Para que havemos de tentar iludir este tipo de perguntas?

Deus tem hoje, para cada um de nós, uma tarefa que nos dá a oportunidade de contribuir para a expansão da Sua Igreja visível aqui na terra. Oxalá não O decepcionemos naquilo que Ele espera de nós!

Na verdade é grande o número daqueles cujos nomes figuram no registo de uma igreja, mas que não estão prontos a encontrar-se face a face com o seu Salvador. Como diz o apóstolo Paulo, «os de Israel não são todos Israel» (Rom. 9:6, **Bíblia La Pléiade**). Por seu turno, a mensageira do Senhor declara: «Há muitas pessoas na Igreja que, pelo coração, pertencem ao mundo.» — **Fundamentals of Christian Education**, pág. 289.

«Quando me detenho a pensar naqueles que professam pertencer ao povo de Deus e vejo as suas hesitações em O servir, o meu coração enche-se de uma dor indizível. Como são pouco numerosos aqueles que vivem para Deus com toda a sua alma, tendo em vista a terminação da Sua obra final e solene!» — **Testimonies**, vol. 7, pág. 13.

Há tempos, folheando um livro intitulado **Ecos de Horas Tranquilas**, de cujo autor neste momento não me recordo, deparei com um parágrafo no qual vale a pena meditar. Tem como subtítulo «**Pessoas estranhas**».

«Pessoas que falam de oração... mas que nunca oram;

«Pessoas que dizem que se deve pagar o dízimo... mas que nunca o entregam;

«Pessoas que dizem pertencer à Igreja, mas que nunca lá vão nem colaboram com ela;

«Pessoas que proclamam que a Bíblia é a palavra de Deus destinada ao homem... mas que nunca a lêem;

«Pessoas que afirmam que a eternidade tem muito mais valor que o tempo presente... mas que só vivem para o momento que passa;

«Pessoas que criticam os seus semelhantes por causa de faltas que elas próprias cometem;

«Pessoas que recusam frequentar a Igreja por pequenas culpas... mas que, contudo, não hesitam em cantar "Oh, como amo a Jesus!"

«Pessoas que, durante toda a sua vida, têm seguido os conselhos do diabo... e que esperam ser levadas para o céu quando Jesus voltar.» — Julho, 1974.

Esta apreciação não se aplica à totalidade do povo de Deus que vive nos nossos dias. Pessoalmente confio na Igreja adventista e naqueles que fazem parte dela. A maior parte dessas pessoas podem muito justamente ser consideradas como o sal da terra. Mas, se reconhecerdes que pertencês ao número daqueles «que não são todos de Israel», «que, pelo coração, pertencem ao mundo», sinto o dever, neste último dia da semana de oração, de vos exortar a considerar muito seriamente a ruptura da vossa comunhão com Cristo, e, se o faço é para «fazer firme a vossa vocação e eleição» (II Ped. 1:10).

Ter o nome inscrito no registo da Igreja é, sem dúvida, uma coisa importante. Mas o que conta, acima de tudo, é saber se somos ou não membros do corpo de Cristo, se estamos ou não prontos a ir ao Seu encontro quando Ele voltar. O facto de o nosso nome figurar no registo de uma igreja local, não prova necessariamente que, aos olhos de Deus, façamos verdadeiramente parte da Igreja de Jesus Cristo, que integra exclusivamente cristãos genuínos.

O que conta é ter cultivado em nós as virtudes cristãs, é ter-nos sido não só imputada mas também comunicada a justiça de Jesus. É isso que revela se pertencemos ou não a Cristo e se, falando em termos espirituais, somos, aos Seus olhos, membros da Sua Igreja. É da mais alta importância que não tenhamos dúvidas acerca destas questões vitais, pois, caso contrário, corremos o risco de viver embalados em ilusões. Não nos iludamos: nunca se poderia minimizar a necessidade de pertencer à Igreja de Deus, visto que Cristo vai voltar para a Sua Igreja. Portanto, se O amamos com toda a

nossa alma, e se Lhe entregámos realmente o nosso coração, desejaremos, muito naturalmente, fazer parte da Sua Igreja. Mas não fiquemos por aí, tentemos compreender que implicação tem o facto de ser um membro leal da Igreja de Cristo.

Efectivamente, que espécie de Igreja virá Jesus buscar a esta terra? O apóstolo Paulo responde a esta pergunta na sua carta aos Efésios: «Para a apresentar a Si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.» (Efés. 5:27).

Foi nesta linha de pensamento que Ellen White escreveu: «Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. As suas vestes devem estar imaculadas, com o carácter libertado de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e o seu próprio esforço diligente, devem ser vencedores na batalha contra o mal.» — **O Grande Conflito**, pág. 340.

Há três verdades vitais que se destacam das linhas precedentes:

Em primeiro lugar, estamos em vésperas de uma época em que o povo de Deus deverá subsistir sem mediador perante o Juiz de todo o universo. Actualmente, Jesus continua a exercer as Suas funções de intercessor, invocando as virtudes do Seu sangue derramado e da Sua justiça e fazendo-o em favor dos crentes fiéis, daqueles que são verdadeiramente membros da Sua Igreja, quer pela forma como vivem, quer pela sua profissão de fé. Estes apresentam-se «sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante», graças à justiça de Cristo que lhes é imputada e comunicada. No tempo em que esses cristãos já não tiverem mediador para pleitear a sua causa, eles estarão, mesmo assim, preparados para «perante Ele se apresentarem santos e irrepreensíveis e inculpáveis» (Col. 1:22).

Em segundo lugar, estes membros da Igreja de Deus tornaram-se vencedores pela graça e pelo poder de Cristo habitando neles. A Sua força permitiu-lhes obter a vitória sobre os seus hábitos pecaminosos.

Nós bendizemos a Deus por nos ter dado um Salvador cuja graça foi capaz de estabelecer o Seu reino no coração dos crentes que estão assim à altura de se tornar vencedores (Ier Rom. 5:17, 21). É unicamente esta condição que nos permite fazer parte integrante da Igreja de Cristo.

Em terceiro lugar, a mensageira do Senhor lembra que, nesta experiência de preparação, temos uma parte a realizar, tal como Deus tem a Sua. É «pela graça de Deus e por meio de esforços persistentes» que conseguiremos obter a vitória no meio do vasto conflito em que se opõem Cristo e Satanás. A justiça, o perdão, a força, a resistência, a graça santificadora, constituem a **parte de Deus**. A decisão, o arrependimento, a confissão dos pecados, a fé e a obediência, repre-

sentam a nossa parte. Quando tivermos realizado em nós esta dupla experiência espiritual, poderemos então, mas só então, ser considerados como verdadeiros membros da Igreja remanescente.

«Enquanto o juízo de investigação prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento do pecado, entre o povo de Deus na Terra.» — **O Grande Conflito**, pág. 340. Porquê esta obra especial de purificação? Porque o nível moral exigido dos membros da Igreja deve ser especialmente elevado no momento em que a volta do Senhor estiver iminente.

«Quando (esta obra) se houver realizado, os seguidores de Cristo estarão prontos para o Seu aparecimento.» — **Ibidem**. Nesse momento, formarão a verdadeira Igreja de Deus, a Igreja final pronta para O acolher quando aparecer em glória e majestade. «Então a Igreja que Nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será «Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante.» Então ela aparecerá «como a alva do dia, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras.» — **Idem**, pág. 341.

A certeza das promessas divinas

O meu coração está cheio de gratidão para com Deus pelo Salvador e o Espírito que Ele nos concedeu. Dou-Lhe graças, não só porque nos indicou claramente o caminho da vida eterna, mas também pela energia espiritual posta à nossa disposição a fim de que alcancemos o ideal fixado pelo próprio Deus. Não temos perante nós um futuro ensombrado pelo espectro da incerteza; temos sob os nossos olhos, como se se tratasse de uma límpida faixa de luz, as maravilhosas promessas de Deus, cuja fidelidade é inalterável. «Onde abundou o pecado, superabundou a graça» (Rom. 5:20).

Estas preciosas promessas são-nos ainda hoje oferecidas, a nós que nos debatemos com os ataques ora violentos ora subtis do inimigo das nossas almas. Eis algumas declarações nas quais podemos apoiar-nos:

«Deus seja louvado: a vitória pertence-nos! Foi Deus que no-la deu por nosso Senhor Jesus Cristo» (I Cor. 15:56, 57, transcrição moderna das Epístolas de Paulo, por Alfredo Kuen).

«Sim, podeis ter a certeza de que o Senhor sabe libertar da prova aqueles que Lhe são dedicados» (II Ped. 2:9, *idem*).

«As tentações que vos assaltaram até agora são comuns a todos os homens: nenhuma ultrapassou as forças humanas. Aliás, Deus, que é fiel, também não consentirá que, no futuro, a prova seja maior que as vossas forças. No momento da tentação, dar-vos-á a força de Lhe resistir e prepa-

rará uma forma de sairdes vencedores» (I Cor. 10:13, *idem*).

«A Minha graça te basta» (II Cor. 12:9).

«Ó vós, todos os que tendes sede, vinde à nascente das águas! E vós, que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei! Vinde, comprai sem dinheiro, sem pagar nada, vinho e leite» (Isa. 55:1, Versão Synodale).

«Estas palavras de conforto destinam-se a vós, hoje.

«Nada é, na aparência, mais imponente e, no entanto, realmente mais invencível, que a alma que sente não ser nada e confia inteiramente nos méritos do Salvador. Deus enviaria todos os anjos do Céu em auxílio de uma alma tal, de preferência a permitir que fosse vencida.» — **Mensagens aos Jovens**, pág. 94.

«Deus deu aos jovens uma escada pela qual devem subir — escada que vai da Terra ao Céu. No topo dessa escada está Deus e sobre cada degrau incidem os brilhantes raios da Sua glória. Ele está a vigiar sobre os que estão subindo, pronto para, quando a mão enfraquecer e os passos hesitarem, mandar auxílio. Sim, dizei com palavras cheias de ânimo que nenhum dos que perseverantemente galgarem a escada, deixará de alcançar entrada na cidade celestial.» — **Idem**, pág. 95.

Irmãos e irmãs, Deus convida-vos a obter a certeza de que fazeis realmente parte da Sua Igreja ou, por outras palavras, de que a vossa vida é a de um verdadeiro vencedor, pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo.

Se um ou mais pecados mancharam a vossa vida, aproximai-vos de Jesus com sentimentos de verdadeiro arrependimento, confessando-Lhe sinceramente as vossas faltas, a fim de encontrar n'Ele o perdão, o acolhimento e a purificação. Uma única oração ardente é bastante para fazer desaparecer a distância que parece reter longe de Deus o pecador mais endurecido. Como Pai cheio de ternura, o Senhor abre-vos de par em par os Seus braços e convida-vos a vir a Ele tal como estais. O Seu amor, a Sua solicitude, a Sua graça e o Seu poder podem suprir as necessidades do maior pecador. Não quereis vós abrir a porta ao Senhor Jesus que bate e espera à porta do vosso coração?

Se estais hesitantes, se estais fracos espiritualmente, se tendes necessidade de novas forças, Deus pode conceder-vos o Seu apoio, hoje mesmo. As preciosas promessas, as luminosas certezas às quais acabamos de aludir são para vós. Porque Deus ama tanto o crente fraco como o cristão vencedor. Por isso pode vir em vosso auxílio agora. Porque não vos lança a Seus pés neste momento para que insuffle na vossa alma uma vida nova?

Um apelo aos dissidentes

Se, entre os leitores ou ouvintes desta mensagem, se encontrar alguma pessoa que esteja associada com

aqueles que desorganizam a Igreja de Deus sob o ardiloso pretexto de a reformar, desejava, neste momento, dirigir-me a ela de forma especial.

Pode acontecer que, ao seguir por esse caminho, tenhais o sentimento de que estais servindo a Deus. Talvez tenhais agido com boa fé. Abster-me-ei, portanto, de fazer qualquer juízo de valor sobre as vossas motivações reais. Mas, permiti-mé que vos diga que, se procurais desmantelar a Igreja e atacar contra a autoridade dos seus dirigentes, estais a extraviar-vos. «Aqueles que tomam a iniciativa de proclamar uma mensagem sob a sua própria responsabilidade e que, ao mesmo tempo que pretendem ser ensinados e conduzidos por Deus, se dedicam, sobretudo, a derrubar aquilo que Deus tem erigido ao longo dos anos, não fazem a vontade de Deus. É preciso que se saiba que essas pessoas estão do lado do grande sedutor. Não depositeis confiança nelas.» — **The Faith I Live By**, pág. 305.

Se, actualmente, fazeis parte de um agrupamento dissidente, tenho uma mensagem para vós: O Senhor ama-vos. Ele também quer que estejais prontos quando Ele voltar. Ora não podeis preparar-vos para a Sua volta enquanto estiverdes a gastar a vossa energia criticando e condenando. A justificação pela fé não pode traduzir-se num espírito de amargura e de crítica. Pelo contrário, ela suaviza e purifica o carácter. Em vez de destruir, constrói.

Se sentis o desejo de abandonar os caminhos em que tendes andado extraviados, exorto-vos, em nome de Cristo, a pedir socorro a Deus, a fim de alcançardes a vitória sobre vós próprios, deixando de dar continuidade a uma obra negativa. Podeis então reintegrar-vos nas fileiras do povo de Deus e colaborar connosco na edificação da Sua Igreja. Permitti-me que vos repita: Deus ama-vos. A Igreja, por seu lado, tem necessidade de vós. Não quereis responder ao Seu apelo e àquele que eu vos faço neste dia?

E agora, desejo dirigir-me a cada um de vós, membros da Igreja Adventista, filhos e filhas adoptivos de Deus que, pela Sua graça, vos esforçais por O servir, dia após dia, e que quereis, por meio das vossas vidas, ser Seus embaixadores neste mundo. Não quereis vós levantar-vos e pôr todo o vosso ser à disposição d'Aquele que Se entregou a vós sem reservas?

Que neste último sábado desta nova Semana de Oração possamos, por meio de uma inequívoca tomada de posição, mostrar àqueles que nos rodeiam, que estamos decididos a servir o nosso Deus e Mestre. Consagramo-nos inteiramente, não só com o objectivo de viver para Cristo, mas também com o de trabalhar pela Sua causa. Desta forma, a Igreja de Deus em peregrinação sobre a Terra poderá tornar-se, em breve, a Igreja de Deus glorificada no Céu, aquela que, com todos os resgatados, viverá para sempre com o Senhor.

A Colcha da Avó



Por LORENZO GRANT

Conselhos aos monitores:

Esta série de lições é escrita sob forma autobiográfica. Dessa maneira pode acontecer que a narração perca um pouco de vida. Por isso, algumas pessoas podem contentar-se em ler simplesmente as histórias. Mas, se conservarmos presentes no espírito os seguintes pontos, poderemos aplanar essa dificuldade:

1. Apresentar-se-á, primeiramente, o tema, a fim de que seja fácil captar a índole e o desenrolar da história.

2. Explicar-se-á às crianças que se trata de uma narração autobiográfica, escrita pelo próprio pastor Grant.

As pessoas que disponham apenas de um número limitado de reuniões, sugerimos que agrupem os textos, dando especial atenção ao facto de que o de quinta-feira é particularmente rico em acontecimentos.

Primeiro Dia

De Onde Viemos Nós?

Sempre me fascinaram as histórias de pessoas, mesmo que não tenham sido verdadeiras. Mas aquelas pelas quais tenho predilecção especial são as que falam da infância e da adolescência das pessoas que eu conheço. Até me interesse pelas histórias pequenas e sem importância. Gosto de fazer com que as pessoas reflitam sobre o sentido da sua vida e de levá-las a descobrir o fundo da sua perso-

nalidade. Parece-me que, se nos conhecêssemos melhor uns aos outros, nos compreenderíamos melhor e saberíamos perdoar-nos reciprocamente. Sabem qual é a razão pela qual Deus tem tanta paciência connosco? É porque conhece todas as coisas que estão na origem da complexidade do ser humano.

Lembro-me ainda de quando os meus três tios voltaram da guerra. Como eu gostava de me sentar à mesa para os ouvir contar as suas aventuras no exército. Ao mesmo tempo relatavam as experiências comuns, passadas na infância. Devem calcular que eu não perdia uma palavra do que eles diziam. Era uma alegria para mim. Nunca queria ir para a cama, sempre que estava em perspectiva um serão daqueles.

Mas vejo que me estou a afastar do assunto que nos interessa agora. Concentremo-nos e tentemos explicar o tema desta Semana de Oração. De-sejo partilhar convosco algumas das experiências pelas quais passei e me tornaram naquilo que hoje sou. Algu-

mas serão engraçadas, mas outras tristes. Estou convencido de que todas elas contribuíram para modelar a minha personalidade. Algumas irão parecer-vos importantes, outras banais. E, contudo, todos os acontecimentos ficam gravados dentro de nós. É por isso que é tão importante para nós sabermos escolher bem o que queremos fazer. Por isso, também, devemos fazer uma revisão a toda a nossa vida: Como é que nos conduzimos? Quais são os programas de televisão que vemos, que coisas ouvimos, de que falamos? Quem são os nossos amigos? Ainda me lembro da maior parte dos meus companheiros de infância e em que medida eles exerciam boa ou má influência sobre a minha evolução espiritual. Gostaria bem de esquecer alguns deles, mas agradeço a Deus por aqueles que me encaminharam para Jesus.

Espero que vocês estejam dispostos a viajar comigo até ao passado. Mas é preciso vestir os casacos porque vamos até S. Luís, no estado do Missouri, e chegamos lá no princípio do Inverno. Foi lá que eu passei a minha infância e comecei a minha experiência na vida. É isso mesmo, nasci, como toda a gente, «nos bons velhos tempos».

A minha história começa quando eu tinha quatro ou cinco anos. Não tenho recordações que vão mais além do que essa idade. Vivíamos naquilo a que se chama um «ghetto», nome que se dá na América a um bairro de gente muito pobre. A palavra nada significava para mim até ao momento em que entrei para o Liceu. Penso que éramos «desfavorecidos», se atribuirmos à palavra o significado de «pobres». Nós bem sabíamos que o éramos, mas isso não era coisa que nos afligisse muito, porque todas as pessoas com quem nos dávamos também eram pobres, e não eram nem melhores nem mais felizes do que nós. Lembro-me de que, de facto, todas as pessoas de bem, de que ouvia falar, eram pobres como, por exemplo, Robin dos Bosques e, também, Jesus Cristo, que até tinha nascido num estábulo. Por isso, parece-me que nunca me preocupou muito o facto de ter pertencido à classe dos «desfavorecidos». Não tenho pena de ter vivido essa época da minha vida. No verão, passávamos o tempo a jogar o «cricket», a andar de bicicleta e a comer melancias (não me perguntem como as arranjava, mas havia sempre meio de as conseguir). À tardinha, o nosso chuveiro era a boca de incêndio que havia perto.

Também no inverno tínhamos ocupações interessantes. Improvisávamos trenós e organizavam-se batalhas com bolas de neve. Mas ainda não é tudo! Havia também os serões com a avó. Éramos uma grande família: a avó, os seus filhos (que tinham sido criados sempre junto dela), a minha tia e o marido, a minha mãe e eu. Morávamos todos numa grande casa por cima de um salão de bilhar. Eu gostava muito dos serões. Quando os mais velhos saíam ou iam para a cama, acontecia

frequentemente eu ter autorização de ficar ao pé da avó, enquanto ela fazia a sua colcha. Lembro-me vagamente da primeira vez que a vi espalhar uma porção de bocados de tecido em cima da minha cama. Andava muito intrigado com aquele embrulho de trapos que ela guardava no meu armário. O facto é que havia um embrulho daqueles pendurado em quase todos os cantos da casa. Para que seria aquilo? Eu não tinha a mínima ideia, mas já aprendera, há muito tempo, que ali não se mexia. Tinha-me convencido de que a avó guardava todos os restos de tecidos já usados e os atafalhava num daqueles sacos velhos. Seria para se servir deles mais tarde? Tinha a impressão de que durante toda a minha vida nunca viria a resolver aquele mistério.

Mas, agora, aproximava-me da solução desse problema, porque ia, finalmente, saber. Encontrei grande quantidade destes sacos em cima da minha cama e espalhados no chão. A avó também lá estava com os óculos na ponta do nariz, balançando-se na sua cadeira de baloiço; reparei então num grande pedaço de pano que cobria a minha cama e os joelhos da avó. Que estaria ela a fazer ali?

— O que é isso, avó?

— Estou a acolchoar, meu pequeno. Parece que esta resposta me satisfez, porque não fiz mais perguntas. Mas não sabia muito mais do que antes. O que queria aquilo dizer? Apesar disso, sentei-me com um ar muito atento e muito satisfeito por poder aconchegar-me à avó. Depois instalei-me entre ela e o velho fogão, até que tive que mudar outra vez de lugar, por causa do grande calor que fazia; ouvia a neve ou a chuva caindo sobre a clarabóia. Acordei de manhã na minha cama, bem aconchegado com a roupa entalada em volta de mim; os bocados grandes de tecido estavam no lugar do costume. Eu sentia-me impaciente por saber mais qualquer coisa sobre eles e decidido a observar a avó quando estivesse a trabalhar neles para saber o que era aquilo.

Aprendo a conhecer a avó

Havia longos momentos de silêncio no quarto; apenas se ouvia o fogo a crepitar no fogão, a chuva ou a neve caindo sobre a clarabóia e o ranger da cadeira de baloiço. Que período maravilhoso foi aquele em que aprendi a conhecer a minha avó e o resto da família. Mal lhe fazia uma pergunta, logo ela iniciava uma longa história a respeito da mamã, da tia Ida, do tio Guilherme, de Tiago ou de Samuel. Eu lembrava-me daquelas histórias, mas não bastava; também o tio Ned, as tias Gertrudes e Elmira tinham a sua própria história. Era muito engraçado saber as tolices que todas aquelas pessoas crescidas tinham feito. Eu ria com gosto ao procurar ver, em imaginação, o tio Guilherme, muito divertido, por toda a casa, atrás da

minha mãe, com um gafanhoto ou uma rã na mão.

— Então e o que fez ele, avó? O que aconteceu? O gafanhoto era muito grande?

E continuava a fazer-lhe muitas perguntas até saber todos os pormenores mais insignificantes. Depois ela diria que eram horas de eu ir para a cama. Para mim, a voz da minha avó era tão melódica que me fascinava. Parecia que o que ela dizia era que no mundo tudo estava certo e que, se alguma coisa o não estivesse, ela havia de achar remédio adequado. Estava convencido de que ela sabia tudo e tinha a certeza de que era a melhor amiga de Deus. Era uma das razões pelas quais eu a crivava de perguntas. Gostava muito de a fazer falar.

Ora um dia, quando eu já tinha esgotado todos os meios possíveis para não ir para a cama, resolvi perguntar-lhe:

— Avó, de onde viemos nós?

Parecia que ela não tinha pressa de responder. Olhei para o seu rosto, com atenção, para tentar perceber alguma coisa. Não sabia se ela ia responder-me: «Não faças perguntas tolas» ou «Agora são horas de ir para a cama», mas vi que os seus olhos se iluminavam enquanto me dizia:

— Não calculas como essa pergunta é importante. Estou contente de que a tenhas feito.

Depois disse-me:

— Foi Deus quem nos criou. Foi Ele quem fez todas coisas. Em seis dias, criou o céu, a terra e o mar e tudo o que há neles.

Como a avó era baptista, não compreendia a importância da parte final desse versículo, mas sabia que era muito importante que todos compreendessem que fomos criados por um Deus todo-poderoso e onisciente. Este motivo era suficiente para respeitar a Deus e para obedecer aos Seus mandamentos. Afinal, se Ele nos criou, somos responsáveis perante Ele, tal como o somos perante os nossos pais.

— Deus não só nos criou — explicou-me ela —, mas também cuida de nós cada dia.

Uma das comparações que mais gostava de fazer era com a vida de um pardal:

— Vês este pássaro tão pequeno? Deus tem o cuidado de que ele tenha comida todos os dias. Não achas que também se preocupa contigo?

Eu não compreendia bem o que queria dizer a expressão «tempos difíceis». Mas compreendi, nestes últimos anos, o valor que teve para mim a comparação com a vida de um pardal. Lembro-me dos pacotes de coisas que uma mão invisível deixou às esquinas das ruas, e também me recordo de todas as bênçãos recebidas durante aqueles anos de provações. Embora sejamos uma grande família, nunca tivemos frio, nunca tivemos fome, nunca precisámos de mendigar, e nunca nos roubaram fosse o que fosse.

A avó dizia sempre: «Se Ele não perde de vista o pardal, também Se interessa pelo teu destino.»

Segundo Dia

Mãos Atravessadas por Preços

Não me recordo de quantas vezes a avó retomou o seu trabalho, mas para mim, nunca me pareceu que o fizesse vezes de mais. Depois de arrumar a cozinha, cada um voltava às suas ocupações predilectas. Quanto a mim, ansiava saber o que se ia passar ao serão. Ainda não havia televisão e um rapazinho como eu não tinha licença de ouvir rádio, senão quando era a hora do noticiário. Depois eu reparava que a avó ia buscar o seu saco dos trapos. Precipitava-me em direcção à pilha de madeira que estava perto da varanda. Procurava tirar de lá os maiores pedaços que era capaz de transportar e que seriam os que levariam mais tempo a arder, prolongando assim o serão com a avó. Depois de ter colocado bastante lenha no fogão, ia, em pijama, para junto dela e procurava mostrar-me o mais solícito possível.

— Posso fazer mais alguma coisa, avó? Já tens os teus óculos? Onde está a tua caixa de costura? Posso ajudar a levá-la?

Todos os serões passados junto da avó eram um encanto para mim. Aqueles preparativos parecia que a predispunham para me contar uma história nova.

A alcunha da mamã

A noite, começava por fazer muitas perguntas sobre os vizinhos que vinham visitar a avó. Depois ela contava-me uma história. Desta vez aprendi a origem da alcunha da mamã.

Quando a mamã era ainda bebé, a avó costumava levá-la para a varanda para que ela apanhasse um pouco de ar livre e de sol. A casa era à beira da estrada que levava até à oficina de serração, onde trabalhavam muitos dos nossos vizinhos. Nesse tempo toda a gente gostava muito de bebés, por isso a avó e o seu bebé receberam dos vizinhos o interesse habitual. Os operários passavam sempre à nossa porta, faziam festas ao bebé, pegavam-lhe ao colo e até lhe davam beijinhos. Havia apenas uma mulher que passava sempre com um ar muito apressado e nunca tinha tempo para essas coisas. Olhava, em silêncio, para o pezito rosado que saía da alcofa, beijava os dedidos e dizia:

— Meu torrãozinho de açúcar, agora é preciso ter muito juízo!

A minha mãe ainda se lembra de como, mais tarde, se sentia embaraçada quando a afectada velhota lhe perguntava, diante de todas as suas colegas da escola:

—Então, como vai o meu torrãozinho de açúcar?

Claro que isso era logo motivo para implicarem com ela. Mesmo as suas amigas íntimas ainda hoje lhe chamam «torrãozinho de açúcar».

Quando a avó estava bem disposta, tirava da gaveta do armário o seu álbum de fotografias. Algumas davam uma enorme vontade de rir, quando olhávamos para aqueles chapéus de abas largas, que os homens usavam, aquelas grandes penas de avestruz que faziam o orgulho das senhoras, e também as botas altas abotoadas que deviam ser uma tortura. Talvez fosse por causa daquele tipo de vestuário que os rostos tinham uma expressão macabra... Claro que algumas dessas modas que se tornaram de novo actuais são tão incómodas hoje como eram nesse tempo.

Eu ficava encantado quando via os vários membros da família empertigados naqueles bocados de papel, numa época em que ainda eram crianças. Pouco a pouco, ia reconhecendo aqueles rostos familiares que, de vez em quando, apareciam a visitar-nos. Também me entristeciam aquelas fotografias de tios e de tias muito novos ainda e que eu nunca conhecera porque tinham morrido quando ainda eram pequenos. Antigamente, não havia tantos hospitais nem tantos médicos competentes. Era frequente morrer de tosse convulsa ou de sarampo. Como me sinto agradecido pelo facto de Deus ter conservado a minha mãe!

—Este bebé aqui, com a carinha redonda, é a mamã?

—Sim, meu amor, é a tua mãe. Era uma bonequinha, não era?

—Ela chorava, avozinha?

—Como todos os bebés.

—Eu também chorava, avó?

—Com certeza...

—Aqui, quem é?

—É a tia Ida.

—Era mesmo bonita!

—Lá isso era! Tanto ela como a tua mãe eram encantadoras.

Parece que ainda estou a ver-me todo orgulhoso quando via aquelas rapariguinhas amorosas, sempre encostadas uma à outra: a minha mãe e a tia Ida, a irmã mais velha. Depois descobri uma fotografia do tio Samuel, o mais velho dos meus tios. A avó multiplicava as suas recordações.

—Ficava tão lindo com o seu fatiinho de marinheiro. E como ele gostava de o vestir! Deixou-nos a todos para ir para a marinha. Era o campeão do berlinde aqui das redondezas. Gostava muito daquele jogo. Repara nos calções. Tem os joelhos todos esburacados. Este rapaz deu-me muito trabalho; tinha que andar sempre a pas-sajar-lhe as costuras das calças.

—Aposto que ele era um às no berlinde, não era, avó?

A caixa dos berlindes

—Vês esta caixa? O tio trazia-a para casa sempre cheia de berlindes. Só por milagre é que ele não acabou por ser o maior jogador da cidade, se pensarmos na habilidade que ele tinha para esse jogo.

—Posso ver essa caixa, avó? (Eu sabia que ela sempre tinha estado guardada debaixo da minha cama, mas sempre tivera o cuidado de não lhe tocar).

—Claro que podes, meu filho. Por que razão não há-de ficar com ela? Não acredito que o teu tio volte a jogar ao berlinde.

—Ai que bom! Obrigada, avozinha!

Rastejei debaixo da cama para chegar àquela famosa caixa. Era uma antiga lancheira que há muito tempo tinha sido transformada em caixa de berlindes. Lá dentro estavam escritos os nomes de todos os meus tios, porque essa caixa tinha passado por todas as mãos, desde o mais velho ao mais novo. Tinha chegado, finalmente, a minha vez de me gozar dela. Devia estar com os olhos arregalados quando abri a caixa. Fiquei extasiado perante o tesouro mais fabuloso que um rapaz alguma vez possa ter desejado. Estes berlindes tinham uma história, porque tinham realmente sido ganhos pelo tio Samuel. Tenho a impressão de que fiquei a acariciar estas maravilhas durante uma boa hora; levei-os para um lugar bem iluminado e estive a admirar as suas cores.

—Hoje já não há berlindes como estes, avó!

—Não, meu filho, já não os fazem como dantes.

Depois desta primeira descoberta, decidi explorar com mais atenção a velha caixa, convencido de que no lugar reservado para a garrafa térmica, deveria haver um tesouro escondido, porque eu tinha descoberto muitos outros tesouros fabulosos: uma pedra que antigamente devia ter sido de ouro, uma cápsula cujo interior era revestido com uma estampa representando o capitão Marvel e um crucifixo que prendeu toda a minha atenção. Como não éramos católicos, imaginei que o tio Samuel o teria, provavelmente, encontrado nalgum sítio e depois o teria escondido na sua caixa de berlindes.

A pequena cruz fascinava-me. Tinha sido executada artisticamente; devia ser de metal amarelo e talvez mesmo de ouro. Não me lembro de que alguma vez tivesse visto uma cruz tão de perto. Mirei-a e remirei-a por todos os lados. Parecia-me que aquilo devia ter qualquer relação com a igreja e com a religião, mas nunca tinha compreendido verdadeiramente quem era aquele homem e o que significava tudo aquilo. Como a avó estava bem disposta, eu não tinha medo de lhe fazer muitas perguntas, mesmo que me parecessem muito ridículas. Por isso comecei o meu interrogatório.

Pregos nas mãos de Jesus

—Avó, quem é este?

—Ora, é Jesus, tu bem sabes!

—Foi verdade que Ele teve pregos nos mãos?

—Foi sim, meu filho.

—Quem Lhe fez isso e porquê?

A avó não respondeu imediatamente, mas eu senti de novo o seu olhar envolvente que me dava a certeza de que a resposta seria importante. Concentrei toda a minha atenção e olhei para a avó bem nos olhos. Então ela disse-me:

—Sabes, meu filho, tudo que eu te sei dizer é que eles eram muito maus.

Fiquei um pouco decepcionado, porque esperava uma longa história. Só alguns anos mais tarde comecei a medir a profundidade das suas palavras. Eles eram, de facto, muito maus. Por isso pregaram Jesus na cruz. Seriam mais depravados que os outros homens? Não, a razão é que o homem é, por natureza, pecador. É evidente que uma resposta tão breve não podia satisfazer-me naquele serão calmo e íntimo, que se prestava a confidências.

—Ele fez algum mal?

—Ah, não! Jesus nunca fez mal nenhum! Então comecei a revelar-me uma história que eu já devia ter ouvido muitas vezes. Contudo, parecia ser a primeira vez que eu a ouvia.

—Jesus foi o único homem que fez bem à sua volta. Curou os doentes, deu vista aos cegos e até ressuscitou os mortos.

—Mas então, porque é que eles o mataram, avó?

—Tenho a impressão de que tinham inveja d'Ele por causa das Suas boas obras.

—Dizes tu que eles eram maus e que não gostavam d'Ele por causa das Suas boas obras?

—É verdade, meu filho. Bem sabes que as pessoas que querem fazer mal não suportam a presença dos bons.

Como eu achei, mais tarde, que esta resposta era acertada! O mal não suporta a presença do bem. E estou convencido de que muitos dos nossos jovens em todo o mundo já tiveram essa experiência. Quando os nossos amigos tencionam fazer qualquer coisa mal feita, procuram a nossa colaboração. Se não a quisermos dar, seremos obrigados a deixá-los. Qual deve ser a nossa escolha? Ser cúmplice das suas más acções ou afastarmo-nos da sua nefasta companhia! É tão difícil renunciar aos nossos amigos... Mas Jesus é o melhor amigo que podemos ter. E mesmo se tivermos que fugir a certas influências mundanas, ganharemos com a troca. Os amigos que nos rejeitarem por causa das suas más acções farão o mesmo com Jesus. Crucificá-l'O-iam, se isso fosse possível.

Durante os anos seguintes, interessei-me por este assunto. O estudo da Bíblia deu-me a oportunidade de fazer novas descobertas neste domínio. Dois acontecimentos importantes tiveram lugar no dia da morte de Jesus. Pessoas perversas mataram-n'O, porém Ele diz-nos: «Eu dou a Minha vida.» Ele con-

cedeu-nos o dom da Sua vida por causa da nossa maldade. Ele sabia que o homem é mau e que herdou a tendência de fazer o mal porque não pode escolher por si próprio. Certamente, Deus concede-nos o maior número de oportunidades para nos levar ao arrependimento e à conversão. Mas como pode um ser humano mudar de natureza?

Eis a razão pela qual Jesus nos deu a Sua vida. Para nos permitir fazer uso do nosso livre arbítrio. Graças à Sua morte, podemos transformar-nos num novo ser, porque Ele oferece-nos uma nova natureza.

E agora o Espírito Santo repousa sobre aqueles que abominam o mal e que decidiram viver segundo a vontade de Deus!

Não é extraordinário que Jesus tenha escolhido a morte para viver em nós? Tremos nós abrir-lhe hoje o nosso coração?

Terceiro Dia

Não se Pode Brincar com Ele

Eu julgava que a minha avó nunca morreria. Ela cuidava de nós como as galinhas fazem aos seus pintinhos. Sem ela, sentíamos-nos perdidos. Considerávamo-la um pouco «o sumo sacerdote da casa». Claro que respeitávamos muito o avó e, quando ele nos mandava fazer qualquer coisa, obedecíamos sem hesitação. Mas, a maior parte das vezes, era a avó quem dava as ordens. Punha penos rápidos nas nossas feridas, fazia o comer, limpava a casa e tinha o cuidado de ver se as nossas tarefas diárias eram ou não executadas. Quando não as tínhamos feito ou fazíamos as nossas maldades, a avó pegava na correia pendurada atrás da porta da cozinha e castigava-nos com amor sem cometer excessos. Eu também não escapava a isso.

A avó tinha-me proibido expressamente de ir com o Sr. Roberto porque a parte trazeira da sua camioneta era um lugar perigoso. Ele circulava pela cidade, durante todo o ano, vendendo as suas frutas e legumes e também melancias, durante a maior parte do tempo. Ora o Sr. Roberto estava a envelhecer. Custava-lhe já a pegar nas melancias grandes. Todos os dias, dois ou três rapazes ofereciam-se para o ajudar. E, de manhã cedo, quando ele começava a trabalhar, juntava-se um enorme grupo de garotos em volta da camioneta, gritando: «Leve-me consigo!» «Deixe-me ir hoje consigo!» Então ele parava, percorria o grupo com

o olhar, os rapazes arregaçavam as mangas e o Sr. Roberto apalpava-lhes os músculos. Naquela manhã, aproximou-se de mim, examinou-me também e depois disse:

— Aqui está um rapazinho com força; estás pronto a trabalhar, rapaz?

— Sim, senhor — respondi eu.

— Bem, é também o que eu penso. Mas toma cuidado. Não comas fruta senão no fim do dia. E agora, a caminho!

E lá partíamos nós, muito orgulhosos, exclamando: «Quem quer fruta fresca e melancias?» Sentíamos-nos adultos quando pesávamos a fruta na balança fixada na trazeira da camioneta. Nunca confessávamos que já estávamos a ficar cansados, mas a verdade é que a fruta se ia tornando muito pesada para o fim do dia... O Sr. Roberto também nos deixava fazer o troco aos fregueses quando sabíamos fazer bem as contas.

Uma vez, entrei tarde em casa, no fim do dia. Claro que um dos vizinhos já tinha informado a avó do que eu andara a fazer. E quando ela me perguntou o que tinha acontecido, contei-lhe a verdade. Tinha desobedecido.

— Não sabes que eu te disse para não fazer isso? É muito perigoso e, além disso, és muito pequeno para andar a vender fruta com os outros rapazes. Não é trabalho para uma criança de dez anos.

— Eu sei, avó.

— Pois sabes mas, mesmo assim, desobedeceste e foste na camioneta.

— Pois fui, avó.

A desobediência pode tornar-se um hábito e levar-nos a fazer o mal. Vamos esperando que um dia nos tenhamos de libertar dela, ou então temos a esperança de que as pessoas nos desculpem. É uma doença terrível nas crianças.

O que eu sei é que, naquele dia, aprendi uma boa lição de dança. A avó agarrou-me pelo braço esquerdo e demos voltas diabólicas; eu, procurando evitar a correia preta, e a avó tentando acertar-me com ela. Era um espectáculo singular. Dir-se-ia que dançávamos uma quadrilha, a qual era acompanhada por uma espécie de música estranha da minha parte. A avó nunca me castigava sem ter conversado comigo a sós; queria que eu compreendesse a necessidade do castigo e que apenas dependia de mim que ele não voltasse a repetir-se.

Daquela vez, explicou-me que a correia fazia parte dos arreios do cavalo que tinha pertencido ao pai dela. Todos os cavalos tinham morrido e sido enterados há muito tempo. Uma parte dos arreios tinha sido vendida; o resto tinha desaparecido. A avó tinha conseguido salvar esta parte das rédeas, que media uns 95 cm de comprimento por 3 cm de largura. Era de um lindo couro preto. Ela tinha-a guardado cuidadosamente, pendurada na porta da cozinha para que não nos esquecêssemos de que ela estava ali.

— Uma mula pode ser teimosa — dizia a avó —, mas até ela tem que obedecer se quisermos que sirva para

alguma coisa. O meu pai segurava sempre as suas mulas com o auxílio desta correia. Elas tinham que traçar no terreno um sulco muito direito. Se se afastavam para a direita ou para a esquerda, era preciso fazer imediatamente uso da correia. Agora, se te comportares como essa mula, também me vou servir da correia. E tenho a impressão de que, se ela consegue fazer andar a direito as mulas teimosas, também te fará andar a ti pelo caminho recto.

Claro que aquelas correias costumavam estar fixas ao freio na boca de uma mula e só assim o animal poderia ser guiado. Mas fosse qual fosse o lugar em que a avó aplicasse a correia, eu reagia imediatamente. Uma pequena chicotada chegava. Nunca mais desobedecia.

A avó devia ter uma quantidade de espiões entre a vizinhança, porque eu não podia fazer nada sem que ela o soubesse logo. Muitas vezes jogávamos à bola no pátio da escola, ao fundo da rua que passava diante da nossa casa. Às vezes a bola vinha bater na nossa casa, partindo o vidro de um janelão. Acabávamos logo o jogo e precipitávamo-nos para casa, muito mais depressa do que habitualmente. A avó já sabia que eu estava implicado no caso da vidraça partida. A distância não adiantava muito; havia sempre alguém que ia a passar precisamente nesse momento ou então alguém nos tinha visto de uma janela e tinha tido muita pressa de ir dar a novidade à avó. Nesse tempo pensava que eram as pessoas piores do mundo. Mais tarde é que vim a saber quem eram elas. Eram precisamente as mesmas que se mostravam boas para mim no Natal, no dia dos meus anos ou noutra ocasião muito especial. Tratava-se portanto daqueles vizinhos de quem era cada vez mais amigo e que gostavam tanto de mim que se importavam com a formação do meu carácter. Pareciam os anjos invisíveis que nos guardam a todo o momento. Quanto à avó, dedicava-nos todo o seu tempo; era ela que cuidava das nossas almas. Queria que viéssemos a ser alguém na vida. Desde a minha mais tenra infância, ensinou-me a distinguir o bem do mal, procurou fazer-me compreender que aquelas lições vinham de Deus e que um cristão se abstém de fazer certas coisas.

O exemplo da avó

Ao longo dos anos, fui reunindo aqueles conhecimentos que adquirira sobre Deus, tal como a avó o fazia com o seu mosaico de trapos. Comecei a distinguir a mão de Deus estendida na minha direcção. Era ainda muito novo quando perguntei um dia à avó:

— Como é que uma pessoa se torna cristã?

(Ela respondeu-me sem hesitar, de uma forma clara e breve:

— Aquele que crer e for baptizado será salvo (Mar. 16:16).

Eu sabia que a avó tinha resposta para tudo, mas aquilo não me tinha parecido assim tão simples; aquelas palavras ressoavam na minha cabeça como uma fórmula mágica. Fiquei muito aliviado por saber que só era preciso aquilo. A avó não me disse mais nada durante um momento. Comecei a perguntar a mim próprio qual seria o significado da palavra fé. Eu acreditava em Deus. Não tinha sobre isso a mais pequena dúvida. Embora ainda não me tivesse baptizado, tinha a certeza de já ter feito a minha escolha.

Enquanto ouvíamos o fogo crepitar na chaminé, eu sentia que o «quebra-cabeças» tomava forma; o meu espírito punha-se a explorar tudo aquilo que eu sabia sobre Deus e sobre a religião. Mas em breve dei meia volta, porque não sabia muito a esse respeito. Seria realmente verdade que eu só tinha que acreditar em Deus e depois fazer-me baptizar? E então estaria salvo?

—Avó, o que é que eu tenho que fazer para crer?

Assim que fiz esta pergunta assustei-me, porque pareceu-me uma pergunta tola, mesmo feita por um rapazinho. Mas, mais tarde, aprendi que só é tola a pergunta que não chega a ser formulada. De facto, muitos adultos gostariam de perguntar a mesma coisa, mas não se atrevem a fazê-lo. Outros, têm igualmente necessidade de fazer esta pergunta, mas julgam ter a resposta para ela. Eu sabia que a avó tinha a resposta para a minha pergunta.

—Não é tanto aquilo em que se acredita que tem importância, meu filho, mas a forma como se acredita. Tu deves acreditar em Deus de todo o teu coração. Não podes brincar com Ele. Deves crer, de facto.

Senti então que a avó ia contar-me uma história. Não tirei mais os olhos dela e escutei-a, todo embevecido, bem aconchegado a ela. A avó contou-me então como se tinha interessado pela religião.

—Eu era ainda muito pequenina — começou ela, pousando a agulha.

Todas as recordações da sua infância lhe vinham ao espírito. Ela olhou para mim e sorriu.

—Tudo começou na pequena igreja, perto da nossa casa. Sempre me pareceu que os membros dessa igreja tinham um espírito um pouco infantil. Passavam o tempo a cantar, a bater palmas e a manifestar o seu regozijo gritando muito alto. Muitas vezes táziamos troça deles. Da janela do meu quarto, via-se tudo o que se passava na igreja. Não nos escapava nada; eu e a minha irmã ouvíamos os cânticos e as orações. Eram tão ridículos que chegavam a lavar os pés uns aos outros. As velhotas de calções compridos e largos por cima de botas altas todas abotoadas, era um espectáculo que nos fazia rir a bom rir. Depois abraçavam-se e beijavam-se.

Mas um dia, reconheci que vivia em pecado e que estaria perdida para sempre se não regularizasse a minha situação com Deus. Esta descoberta

perturbou-me a tal ponto que decidi reconhecer publicamente o meu estado de pecado. Fui à igreja, decidida a responder ao apelo do pastor. Naquele tempo havia um banco que se chamava o «banco dos penitentes», onde as pessoas que estavam arrependidas se humilhavam até terem recebido o Espírito Santo. As senhoras de mais idade da igreja e o pastor vieram colocar-se em volta de mim. O pastor pôs as mãos sobre a minha cabeça e fez uma oração que nem podes imaginar. Ouvi cânticos e gritos de entusiasmo. Depois ficaram todos calados. Apenas a oração de um ancião, que implorava ao Senhor que viesse em meu auxílio, perturbava o silêncio da pequena igreja. Então desatei a soluçar. Sabia que os meus pecados estavam perdoados. Que maravilhoso alívio. Estava, finalmente, livre para me levantar do meu estado de prostração, para manifestar a minha alegria e o meu entusiasmo.

E foi isso que eu fiz. Dum salto, saí da igreja, desci a rua numa correria para não parar senão à beira do ribeiro na orla da floresta e aí me sentei, dando graças a Deus. Confessei ao Senhor como tinha pena de todo o mal que fizera antes e prometi servi-Lo até à morte. E aqui está, meu filho, aquilo que eu procuro fazer.

—E baptizaram-te, avó?

—No domingo seguinte, nesse mesmo ribeiro, o pastor mergulhou-me na água onde enterrou o «velho homem». Depois, ergui-me dali para levar uma vida nova. Faz a mesma coisa! Crê de todo o teu coração e faz-te baptizar.

Eu sinto-me tão feliz ao pensar que Deus fez com que a nossa salvação seja uma coisa tão simples! E tu? Se o diabo, por um lado, faz todos os possíveis para nos levar ao pecado e à morte, Jesus, pela Sua parte, dá-nos a possibilidade de evitar as suas armadilhas.

O que pensas destas coisas? Acreditas sinceramente no Deus da Bíblia? Nesse caso desejas pôr n'Ele a tua confiança? Então, porque não permites que o Espírito Santo reine no teu coração?

Quarto Dia

Chave Inglesa para Canhotos

A história da conversão da avó impressionou-me extraordinariamente. De facto, a partir desse momento, imaginei que a minha própria conversão se realizaria da mesma forma. Mas isso embarçava-me um pouco e, sem dú-

vida, me impediu de fazer a minha escolha antes da adolescência. Cerca dos 13 ou 14 anos, comecei a interrogar-me seriamente sobre o estado da minha alma. Uma menina de 12 anos, que morava perto, foi vencida pela leucemia. Compreendi então que nunca era cedo de mais para me pôr em ordem com Deus.

No domingo seguinte, fui à igreja. Procurei com os olhos o «banco dos penitentes», mas em vão. Sofri terrivelmente quando o pastor fez o apelo. Encolhi-me todo na minha cadeira. Esta tortura renovou-se nas semanas seguintes. Mas, com o tempo, comecei a endurecer-me. No entanto continuei a frequentar as reuniões; tentei mesmo viver segundo bons princípios. De facto eu era um rapazito corajoso. Já não ia à igreja da avó, porque todos os meus camaradas frequentavam outra; e eu fazia questão de os acompanhar. Ia com um dos meus amigos chamado Emílio. Foi ele, aliás, que me apresentou ao Luís.

Este, um pouco mais velho do que nós, era feito da mesma massa que todos os outros rapazes, embora se distinguisse do grupo por possuir uma inteligência brilhante. Era monitor da Escola Sabatina para jovens. Conservei-me um pouco à parte porque não me sentia à altura de trocar opiniões com aqueles rapazes mais velhos do que eu, não falando nas raparigas que também tomavam parte nas discussões. Julgava que me seria mais agradável ficar de fora com outros camaradas. Mas em breve aprendi que aqueles que andavam abaixo e acima, quer nas escadas quer nos lavabos, não pensavam senão em fazer disparates.

Uma vida nova

Travei conhecimento com o Luís no campo de jogos de «basket». Este desporto foi a minha primeira paixão. O Luís era uma «fera» a jogar. Mas devo dizer que não era nada violento. Era simplesmente formidável. Mas aquilo que eu admirava nele era que os seus companheiros notavam bem que em tudo se comportava como um autêntico cristão. Desde que o conheci, nunca o vi zangado. Nunca discutia com os seus companheiros de equipa no campo de jogo e nunca pronunciava uma palavra maldosa. Era, muito simplesmente, diferente dos outros. Até sabia perder... Por mim, admirava-o muito. Era o camarada mais simpático que conhecia.

A maior parte dos rapazes da sua idade começavam a adquirir maus hábitos: por exemplo, fumavam, para fazer como toda a gente. Mas o Luís não tocava num único cigarro. A sua atitude encorajou-me a fazer o mesmo. Outros roubavam coisas quando íamos à loja da esquina. Achavam que era bom ter as coisas sem as pagar. Mas o Luís, não só nunca os imitaria, como não perdia nenhuma ocasião para lhes falar nesse assunto. Nunca nos fazia sermões, nas dizia sempre com um sorriso: «Bem sabem que isso não

está certo. Também gostavam que o Sr. Belo fosse a vossa casa e levasse as vossas coisas sem pedir licença?»

Claro que ninguém confessava ao Luís a admiração que tinha por ele, mas no nosso íntimo bem sentíamos que era o melhor camarada que tínhamos encontrado até ali. Mas isso não impedia que às vezes eu fizesse troça dele. E o Emílio ria comigo. Sempre que nos sentíamos tentados a fazer qualquer coisa mal feita, dizíamos um ao outro: «Não, o Luís não gostaria disso.» Mas nós bem sabíamos o que estava certo e como um cristão devia conduzir-se. Porém isso não impedia de viver o nosso cristianismo como «amadores».

Pelo fim do mês de Agosto, quando as distrações do verão acabaram (a nossa equipa fora dissolvida, todas as piscinas estavam fechadas e não havia televisão na vizinhança), aborrecíamos-nos imenso. Então resolvemos assistir às reuniões de sábado à noite. Fomos à igreja muitas vezes; fomos para as galerias, a fim de não perder nada do que se passasse sem ser obrigados a tomar parte. Tínhamos liberdade de falar quando quiséssemos, porque todos os pais estavam em baixo. Mas um dia, com grande surpresa nossa, vimos o Luís sentado mesmo atrás de nós. Devia ter chegado tarde e não tinha ido para o seu lugar habitual para não incomodar ninguém. Claro que, estando ele ali, ninguém falava. O nosso velho Pastor Brito fazia uma das suas habituais pregações. Durante toda a reunião senti que o olhar do Luís me atravessava. Quando fizeram o apelo fiquei pregado à cadeira. Sentia-me estrangulado por um mal-estar conhecido. Quando é que o pastor se calaria?

«Estão todos os teus pecados perdoados? Crês que Deus morreu por ti? Então porque O conservas afastado da tua vida?»

Já não podia mais; decidi então orar, não para receber o Espírito Santo ou para que os meus pecados fossem perdoados, mas para que o pastor acabasse com aquele longo apelo. Estaria ele apenas à minha espera e nunca mais se calaria? De repente, dei um salto da cadeira, desci os degraus, percorri a coxia central para atingir o outro lado da igreja. Quanto tempo levava a chegar ali? Ainda hoje, não o sei dizer. Tinha-me esquecido do lenço e as lágrimas corriam-me pelas faces. Quando cheguei à frente da igreja, uma irmã bondosa estendeu-me um lenço com rendas cor-de-rosa. Devia ter um ar um pouco ridículo com aquele lenço. Mas isso não tinha importância. Sentei-me, depois o pastor deu por finda a cerimónia e pronunciou uma bênção.

Na casa de Deus

Quando saí da igreja, sabem quem estava na escada para me cumprimentar? O Luís, em pessoa! Sorria com um sorriso aberto. Apertou-me a mão com força, dizendo-me:

— Que Deus te abençoe! Estou muito feliz por te teres decidido. Eu orei por ti.

Aquelas palavras assustaram-me. Então até onde me poderiam levar as suas orações? Queria desencorajá-lo de continuar, mas sentia-me muito feliz. Esta decisão importante privava-me um pouco do meu sangue-frio. O Emílio também me apertou a mão.

Pelo caminho, ao regressar a casa, tentei explicar ao Emílio, como se o fizesse a mim mesmo, o que acabara de se passar; já não estava no átrio da casa de Deus, mas tinha penetrado naquele santuário com todo o ardor da minha alma. E agora sentia-me muito bem. A avó chorou da alegria quando lhe contei o que acontecera. Ela passara muitas noites ansiosa e orando. A partir de agora, eu já não pertencia à classe dos filhos pródigos, mas começava a ter a noção de que a minha entrada para o colégio assinalava uma viragem na minha vida. A avó fazia as suas observações quando eu tinha uma má nota ou quando eu me demorava, à tardinha. Nunca me ralhava; contentava-se em orar para que o diabo não me levasse a construir castelos no ar ou a «procurar chaves inglesas de manejar com a mão esquerda».

Era uma das partidas tradicionais que fazíamos sempre que chegava algum novo aluno à escola. Mandávamos sempre o caloiro procurar essa famosa chave. Quando, finalmente, encontrava uma pessoa que ele calculava ter uma, esta mandava-o recomendar as suas pesquisas por todo o acampamento. Todas as pessoas sabiam do que se tratava, excepto o caloiro que acabava por se convencer de que não conseguia nada. E assim que o diabo trata connosco. Faz-nos andar à procura de divertimentos, de dinheiro ou de fama, sem que os consigamos obter. Os mentirosos e intruções nunca serão felizes. E se alguém julgar que vai encontrar a felicidade corrompendo a sua alma ou adquirindo hábitos que destroem o corpo, como o tabaco, a bebida ou a droga, pode estar certo de que está construindo sobre a areia. A avó regozijava-se pelo facto de o diabo não me ter iludido. Deus tinha-me mostrado alguma coisa melhor.

Ao tornar-me crente, recebi a orientação de que necessitava na adolescência. Sem fé nem lei, certamente me teria tornado escravo de maus hábitos; teria tido inúmeras complicações como aconteceu a muitos dos meus amigos. Nunca acontecia afastar-me dos princípios que a avó me tinha inculcado sem que o Espírito Santo me fizesse voltar ao bom caminho. E, contudo, a minha vida não fazia grande diferença daquela que eu levava antes ou até da dos meus companheiros do colégio. Eu ainda ia ao cinema; também gostava de dançar como os meus amigos, embora a minha consciência me perturbasse por vezes, quando os gracejos se tornavam grosseiros ou quando a música era de baixo nível.

E que pensa Deus de tudo isso?

Eu sentia bem que todas essas coisas deviam ser banidas da vida de um verdadeiro cristão. Perguntava muitas vezes a mim próprio o que pensaria Deus da minha conduta. Aborrecia-me por não corresponder àquilo que um cristão deve ser verdadeiramente. Mesmo a avó parecia ter-se resignado com a ideia de estar já desactualizada. Por isso não condenava em nada a vida fácil que eu levava. O Luís nunca ia dançar e, contudo, até ele parecia tolerar este género de divertimento que começava a atormentar-me. Mas teria eu o direito de transtornar o nosso mundo? Por que razão não fazer como os outros, já que toda a gente aprovava isso? Eu saía e divertia-me bastante. Um dia mais tarde, certamente, iria rever toda a minha conduta.

Quinto Dia

O Desenho na Colcha de Retalhos

A minha vida mudou completamente cinco anos mais tarde. Tinha-me integrado numa «orquestra de paz» como bateria. Tudo me apaixonava. No entanto, perguntava a mim próprio, muitas vezes, o que estava a fazer naquelas «boîtes» nocturnas, impregnadas com o fumo do tabaco.

Tudo começou numa manhã de Julho, em que fazia muito calor. Estava sozinho em casa. Tinha dormido pela manhã fora, pois chegara tarde a casa na véspera. Ouvi bater à porta mansamente, mas com persistência. «Deve ser algum cobrador», pensei eu, «nenhum dos meus amigos está levantado a esta hora. Seja quem for, vou desembrasar-me dele o mais depressa possível.»

Entreabri a porta e perguntei com um ar enfadado:

— Quem é?

— Bom dia. Chamo-me Jonhson e ando a fazer trabalho missionário neste bairro. Está tanto calor que lhe agradecia o favor de me dar um copo de água.

— Pobre homem, acho que bem merece o seu copo de água, depois de ter andado a subir tantas escadas.

— Obrigado! Foi muito amável em me atender. — Colocou a sua grande pasta preta perto da cadeira e sentou-se. Depois começou a beber a água lentamente.

— A sua casa é muito bonita.

— Eu gosto muito dela.

— Em que escola anda?

—Tenho o meu curso secundário. Sou músico— disse eu com um certo orgulho.

—Isso é interessante— respondeu ele.

Tínhamos entrado em diálogo agradável. Mas quando acabaria ele de beber a água? Eu queria voltar para a cama. Sem mesmo dar por isso, o meu olhar foi atraído para uma Bíblia preta de capa lustrosa. Estava mesmo na minha frente em cima da mesa da cozinha.

—Tem uma Bíblia, Sr. Grant?

O Sr. Johnson olhava-me nos olhos ao pronunciar estas palavras. O seu olhar reflectia mansidão e pureza. Não fui capaz de lhe mentir.

—Bem, penso que sim. De facto tinha uma, mas devo tê-la perdido. Realmente, não tenho.

Falava com atrapalhão. A verdade é que sentia vergonha de declarar que não tinha uma Bíblia. Começava a fazer calor naquela sala. Pela primeira vez compreendi que não vivia como um verdadeiro cristão.

—Se me dá licença, deixo-lhe ficar esta.

—Mas eu não tenho aqui dinheiro.

—Isso não tem importância. Um rapaz simpático como o senhor deve ter uma Bíblia.

Levantou-se e despediu-se. Fiquei embasbacado. Comecei a folhear a Bíblia. Cheirava bem e tinha lindas gravuras. Fazia-me lembrar os tempos felizes passados com a avó. Não sabia por onde havia de começar, mas estava contente por possuí-la. Aquele livro emanava uma espécie de atmosfera calma que toda a gente deveria sentir.

No dia seguinte de manhã o Sr. Johnson voltou ao bairro. Parece que adivinhava os meus pensamentos porque, assim que bateu à porta, a primeira coisa que disse foi:

—Olá, então gosta da sua nova Bíblia?

O meu embaraço foi o bastante para que ele compreendesse tudo. Mas eu estava muito contente de voltar a vê-lo.

—Entre, Sr. Johnson. Esta Bíblia nova interessa-me muito. O que não sei é por onde começar. Depois da leitura de todo aquele trecho que começa assim: «No princípio...», fico logo enalhado.

—Tenho aqui, precisamente, aquilo de que precisa— disse ele.

Tirou da carteira um grosso livro verde intitulado «Como ler a Bíblia em casa.»

—Ora bem, agora o que deseja sabermos da Bíblia?

—O que acontece quando morremos.

Ele folheou rapidamente o índice e explicou como podia encontrar todos os assuntos que me interessavam. Depois abriu a Bíblia na passagem indicada, leu e mostrou-me os textos adequados:

«E como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo» (Heb. 9:27)... Vi as cenas que se relacionam com o juízo final:

anjos em volta de Deus. Abriram-se os grandes livros. A vida de cada pecador foi passada em revista.

—Que momento terrível!— disse eu em tom de lamentação. Mas deu-me conforto ver Jesus junto do pecador, defendendo a sua causa. Jesus também me defenderia? Eu estava intrigado e uma enorme quantidade de perguntas me vinham aos lábios.

—Quando será isso? E onde? Todas as pessoas vão salvar-se? Onde é o inferno?

—Um momento, meu amigo! Não podemos avançar tão depressa. Eu deixo-lhe este livro. Paga-me quando puder. Vai estudá-lo em paralelo com a Bíblia e para a próxima vez eu voltarei com a minha mulher. Ela dá estudos bíblicos e estará em condições de responder a todas as perguntas que o senhor não for capaz de responder com este auxiliar. Agora tenho que me ir embora. Mas podemos orar juntos antes de nos separarmos?

A oração do Sr. Johnson deixou-me uma impressão estranha. Fiquei muito emocionado quando ouvi pronunciar o meu nome. Percebi então que alguma coisa extraordinária estava a passar-se na minha vida. Deus tentava penetrar no meu coração; finalmente, eu abria-lhe a porta e convidava-o a entrar. Depois da oração, senti um bem-estar como se tivesse tomado um duche refrescante.

Sou encorajado a estudar a Bíblia

Alguns dias mais tarde, conheci a esposa do Sr. Johnson, que achei muito competente no assunto, além de nunca perder o seu bom humor. Ela soube encontrar a maneira de eu achar o estudo da Bíblia apaixonante. Eu gostava de lhe fazer as perguntas que me preocupavam e depois procurávamos as passagens que respondiam a elas. Como era interessante aprender o lugar dos vários livros da Bíblia, saber quem foram os seus autores e adquirir a certeza de que tudo aquilo que nos é necessário está revelado nessas páginas sagradas.

O casal Johnson veio visitar-nos regularmente durante várias semanas e depois a senhora Johnson participou-me que, dentro de dias, teria lugar uma reunião ao ar livre, mesmo perto da nossa casa. Perguntou-me se eu queria ir assistir. Eu não via nenhum inconveniente em estudar a Bíblia na cozinha da minha casa, mas não estava preparado para participar numa assembleia daquele género e, ainda por cima, dentro de uma tenda! Comecei a ser perseguido por uma imagem que me obcecava: via o «banco dos penitentes» e os «santos» dançando como selvagens ao meu redor, tocando batusques. Arranjei toda a espécie de desculpas para não ir, mas ocultando-lhes a verdadeira razão da minha recusa para não parecer ingrato depois de tantas amabilidades que tinham tido comigo.

Uma noite, pensando que os Johnson poderiam vir buscar-me para ir à reunião, decidi esquivar-me e ir ao ci-

nema. Quando o filme acabasse já eles deviam estar em casa. A Sr.^a Johnson tinha dito que era a última reunião, mas que me importava isso? Naquele dia o filme foi mais pequeno que de costume. Como o autocarro ainda ia demorar, resolvi ir para casa a pé. Escolhi o caminho mais comprido para ter a certeza de que os Johnson já não estariam à minha espera. Ao aproximar-me de casa, comecei a notar que ao fundo da rua havia uma grande iluminação. Havia pessoas no passeio e muitos carros estacionados. Também me pareceu ouvir música. Aquilo só podia vir da tenda. Murmurei baixinho: «Quer dizer que a tenda ainda lá está!» Dir-se-ia que estavam todos de pé, prontos para partir. Fui espreitar pela parte de trás para ver em que lugar estavam os Johnson. Um rececionista, de aspecto simpático, estendeu-me um hinário e convidou-me a entrar.

—Bem, entro apenas uns minutos— disse eu. E afinal, porque não entrar? Devem estar quase a fazer a última oração. Depois vou logo para casa.

Depois de se ter cantado um hino que, por sinal, eu até conhecia, alguém fez oração e, a seguir, o evangelista anunciou imediatamente o tema daquela noite:

—Como terminamos esta noite a nossa série de encontros, queremos rever alguns pontos que constituem ainda problemas.

Pronto! Tinha caído na armadilha. Em vez do hino final, tínhamos estado a cantar o primeiro. Por nada deste mundo eu queria estar no meio de pessoas gesticulando com os seus batusques. Bem, tentei esquivar-me, mas sentia-me sempre retido pelo sorriso da Sr.^a Johnson, que parecia mostrar muito desejo de que eu me sentisse à vontade. Por isso não podia ir-me embora sem ser indelicado. Resolvi então ficar até ao fim, pelo menos até que eles começassem a cantar. Então sairia o mais depressa possível.

Depois, o evangelista explicou as profecias e mostrou um filme sobre os grandes animais simbólicos da Bíblia. Tudo aquilo fazia sentido e isso eu não podia negar. Quando a pregação terminou, eu estava bem convencido de que o pastor conhecia bem o assunto que tratara. E eu ficara com vontade de saber mais. A reunião terminou com um trecho musical. Foi projectada uma imagem representando Jesus no écran que estava à entrada da tenda. Estava de pé e estendia as mãos trespassadas por gregos. «Eu abandono tudo por Jesus. Inclino-me humildemente aos Seus pés, renuncio aos prazeres deste mundo; toma-me Jesus, toma-me neste momento.» As palavras deste hino traduziam perfeitamente os meus pensamentos mais íntimos, ao olhar eu para o rosto bondoso e cheio de compaixão.

—Ele deu a Sua vida por ti— disse o pregador.— Que Lhe darás tu em troca? Esta noite, Ele chama-te. Deseja que faças parte do Seu pequeno rebanho que guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Não queres vir?

De um salto, desci a coxia coberta de serradura. Sentia-me tão bem... Contudo, estava inquieto e inseguro sobre o meu futuro, mas, por outro lado, feliz por ter finalmente tomado uma decisão. Ao voltar para casa, estava ansioso por contar aos meus pais o que se tinha passado. Entrei, todo excitado, pela casa dentro, chamando a minha mãe, a minha avó e também a tia Ida.

— Sabem que vou tornar-me adventista do sétimo dia? Vou ser baptizado no próximo sábado. Querem ir assistir?

Claro que eu não esperava que elas se pusessem a saltar de alegria, mas o que se passou surpreendeu-me imenso. A tia Ida foi a primeira a deixar a sala, sem uma palavra. A minha mãe lançou-me um olhar de desaprovação que nunca mais esquecerei. Só a avó se deixou ficar, ocupada com o fogão. Passaram-se alguns minutos até que ouvi qualquer coisa. Aproximei-me dela e vi que estava a chorar.

— Mas que mal há nisto, avó?

— Meu filho, acho que tens o direito de decidir sozinho, mas sempre desejei que fosses um verdadeiro cristão.

— Mas, avó, os adventistas do sétimo dia são cristãos.

— Então, porque guardam eles o sábado dos judeus?

— Avó, tu sabes que realmente o sábado é o verdadeiro dia de repouso. A Bíblia diz que...

— Não me venhas agora contar o que a Bíblia diz. Já a li muito antes de ti, quando tu ainda nem sequer tinhas nascido.

O modo seco da avó era sinal de que não valia a pena continuar a discutir. Achei preferível afastar-me. A minha mãe chamou-me e ralhou-me por ter dado um desgosto tão grande à avó.

— Então o que devia eu ter feito, mamã?

— Educámo-te para seres uma pessoa de bem, digna de respeito. Não nos passava pela cabeça que pudesses fazer um tal disparate. Puseste de lado tudo o que te ensinámos. Como pudeste fazer isso?

Virou as costas. Nunca me senti tão só como naquele momento.

Introspecção

Os Johnson tinham-me ajudado muito nas suas orações. Pediam continuamente a Deus que me amparasse. Na sexta-feira à tarde, ao pôr-do-Sol, tentei observar o sábado. Era tudo o que eu podia fazer para evitar de pensar no meu trabalho, porque estava correndo o risco de perder o emprego. Sentia-me só e incompreendido por toda a gente; os meus amigos também me faziam perguntas embaraçosas. O meu chefe, mesmo assim, tinha-me dado autorização para faltar um sábado quando lhe disse que queria baptizar-me. Ele estava convencido de que, muito antes do dia acabar, aquela ideia esquisita já teria desaparecido da minha cabeça.

De manhã, acordei quando ainda fazia escuro, e já não consegui voltar a adormecer. A Escola Sabatina começava às 9 horas e 30 minutos e eu tinha imensa vontade de assistir. Mas como fazê-lo sem ferir a minha mãe e a minha avó? Também teria que voltar costas aos meus amigos? Isso era para mim muito difícil de fazer. Saí cedo e comecei a andar pelas ruas. Cerca das 9 horas, aproximei-me do pátio da escola e estavam a jogar o «basket», como de costume. Não consegui concentrar a atenção no jogo, porque os meus pensamentos se dirigiam constantemente para a pequena igreja. Nunca lá tinha entrado, mas sabia onde era. Eram já 9 horas e 30 minutos e eu ainda no mesmo sítio, mas agora, pensava eu, já tomei a minha decisão. Por isso, porque não aproveitar um pouco do jogo de «basket»? Joguei com ardor. Passou o tempo. Eram já 10 horas e 30 minutos. Habitualmente, os jogos duravam todo o dia mas, desta vez, parece que toda a gente tinha outra coisa que fazer àquela hora. Por isso deixaram o campo, um após outro, e eu fiquei só. Continuei então o meu passeio pelo bairro.

Nesse momento, voltei a ouvir dentro de mim as palavras da Sr.^a Johnson: «Vai ser sepultado com Jesus no baptismo. Lembre-se de que devemos obedecer a Deus e não aos homens.» Parece que estava a ver o seu olhar cheio de entusiasmo. Devia estar na igreja esperando por mim, impaciente por me poder considerar como fazendo parte do seu grupo. Iria eu decepcioná-la? E o Sr. Johnson que tinha sido tão paciente comigo? Dirigi-me maquinalmente para a pequena igreja situada à esquina de duas ruas. Era um bom espaço de caminho a percorrer, mas as casas foram passando sem eu dar por isso. Pensava comigo que não valia a pena preocupar-me com este problema do baptismo. A cerimónia já devia ter acabado há muito tempo. Mas isso não era razão para que eu não fosse ver o que se estava a passar.

No momento próprio

Ao passar pela entrada lateral onde estava situado o baptistério, vi muitas pessoas na escada. Pelas redondezas, tudo estava cheio de carros. Mas eu tinha a certeza absoluta de que a cerimónia tinha acabado. A Sr.^a Johnson tinha-me recomendado: «Venha às 9 horas e 30 minutos». Já era quase meio-dia. A minha ideia era subir a escada e dar uma olhadela para o interior da igreja. Teria eu então esquecido o que se tinha passado da última vez? Mas iria ficar mais tempo do que previa, porque a porta se abriu para deixar passar um jovem afável que eu já tinha visto na tenda e que me perguntou:

— O senhor é que é o Sr. Grant? Então entre! Chegou mesmo a tempo para ser baptizado.

Mal pude balbuciar algumas palavras de desculpa, pois me levavam para uma sala onde outros jovens estavam vestidos com as batas brancas para serem baptizados. Um diácono deu-me uma igual, que eu vesti.

Dentro de pouco tempo, começou a ouvir-se música. Alguém nos levou para o salão da igreja. Foi-nos lido o compromisso do baptismo. Devíamos responder com «sim», se estivessemos de acordo. Eu escutava com toda a atenção. Contudo, houve dois pontos que eu não percebi muito bem, mas tinha a certeza de que, se fossem do mesmo teor dos outros, também concordava com eles. Em breve foi a minha vez de entrar na água baptismal. Nunca tinha visto o pastor pessoalmente, mas ele reconheceu-me; também sabia o meu nome e anunciou a toda a assembleia:

— Este jovem veio para trabalhar na vinha do Senhor.

Depois baptizou-me. Os Johnson abraçaram-me e apresentaram-me à juventude da igreja.

Acabava de encontrar o meu lugar na equipa dos obreiros do Senhor. Todas as pessoas da igreja pareciam muito contentes por ver um jovem decidido a confiar a sua vida ao Senhor. Comecei a sentir que tinha importância para alguém. Todos os sábados, as pessoas me cumprimentavam e queriam saber notícias minhas. Certamente calculavam as dificuldades que eu teria por me ter tornado adventista. Os meus pais conseguiram, finalmente, esquecer o seu ressentimento. Mas o problema estava longe de ser resolvido com o meu patrão e também com alguns dos meus colegas. Não se muda de natureza de um dia para o outro. Contudo o Senhor cuidava de mim e eu sentia-me feliz por ter enterrado o meu velho Lorenzo nas águas do baptismo. Jesus dava-me uma nova vida.

Comecei a ver uma certa semelhança entre a forma como a avó fizera a sua colcha e aquilo que me ensinara. Refiro-me a todos os pedaços de verdade sobre Deus que ela me tinha ensinado. Mas este modelo tornou-se muito mais belo quando me deixei conduzir por Deus para o ministério evangélico. Mais tarde, tive a alegria de me reconciliar com a minha mãe e com a tia Ida através do baptismo. Porque elas passaram também a partilhar a esperança da próxima vinda de Jesus.

Nunca esquecerei a felicidade que senti quando fiz um apelo na Igreja da minha cidade e vi o meu pai avançar e descer a coxia com o seu andar incerto. Também ele queria dar o seu coração a Jesus. Tive igualmente a alegria de baptizar o meu próprio filho, a minha filha e muitos outros membros da família de Deus.

Sabem que a minha vida teria sido completamente diferente se eu não tivesse tomado a decisão de seguir a Jesus? E tu? Também já fizeste a tua escolha?

OS JOELHOS e as mãos tiveram sempre muito que ver com a atitude do homem a orar. Uns e outros parecem ser um meio para exprimir, em oração, o nosso recolhimento e a nossa humilhação diante do Pai celestial.

Jesus, enfrentando a prova suprema da Sua vida, quando estava presa por um fio a sorte do género humano, quando era mais grave e transcendente a Sua submissão ao Pai, quando era mais dramático o grito da Sua apavorada humanidade, diz-nos o texto que «pondo-Se de joelhos, orou ...» Então Deus O revestiu de um imenso poder.

Também nós deveríamos fazer da semana de oração uma ocasião para receber o poder do Céu. Devemos estar completamente seguros de que Deus quer, nesta ocasião, derramar sobre nós abundantes bênçãos espirituais: quer encher-nos de poder e de coragem, quer fortalecer a nossa fé, quer dar-nos valor, quer tornar mais radiante e segura a nossa experiência religiosa, quer transformar-nos em crentes vitoriosos; mas para que tudo isso possa realizar-se, necessitamos de que o Pai celestial nos encontre de joelhos: deposto o nosso orgulho e vaidade, deposta a nossa rebeldia e auto-suficiência, humildes e submissos na Sua presença, com lábios mais dispostos a confessar do que a pedir, com corações mais aptos a escutar do que a falar. De joelhos, sem altivez, sem soberba, sem justificações vagas, nem argumentos vãos, mantendo silêncio diante d'Ele, o silêncio da receptividade, da aceitação, da reflexão, do exame de consciência, do arrependimento ...

Parece que nem sempre existiu o hábito de unir as mãos para orar. Os antigos, como ainda se faz em algumas ocasiões, levantavam as mãos para o céu. S. Paulo, aludindo



DE JOELHOS E COM AS MÃOS UNIDAS



CARLOS PUYOL

a este costume, disse a Timóteo: «Quero pois que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda» (I Tim. 2:8).

Prefiro as mãos postas em atitude de oração. Sempre me impressionaram as famosas mãos pintadas por Alberto Dürer. Mas, quer se levantem quer se unam, as mãos devem ser santas e limpas: limpas de todo o proveito desonesto, limpas de sangue e de violência, limpas de todo o pecado de imundícia. Meu querido irmão, se as tuas mãos estão contaminadas por qualquer destes pecados habituais do mundo moderno, limpa-as nesta semana de oração, vai à presença do Senhor com as mãos puras que, quando se unam para orar, não sejam nem uma burla nem uma blasfémia.

Também a semana de oração deve ser um santuário de reconciliação de uns com os outros. Os dedos acusadores da crítica, a intolerância ou a incompreensão, as mãos contraídas pela ira, ainda que seja santa, o enfado ou a indignação, devem cessar para dar lugar às mãos que se unem para orar, para abençoar, para dar graças, para suplicar perdão como perdoamos aos nossos devedores ...

Não pode haver ira, nem ódio, nem contendas nas mãos que se unem em atitude de oração. São mãos que invisivelmente estão unidas a outras mãos por um maravilhoso laço de comunhão fraternal.

Que a paz, a harmonia, o amor, o gozo, a cooperação e qualquer outra virtude de uma genuína convivência cristã sejam, ainda, outros tantos frutos da nossa semana de oração.

Mas para isso, lembrai-vos de que Deus nos deve encontrar DE JOELHOS E COM AS MÃOS UNIDAS.